

**As (in)Visibilidades das Mulheres Arquitetas.  
Eventos de arquitetura em Portugal, 2010-2019**

**Ana Filipa Casteleira Duarte**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(Mestrado Integrado)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Doutora Patrícia Santos Pedrosa

**setembro de 2020**



## **Dedicatória**

Dedico esta dissertação aos meus pais, Olga e Armindo, como reconhecimento pelo apoio que me deram em todas as decisões da minha vida.

Amo-vos muito.



## Agradecimentos

Serve esta secção da dissertação para agradecer a todos aqueles que me foram fundamentais ao longo deste percurso, quer a nível académico, quer a nível pessoal.

À minha mãe Olga Casteleira, que ao longo destes cinco anos de curso me apoiou nos momentos de felicidade e nos vários momentos de fraqueza e vontade de desistir e nunca me deixou baixar os braços e que me ensinou a lutar contra todas as dificuldades. Porque também tu és uma guerreira.

Ao meu pai Armindo Duarte, que mesmo longe, viveu comigo este curso que era também um sonho dele, e tentou que a Arquitetura vivesse em mim durante estes anos. Vivo Arquitetura, também, por ti.

Ao Pedro, que suportou o meu mau humor e *stress* quando se aproximavam as entregas de Projeto e que me apoiou sempre nos momentos de maior cansaço físico e mental, sem nunca me deixar perder o foco.

Aos meus tios e tias, que anseiam que eu venha a ser reconhecida pelo meu trabalho, seja em que área for.

Ao meu avô materno João, que embora não exprima com facilidade o que sente, é um avô orgulhoso da sua neta mais velha, pelo seu percurso de vida.

Aos meus restantes avós: avó Irene (materna), avó “Lai” e avô Duarte (paternos), que nunca conheci, pois sei que me apoiariam de igual modo se aqui estivessem.

À Professora Patrícia Santos Pedrosa, orientadora desta dissertação, por me ter ajudado a abraçar este tema apesar das dificuldades sociais que, infelizmente, o mesmo ainda implica. Por ser uma lutadora.

Por último, mas não menos importante, a todos os amigos e colegas que riram e choraram comigo, fazendo destes cinco anos, os melhores da minha vida.

A todos, o meu mais sincero obrigada.



## **Resumo**

A desigualdade de tratamento e direitos entre mulheres e homens e a disparidade entre ambos, são um problema ainda presente na sociedade atual. Quer a nível de valores pessoais, quer a nível do quotidiano dentro de cada profissão, essa diferença é cada vez mais visível, por exemplo, no modo como umas e outros são remunerados pelo trabalho idêntico que fazem. Para o exercício da arquitetura, nascer-se mulher tende a ser desfavorável, uma vez que a profissão é tradicionalmente masculina e o trabalho das mulheres arquitetas é menos visível. Esta questão implica inúmeras outras, que vão desde a ausência nas bibliografias utilizadas nas escolas de arquitectura, à menor presença em júris de arquitectura até serem minoritárias no recebimento desses mesmos prémios.

Partindo deste contexto, a presente dissertação visa analisar, ao nível da arquitetura, a desigualdade entre mulheres e homens, através do modo como as arquitetas são invisibilizadas em relação aos colegas. De um modo crítico, pretende-se estudar as presenças de umas e outros em eventos arquitetónicos em Portugal, neste início do século XXI e procurar perceber os dados que demonstram essa desigualdade. Propõe-se uma investigação comparada de dois casos de estudo – a Garagem Sul do Centro Cultural de Belém e a Casa da Arquitectura, de 2010 a 2019 –, fazendo um mapeamento exaustivo dos seus eventos de arquitectura, identificando estas presenças e ausências de mulheres e homens, de arquitetas e arquitetos.

## **Palavras-chave**

Mulheres Arquitetas; Portugal; Eventos de Arquitetura; Visibilidade; Século XXI.



## **Abstract**

Inequality of treatment and rights between women and men and the disparity between both are still a problem in today's society. Whether in terms of personal values or in terms of daily life within each profession, this difference is increasingly visible, for example, in the way in which both are paid for the identical work they do. For the exercise of architecture, being born a woman tends to be unfavorable, since the profession is traditionally male and the work of women architects is less visible. This question implies countless others, ranging from the absence in the bibliographies used in architecture schools, to the lesser presence on architectural juries, to being a minority in the receipt of these same awards.

Starting from this context, this dissertation aims to analyze, in terms of architecture, the inequality between women and men, through the way in which architects are invisible in relation to colleagues. In a critical way, we intend to study the presence of one and the other in architectural events in Portugal, at the beginning of the 21st century and try to understand the data that demonstrate this inequality. A comparative investigation of two case studies is proposed - the Garagem Sul of the Centro Cultural de Belém and Casa da Arquitectura, from 2010 to 2019 -, making an exhaustive mapping of its architectural events, identifying these presence and absence of women and men, architects and architects.

## **Keywords**

Women Architects; Portugal; Architecture Events; Visibility; XXI Century.



# Índice

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos .....	v
Resumo .....	vii
Abstract.....	ix
Lista de Acrónimos .....	xv
Introdução .....	1
I – Mulheres arquitetas em Portugal.....	5
I.1 – Olhar Histórico .....	5
I.2 – Perceções das mulheres arquitetas .....	29
II – Os eventos de arquitetura e as arquitetas.....	43
II.1 – Reflexão Crítica.....	43
II.2 – Eventos de arquitetura em Portugal.....	49
II.3 – Garagem Sul, Casa da Arquitectura e a presença das mulheres.....	59
Conclusão.....	69
Bibliografia .....	71



Apêndice I – Entrevistas.....	79
II.1 - Alexandra Melão .....	79
II.2 - Ana Jara.....	81
II.3 - Andreia Garcia.....	83
II.4 - Andreia Salavessa.....	85
II.5 - Catarina Madruga .....	87
II.6 - Cristina Veríssimo .....	89
II.7 - Gabriela Salhe .....	90
II.8 - Inês Campos .....	91
II.9 - Inês Moreira.....	93
II.10 - Isabella Rusconi.....	95
II.11 - Joana Pestana Lages.....	97
II.12 - Lia Antunes.....	99
II.13 - Luísa Paiva .....	101
II.14 – María José Cuesta .....	103
II.15 - Patrícia Robalo .....	105
II.16 – Paula Melâneo.....	109
II.17 - Paula Miranda .....	111
II.18 - Paula Santos.....	113
II.19 - Rita Ochoa.....	114
II.20 - Sofia Machado .....	115
II.21 – Susana Rosmaninho .....	117
II.22 - Vera Gonçalves .....	119
II.23 – Verónica Baraldi .....	121
 Apêndice II – Quadro resumo das entrevistas .....	 123
 Apêndice III – Quadro analítico dos eventos de arquitectura: Garagem Sul e Casa da Arquitectura (2010-2019).....	 128



## Lista de Acrónimos

AAP	Associação dos Arquitectos Portugueses
AIA	<i>American Institute of Architects</i>
AICA	Associação Internacional de Críticos de Arte
AIMMP	Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal
CAM	Centro de Arte Moderna
CCB	Centro Cultural de Belém
CIAUD	Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design
CODA	Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto
CPCI	Confederação Portuguesa da Construção e Imobiliário
ESAD	Escola Superior de Artes e Design
EUA	Estados Unidos da América
FAUL	Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
FAUP	Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
FAUTL	Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
FCG	Fundação Calouste Gulbenkian
FDIM	Federação Democrática Internacional de Mulheres
IADE	Instituto de Arte, Design e Empresa
ISCTE	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
LNEC	Laboratório Nacional de Engenharia Civil
MA	Mulheres na Arquitectura
MC	Ministério da Cultura
MDM	Movimento Democrático das Mulheres
MLM	Movimento de Libertação das Mulheres
OA	Ordem dos Arquitectos
RIBA	<i>Royal Institute of British Architects</i>
UBI	Universidade da Beira Interior



## Introdução

Em Portugal e no mundo, associa-se desde sempre a figura da mulher a um ser doméstico e cuidador. A genérica entrada tardia das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, na arquitetura, dificultou a tarefa de esta conseguir igualar os seus direitos aos dos seus colegas homens, que já há muito estavam fixados na profissão. Maria José Estanco e Maria José Marques da Silva – abordadas nesta dissertação –, como pioneiras da arquitetura em Portugal, viram o seu percurso dificultado, quer na sua formação, quer posteriormente no mercado de trabalho, por serem mulheres e por serem as primeiras.

O interesse no desenvolvimento deste tema surge da intenção de conhecer e dar a conhecer conceitos adjacentes à temática da equidade de género. Sendo mulher, estando a terminar o curso de arquitetura e tendo desde sempre o interesse pelas questões que dizem respeito à igualdade entre mulher e homem, a autora optou por este tema, como vontade de que esta dissertação suporte futuras outras pesquisas relacionadas com a mesma temática e que possa ajudar a atenuar as diferenças abordadas pela mesma.

Desde sempre que existe uma enorme desigualdade entre mulheres e homens em diversas situações do quotidiano, desde as que parecem mais simples, até às que envolvem toda uma complexidade tipológica. Assim, escolheu-se esta temática com base no curso que suporta a presente dissertação, envolvendo-o com essa mesma desigualdade. Deste modo, este trabalho visa analisar exaustivamente os eventos de Arquitetura realizados em Portugal, ocorridos na segunda década do século XXI, prestando especial atenção ao número de mulheres e homens – arquitetas e arquitetos –, considerados na totalidade das pessoas que participaram ou foram convidados desses mesmos eventos. O objetivo principal desta investigação é a obtenção de números que contribuam para uma visão clara, focada na disparidade – ou não – mulheres e homens. Para isso, foram escolhidas como casos de estudo duas instituições do país, destinadas a apoiar e divulgar a arquitetura como atividade social e artisticamente relevante: a Garagem Sul, do CCB e a Casa da Arquitectura.

A metodologia utilizada para a realização desta dissertação passará pela análise de documentação variada. Foi consultado um vasto leque de bibliografia, que serviu como apoio a uma primeira contextualização acerca do panorama da arquitetura em Portugal. Foi analisado meticulosamente todo o material disponível *online* de ambas as instituições mencionadas, de modo a identificar eventos, as suas tipologias e, assim, permitir a posterior contabilização do número de convidados e convidadas para obter



Resultados globais e percentuais, que podem ser comparados entre si. Quando esta investigação se iniciou, ficou claro que era fundamental entrevistar as pessoas responsáveis pela gestão e/ou programação destes dois espaços. Infelizmente nenhuma das instituições – Garagem Sul e Casa da Arquitectura – responderam ao repto.

Foram ainda feitas entrevistas a arquitetas portuguesas ou que se encontrem a trabalhar em Portugal, na atualidade, para que se possa compreender o seu percurso no país, no contexto da profissão, através das suas experiências pessoais e também das suas opiniões no que toca ao exercício da arquitetura, sendo mulher. Para facilitar as leituras transversais destes conteúdos, foi efetuado um quadro resumo com o que de mais relevante foi considerado em cada resposta.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, dedicado ao enquadramento, é efetuada uma abordagem histórica, necessariamente introdutória, às mulheres arquitetas em Portugal, seguida da leitura do que são as perceções resultantes das análises das 23 entrevistas efetuadas. No segundo capítulo, as instituições de divulgação de arquitectura são o principal tema de trabalho. Assim, surge primeiro uma reflexão crítica sobre as visibilidades das mulheres arquitectas neste contexto. Depois é efetuado um enquadramento geral sobre os eventos de arquitetura, em Portugal, anteriores às datas em estudo. Finalmente, observam-se e analisam-se os dados centrais deste trabalho: quem organiza e participa nos eventos de divulgação arquitetónica, em Portugal, na Garagem Sul e na Casa da Arquitectura, durante a década de 2010? Como se encontram representadas as mulheres, arquitectas e não-arquitectas, neste contexto?

É imprescindível referir que todo o processo de pesquisa e posterior composição desta dissertação foi muito moroso, devido à escassez de informação sobre o tema a tratar e também por ser esta a primeira dissertação, feita em Portugal, com este objeto de estudo e acerca desta temática. Sendo a matéria-prima para realizar o trabalho de pesquisa reduzida, o caminho foi mais difícil de percorrer do que era esperado, mas também espera-se contribuir para que esta dissertação se torne *a posteriori* uma referência para quem necessite desta informação e reflexão. O facto de ser a primeira dissertação a estudar a presença das mulheres arquitetas nos eventos em Portugal, acrescentou a este trabalho uma carga enorme de responsabilidade, pois os dados e as conclusões retiradas no final da pesquisa e análise servirão como exemplo para que se mude o que está a ser feito no momento no nosso país e para que a mulher arquiteta não mais seja invisibilizada.



# I – Mulheres arquitetas em Portugal

Não é possível olhar os tempos que vivemos sem lhes perceber as raízes. Deste modo, procurando não perder de vista o que são as questões e objetivos deste trabalho, iniciaremos por esboçar um olhar mais alargado sobre o que é ser-se mulher arquiteta em Portugal, tanto historicamente como sob o prisma da perceção de algumas arquitetas no ativo atualmente. Serão identificadas mais à frente no subcapítulo, duas vias para obtenção de conhecimento, que se relacionam com o modo como o trabalho das arquitetas chega até ao público e que são fundamentais para percebermos as (in)visibilidades das mesmas.

## I.1 – Olhar Histórico

*Num país com a nossa dimensão geográfica e pouco dado a alterações nos papéis sociais de género, é justo sublinhar que a prevalência da arquitetura no masculino sacrificou a vida profissional de Maria José Estanco, que formada em 1942 e tornando-se a primeira arquiteta portuguesa, nunca conseguiu que os seus colegas homens a aceitassem como par. (Fragoso, 2018, p. 9)*

No panorama internacional, para se conseguir alguma contextualização, encontramos tempos diversos de entrada da mulher na profissão Arquitetura. Nos Estados Unidos da América, em 1888, Louise Blanchard Bethune (1856-1913) foi a primeira mulher reconhecida a trabalhar como arquiteta profissional no país e, em 1890, Sophia Hayden Bennet (1868-1953) surge como a primeira estado-unidense a receber um diploma de Arquiteta. Passando para a Inglaterra, Ehtel Mary Charles (1871-1962) foi a primeira a ser admitida como membro do *Royal Institute of British Architects* (RIBA), em 1898, e em 1917 as mulheres começaram a estudar Arquitetura na *Architectural Association*, em Londres. Em França, no ano de 1898, a Escola de Belas-Artes de Paris teve como exceção à regra a aluna americana Julia Morgan (1872-1957) que, ao longo da sua carreira como arquiteta, projetou mais de 700 edifícios, cujo mais conhecido é o Hearst Castle, na



Figura 1 - Fotografia do Hearst Castle, projetado por Julia Morgan e construído entre 1919 e 1947, s/a, s/d.  
Fonte: (Greenwood, s/d)

Califórnia, [Fig.1]. Na Suíça, em 1923, Flora Steiger-Crawford (1899-1991) foi a primeira da profissão a graduar-se no Instituto Federal de Tecnologia, em Zurique e, por fim, geograficamente mais perto, Matilde Ucelay Maortúa (1912-2008) teve o seu percurso marcado por ser a primeira licenciada em Arquitetura em Espanha, e veio, em 2004 a receber o Prémio Nacional de Arquitectura do mesmo país. (Antunes, 2012, p. 94)

Verifica-se que, enquanto em Madrid e Paris o ensino da Arquitetura de forma autónoma já havia começado nos séculos XVIII e XVII, respetivamente, em Portugal essa mudança só se verificou no século XX. Isso veio a afetar de uma forma drástica a história da Arquitetura no nosso país e a forma como esta profissão é ensinada e exercida até aos dias de hoje. Acreditava-se que, a aprendizagem e prática das artes pelo sexo feminino era aceitável, desde que feito em casa, sem grande visibilidade e apenas por lazer. Era permitido e favorável que elas estudassem, mas apenas em cursos que fossem considerados apropriados para a sua condição de mulher. Áreas como Engenharias e Arquitetura podiam ser estudadas, desde que não fossem posteriormente exercidas, uma vez que a mulher deveria casar e formar família bastante cedo, não tendo tempo durante o seu dia para dedicar a uma profissão tão exigente. Aos poucos, todas as profissões foram abrindo caminho para que as mulheres se enleassem entre os homens que já ocupavam nelas cargos de importância. Passo a passo, no final do século XX, em algumas áreas como Medicina e Direito, começou a verificar-se o mesmo número de profissionais do sexo feminino e do masculino e, na primeira década do século XXI, a Arquitetura apresentou quase igual quantidade de mulheres e homens inscritos na Ordem, antiga Associação dos Arquitectos Portugueses. (Pedrosa, 2014, pp. 102-106)

O século XX foi assinalado por um período de mudança, quer a nível de avanços na tecnologia, quer no que toca a conquistas, mas também retrocessos, civilizacionais e dos direitos das mulheres. Em Portugal, país que viveu, durante quase metade do século,



Figura 2 - Fotografia de Maria José Estanco, evento do MDM, s/d, s/a.  
Fonte: (MDM, s/d)

num regime ditatorial e conservador, verifica-se desde cedo que a mulher é deixada para segundo plano, tendo como principal papel cuidar do lar e da sua família, o que levou a que a figura feminina, tendo que ser *bela, recatada e do lar*, permanecesse afastada de qualquer cargo de decisão e poder. Ainda assim, algumas profissões tradicionalmente masculinas começam a ter mulheres no seu meio. Surgem no início da década de 1940 as primeiras arquitetas do nosso país, sendo a primeira delas a arquiteta Maria José Estanco (1905-1999) [Fig.2], formada em Lisboa em 1942. (Monteiro, 2015, pp. 56-59)

Maria José Brito Estanco Machado da Luz foi o exemplo das inúmeras dificuldades que uma mulher da sua época tinha para entrar na arquitetura. Chegou a ser caricaturada em jornais da época que faziam questão de frisar que uma mulher não devia ter qualquer ligação à construção. Uma vez inscritas no curso, as mulheres sentiam-se geralmente discriminadas e postas de parte pelos colegas e professores do sexo oposto, que lhes recordavam por diversas vezes que o seu papel era de dona do lar e afirmavam que, mesmo conseguindo acabar o curso, nunca iriam conseguir exercer a profissão. (Monteiro, 2015, pp. 56-59)

Com a entrada para o liceu, Maria José Estanco notou que o sexo feminino era representado pela minoria, sendo que na sua turma havia apenas oito raparigas. Ainda assim, aos 17 anos de idade termina os estudos no liceu, muda-se com a mãe para a zona do Rato, em Lisboa, e inscreve-se no Curso de Habilitação para o Magistério Liceal de Desenho (1922/1923). A partir dessa época, o número de mulheres no ensino superior começa a aumentar ao longo do tempo, com 19% de mulheres inscritas até aos anos 1940. Nesse curso frequentou diversas cadeiras como Matemáticas Gerais, Geometria Descritiva e Estereotomia e, em 1926, fez o Exame de Estado do 9º grupo de Ensino Liceal que lhe permitiu terminar o curso. É nesta fase que começa também a trabalhar para ajudar a mãe com as despesas familiares. Aos 21 anos muda-se para Algés e inscreve-se no Curso Especial de Pintura, fazendo nesse mesmo ano (1927) uma



Figura 3 - Fotografia da Rua São Luiz, Marília - SP, 1928. Fonte: (Câmara Municipal de Marília, s/d)

interrupção nos estudos, quando viaja com a mãe para o Brasil para visitar a sua irmã mais velha. Foi esta viagem que despertou o seu gosto pela arquitetura, pois durante os dois anos que permaneceu no país pôde ver nascer de raiz a cidade de Marília, em São Paulo [Fig.3], onde acompanhou as obras que marcaram o seguimento da cidade e, assim, aprender algumas técnicas de desenho e construção, técnicas essas que posteriormente viria a utilizar na sua profissão. (Roxo, 2016, pp. 75-78)

Como a fazenda onde vivia com a família ficava a 80km da nova cidade e o seu cunhado trabalhava para o dono de parte da área da mesma, Maria José Estanco começou a acompanhá-lo nas suas visitas ao local – cada vez mais frequentes – e seguiu de perto a evolução da cidade bem como o seu desenho urbano e presenciou momentos de relativa importância, como o lançamento da primeira pedra da construção da igreja. Apesar da pressão para que Maria José ficasse no Brasil, na fazenda onde morava, a então estudante quis regressar a Portugal com um objetivo bem traçado: ser arquiteta. Por essa mesma razão, aos 24 anos, em 1929, matricula-se no Curso Especial de Arquitetura Civil onde termina o 3º ano com uma média de 15.85 valores, obtendo isenção do pagamento de propinas por ser uma aluna de mérito. (Roxo, 2016, pp. 75-78)



Figura 4 - Perspetiva de "Um Jardim-Escola no Algarve", guache sobre madeira, Maria José Estanco, 1942.  
Fonte: (Roxo, 2016)

No ano em que regressa a Portugal casa com Raimundo da Silva Machado da Luz (1903-1985), pintor e estudante que conheceu na Escola de Belas Artes, ainda antes de ir para o Brasil. Ao mesmo tempo que começa a lecionar a disciplina de Desenho no Liceu D. Filipa de Lencastre. Termina a parte curricular do curso de arquitetura em 1935, sendo a única mulher numa turma composta só por colegas homens. O seu gosto pela Arquitetura fez com que viajasse pelo mundo e conhecesse novos países, trazendo depois as suas experiências para as aulas, cativando os alunos pelo gosto na área. Partilhou durante muitos anos um pequeno *atelier* com o marido e mais tarde com o filho Manuel

José Estanco Machado da Luz (c.1943-1997)<sup>1</sup> que se tornou também arquiteto. Em março de 1942, Maria José Estanco propõe-se para as provas do Concurso de Obtenção do Diploma de Arquiteto (CODA). Para isso apresenta um projeto ao qual deu o título de “Um Jardim-Escola no Algarve” [Fig.4], projeto esse que foi aprovado e possibilitou que Maria José, no dia 27 de julho de 1942 pelas nove horas da manhã, defendesse o CODA com a classificação de dezasseis valores em vinte. (Roxo, 2016, pp. 80-86)

Uma vez que durante o seu percurso académico considerou não se sentir discriminada pela sua condição de mulher, imaginou que o seu futuro profissional fosse da mesma forma. Tal não aconteceu. As suas tentativas de trabalhar na Câmara Municipal de Lisboa foram em vão pois não tinha a Carta Militar – documento facultado apenas aos homens e que era obrigatório para o trabalho que pretendia – e quando tentava lugar em *ateliers*, os mesmos eram-lhe negados por ser mulher. (Roxo, 2016, p. 86)

Ao longo do seu trajeto profissional, enquanto lecionava no ensino liceal, desenvolveu no seu *atelier* inúmeras outras atividades como a pintura, o desenho de mobiliário e a conceção de joias. Colaborou ainda com a revista *Modas e Bordados*, que tratava temas tradicionalmente femininos. A par disso, dava explicações a conhecidos que necessitavam, chegando até a ajudar um recluso do Estabelecimento Prisional de Linhó, filho de um amigo de família, de modo a que este terminasse o 5º ano. Fez parte, durante anos, do Concelho Português para a Paz e também do Movimento Democrático das Mulheres (MDM), movimento a favor do reconhecimento da condição social das mulheres, representando-o em Praga, em 1981, na Conferência Mundial de Mulheres organizada pela Federação Democrática Internacional de Mulheres, FDIM. Cinquenta e sete anos depois da sua primeira viagem, em 1986, regressa a Marília onde pôde recordar a época em que viu erguer a cidade. Em 1992, recebe a *Medalha de Honra* do MDM e em 1999, Olga Quintanilha entrega-lhe o Diploma de *Arquiteto de 1942*. Vem a falecer nesse mesmo ano, 14 anos após o seu marido e dois anos depois o falecimento do seu filho. (Roxo, 2016, pp. 98-100)

Um ano após Maria José Estanco ter defendido o CODA e terminado o curso como melhor aluna de Arquitetura, também Maria José Marques da Silva (1914-1994) [Fig.5] conclui o seu curso com distinção (1943), sendo uma das cinco mulheres formadas em Arquitetura na década de 1940 e a primeira da escola portuense. Ao contrário de Maria José Estanco, que não tinha quaisquer relações familiares no ramo, teve a sua inclusão no meio da Arquitetura mais facilitada, por ser filha do mestre José Marques da Silva

<sup>1</sup> Foi aceite a data apresentada pelo ABC Cineclubes, de 16 de março de 1943, embora Roxo refira a data de 26 de abril de 1942. (ABC Cineclubes, 2007) (Roxo, 2016, p. 80)

(1869/1947) [Fig.6], um importante arquiteto portuense da época. (Monteiro, 2015, p. 59)



Figura 5 - Fotografia de Maria José Marques da Silva, arquivo FIMS, 1953 (aos 39 anos).

Fonte: **(Universidade do Porto, s/d)**



Figura 6 - Fotografia de Maria José Marques da Silva e José Marques da Silva, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 1943.

Fonte: **(Universidade do Porto, s/d)**

Iniciou a sua carreira no *atelier* do pai, onde conheceu David Moreira da Silva (1909-2002) [Fig.7], também arquiteto e urbanista, com quem veio então a casar, em 1943, e a dividir *atelier* no Porto, onde foram projetados inúmeros edifícios presentes na cidade e fora dela. Trabalhou, a partir do casamento, em conjunto com o seu marido com quem partilhou a liderança do *atelier* por várias décadas (Reis de Carvalho, 2020, p. 9).



Figura 7 - Fotografia de Maria José Marques da Silva e David Moreira da Silva, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, s/d.

Fonte: **(Universidade do Porto, s/d)**

Apesar de nas décadas de 1970 e 1980 ambos se terem afastado da profissão, a arquiteta exerceu alguns cargos de chefia na Associação dos Arquitectos Portugueses, liderou a

Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitetos bem como organizou o 40º Congresso da mesma associação, que aconteceu no Palácio da Bolsa, no ano de 1986. No final da sua vida, fez questão de que o legado do seu pai não fosse esquecido, deixando-o em testamento à Universidade do Porto para posterior criação da atual Fundação Instituto Marques da Silva, que se dedica nos dias de hoje a promover, estudar e divulgar todo o espólio do arquiteto José Marques da Silva e do acervo de Maria José Marques da Silva e do seu marido (Reis de Carvalho, 2020, pp. 105-134).

Apesar de as carreiras de ambas as arquitetas mencionadas anteriormente terem seguido rumos muito diferentes, havia algo que as unia: o gosto pelo falar em público e pela defesa de causas – Maria José Estanco com o seu papel fundamental no MDM e Maria José Marques da Silva com a criação da Fundação Instituto Marques da Silva e com a sua participação ativa na Associação dos Arquitectos Portugueses, (AAP), atual Ordem dos Arquitectos, (OA) (Pedrosa, 2010, p. 236).

Se na década de 1940 eram apenas cinco as mulheres que concretizaram os seus estudos em arquitetura, as estudantes desta área nos anos 1950 viram o seu percurso mais favorecido, mudando para doze o número de diplomadas: cinco no Porto e sete em Lisboa. Assim, aos poucos, as mulheres foram abrindo portas no mundo da arquitetura, integrando as novas arquitetas em *ateliers* para começarem a sua carreira como estagiárias e desbravando caminhos para que abrissem depois os seus próprios gabinetes, o que lhes proporcionava uma enorme projeção no meio (Monteiro, 2015, p. 59).

Como exemplo de uma arquiteta da década de 1950 surge Maria Emília Guedes de Castro, licenciada na Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1959. Ainda nos anos 1950 inaugura o seu próprio *atelier*, rompendo todas as barreiras que ainda existissem na época, pois acreditava que a arquitetura fazia sentido se fosse feita desde a grande à pequena escala. Assim, era vista por muitos como corajosa pelo imenso número de projetos que se propunha a fazer, ainda que estes fossem os trabalhos que os seus colegas punham de parte, por considerarem de menor importância e escala. Desta forma criava uma enorme proximidade com todos os que participavam da obra e tratava a mesma com muito mais pormenor, até à menor escala. Verificava-se que apesar de algumas arquitetas se imporem no meio e exercerem a profissão, muitas outras desistiam de serem reconhecidas, ficando muitas vezes à sombra de alguém, homens arquitetos. E se, por um lado, a sociedade atual caminha, ainda que lentamente, para uma tentativa de paridade de mulheres e homens em diversas áreas, por outro lado, verificamos que ainda hoje há desigualdades entre umas e outros no que diz respeito, por exemplo, aos ganhos

monetários apresentados por cada um, ao desempenharem o mesmo papel profissional (Monteiro, 2015, pp. 59-61).

Ainda neste contexto de meados de século XX, encontramos outras duas arquitectas que têm um interesse especial pelas suas relações africanas. Maria Emília Caria (1926-2000) e Maria Carlota Quintanilha (1923-2015) frequentaram o curso de arquitetura numa época, como já referimos, em que o regime tinha como um dos seus principais focos manter as mulheres do país sob controlo. A mulher devia contentar-se em manter o seu lar organizado e em harmonia. Apesar de todas as restrições impostas pelos órgãos de poder, estas mulheres levaram em frente a sua luta pela conquista de um lugar no mercado de trabalho, equivalente ao dos homens. Após anos de luta, foram surgindo oportunidades empregadoras para as mulheres, uma vez que com a Guerra Colonial, emigração e criação de mais postos de trabalho, a presença do homem foi diminuindo (Milheiro & Fiúza, 2020, pp. 1-2).

Carlota Quintanilha formou-se no Porto, em 1953, e Maria Emília Caria, em Lisboa, anos depois. Ambas trabalharam para as ex-colónias portuguesas em África, desde o final dos anos 1950 até ao início de 1970. Enquanto Maria Carlota Quintanilha viajou para Angola no mesmo ano em que terminou o curso e mais tarde para Maputo, Maria Emília Caria permaneceu em Portugal. No ano de 1962, esta arquiteta trabalhava para o gabinete do Ministério das Relações Externas, que foi encerrado aquando da Revolução de 1974. O seu cargo neste gabinete levou Maria Emília a viajar por Angola, Guiné Bissau e Cabo

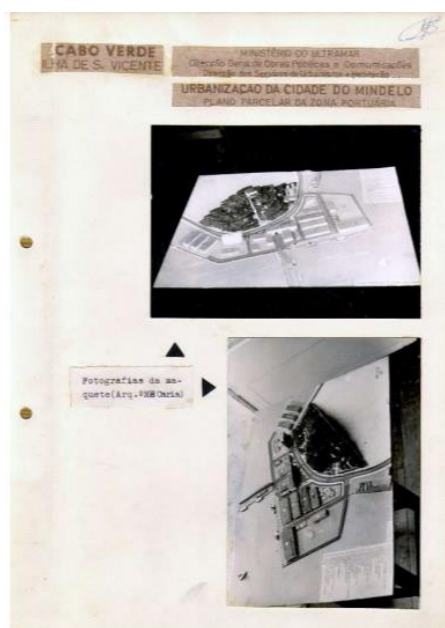


Figura 8 - Plano de Desenvolvimento Urbano para Mindelo, Ilha de S.Vicente, Cabo Verde. Maria Emília Caria, 1969. Fonte: (Milheiro & Fiúza, 2020)

Verde, onde desenvolveu planos de desenvolvimento urbano em diversas cidades [Fig.8] (Milheiro & Fiúza, 2020, pp. 3-10).

Maria Carlota Quintanilha começou a desenvolver o seu trabalho como arquiteta em 1956, ano em que o seu marido, o arquiteto João José Tinoco (1924,1983) chega a Moçambique. Juntos desenvolveram inúmeros projetos para o país do sudoeste africano e trabalharam para várias comissões para o Departamento de Obras Públicas de Moçambique. Desenvolveram ainda várias instalações aeronáuticas, como o Porto Amélia e o Aeródromo Vila Cabral. No final dos anos 1960, o casal divorciou-se e, por volta de 1966 Maria Carlota Quintanilha deixou de realizar projetos com o ex-marido e começou a trabalhar com outros arquitetos. Contrastando com Maria Emília Caria, cujos projetos podemos distinguir como dela, os projetos de Carlota Quintanilha eram realizados, na sua maioria, em colaboração com colegas homens, e por essa razão é difícil ainda nos dias de hoje, dizer quais são unicamente dela (Milheiro & Fiúza, 2020, pp. 14-16).

Segundo o artigo de Ana Vaz Milheiro e Filipa Fiúza, enquanto o percurso de Maria Carlota Quintanilha foi algo que gerou alguma controvérsia para a comunidade portuguesa de Arquitetos, a presença de Maria Emília Caria foi tida como de elevada importância. Percebe-se através do estudo feito, que Carlota Quintanilha viu o seu trabalho ser mais reconhecido devido ao seu marido, uma vez que a arquiteta foi sempre bastante reservada em relação às suas ideias e opiniões e também porque a personalidade bastante carismática de João José Tinoco acabava por ofuscá-la. É referida inúmeras vezes apenas como esposa do arquiteto e não como arquiteta. Já Maria Emília Caria, trabalhou de forma independente, deixando sempre o seu nome nos projetos, debatendo os seus ideais em igualdade com os seus colegas homens e, por ser casada com um homem com uma profissão distinta, nunca se viu pressionada a competir com o marido. Foi o exemplo de como uma mulher casada, ainda que no período do Estado Novo, conseguiu alcançar reconhecimento por merecimento próprio (Milheiro & Fiúza, 2020, p. 16).

Embora muito diferentes, ambas ajudaram a perceber como também as mulheres arquitetas mudaram o panorama das ex-colónias portuguesas em África. Maria Emília Caria levou a debate as populações mais desfavorecidas das ex-colónias e o seu contexto urbano, e Maria Carlota Quintanilha, através do seu contexto moderno e ortodoxo, desenvolveu novas técnicas e formas de expressão na arquitetura, podendo posteriormente aplicá-las nos seus projetos em África. Com a ajuda das duas arquitetas, o continente africano passou a ser palco de vários estudos de caso, e tornou-se exemplo

de que a arquitetura feita por mulheres, num local onde, até então só existia arquitetos, poderia atingir níveis de qualidade – técnica e estética – tão elevados quanto os atingidos por homens (Milheiro & Fiúza, 2020, pp. 16-17).

De modo a enriquecer um pouco mais a pauta de arquitetas mencionadas nesta pesquisa, surge Luz Valente-Pereira, nascida em Lisboa, em 1934. Devido à falta de informação atual sobre mulheres arquitetas, os recursos para compreender a vida e percurso da arquiteta são bastante reduzidos mas a diversidade de percursos pessoais e perfeccionais vão começando a surgir. Pode afirmar-se que, diferente do que acontecia com maioria das jovens portuguesas de então, Luz Valente-Pereira foi uma privilegiada no que toca à sua independência. Foi desde cedo encorajada a estudar, para que tivesse um futuro onde pudesse expressar as suas opiniões e ser útil para a sociedade. Frequentou desde jovem aulas de desenho, o que a levou, em 1953, a ingressar em Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, concluindo o curso após cinco anos. Passou algum tempo em Paris, no início da década de 1960, e em África, onde desenvolveu um projeto para uma aldeia na Costa do Marfim (Pedrosa & Antunes, 2020).

Já em Lisboa, passa a integrar o *atelier* de Nuno Teotónio Pereira (1922-2016), onde começou a perceber o seu desinteresse pela realização de projetos. Desta forma, através da procura por novas experiências na arquitetura, recebeu uma bolsa da Organização das Nações Unidas, e com ela a oportunidade de trabalhar sobre planeamento em países em desenvolvimento. Volta para Paris em 1962, onde faz uma Pós-Graduação em Planeamento e Desenvolvimento Regional, onde ficou a conhecer profissionais de todo o mundo. De regresso a Portugal, trabalha entre 1965 e 1966 na elaboração do Plano Diretor de Lisboa, onde fez, maioritariamente, o trabalho de pesquisa, no entanto, também não encontrou interesse na área (Pedrosa & Antunes, 2020, pp. 4-5).

É no ano de 1966 que a sua vida profissional dá uma volta, quando começa a fazer pesquisa no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, local onde permanece até 1996, e cria uma carreira sólida como pesquisadora. Durante esses trinta anos, apresenta dezenas de publicações consequentes do seu trabalho de pesquisa sobre urbanismo e reabilitação e realiza inúmeras conferências quer em Portugal, quer no exterior. Começando ao lado de Nuno Portas (n. 1934) e depois seguindo o seu próprio percurso, desenvolveu pesquisas e apresentou soluções para muitos problemas habitacionais e urbanos. Preocupados com as necessidades da população, foram autores de pesquisas que procuravam entender o quotidiano das pessoas e o modo como habitavam o espaço, de forma a melhorá-lo. Ao longo dos anos, expandiu as suas pesquisas para os espaços urbanos e, depois de ser admitida na Ordem dos Arquitectos em 1980, participou no

segundo congresso da mesma, com o título *Os Arquitetos e o Ordenamento do Território*. Teve diversas como consultora, por exemplo, na equipa responsável pelo Plano Integrado Almada-Monte da Caparica (Pedrosa & Antunes, 2020, pp. 5-11).

O final da sua carreira profissional estabelece-se no ano de 1996, com a sua saída do LNEC, mas surge ocasionalmente como professora convidada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, em Lisboa e em algumas mesas redondas. Embora seja detentora de um vasto currículo, no que diz respeito a produção científica baseada na arquitetura, como já foi mencionado, a ausência de referências a seu respeito é bastante visível. É um dos muitos exemplos no feminino de arquitetas que, apesar de trabalharem fora dos *ateliers* e dos focos, desempenharam e desempenham um importante papel na construção da história da arquitetura no país (Pedrosa & Antunes, 2020, pp. 12-13).

Outro dos exemplos notáveis que diz respeito às arquitetas em contexto português é Helena Roseta, nascida em Lisboa, em 1947. Arquiteta e ativista portuguesa, é reconhecida também pela sua diversa experiência em cargos públicos e políticos e na docência. Licenciada pela Escola Superior de Belas artes de Lisboa, tem no seu *curriculum* atividade como Secretária Geral do Sindicato Nacional dos Arquitetos até 1973, deputada do Parlamento em 1976, 1995, 2001 e 2015 (Lisboa), 1979 e 1980 (Setúbal), 1987 (Porto) e 2005 (Coimbra), entre inúmeros outros cargos relacionados com a política de Portugal (Roseta, 2019).

Foi eleita Presidente da Ordem dos Arquitetos, de 2001 até 2007, anos em que lutou pelos direitos e reconhecimento do papel dos arquitetos em Portugal. É defensora dos direitos sociais e das mulheres, temas que aborda com frequência em congressos nacionais e internacionais, onde trata também a questão da cidade e da crise urbana. Fundadora da IF – Intervenção Feminina e dinamizadora do Movimento Sim, relacionado com a não condenação do aborto vem, ao longo dos anos, a ser uma voz ativa na luta pela igualdade de direitos e pela liberdade de expressão feminina (Roseta, 2019). Propôs, em 2005, a realização de um Fórum Nacional dedicado aos Direitos das Mulheres (Jiménez, 2019). No ramo da arquitetura, foi ainda parte importante na recuperação de bairros clandestinos nos anos 1970, e trabalhou na área do planeamento relacionado com a qualidade do ambiente e requalificação urbana. O seu trabalho foi merecedor de vários prémios de reconhecimento como a Medalha Pro Mérito do Conselho da Europa (1983), a Ordem da Liberdade (2005) e a distinção da OA como Membro Honorário (2019) (Roseta, 2019).

Olhando para o contexto histórico nacional mais alargado, e recuando novamente, como afirma Irene Vaquinhas (2004, p. 150) era visto como normal no século XIX o “não reconhecimento da mulher como ser juridicamente autónomo”. Todas as decisões tomadas na vida de um casal seguiam pela vontade do sexo masculino, sendo que a mulher nunca podia (nem devia) dar a sua opinião no que quer que fosse. Tal panorama começa, aos poucos, a mudar quando entramos no século XX. Apesar de ainda se encontrar num regime monárquico naquela época, Portugal vê-se a atravessar um conjunto de reivindicações por parte do “sexo fraco”, sobretudo durante a sua primeira década. (Pedrosa, 2014, p. 100)

Toda essa procura pela visibilidade estava relacionada com a educação – regalia principalmente dos homens –, com o trabalho, com o direito ao voto e a intervenções na área da política e também com mudanças no que diz respeito ao estado matrimonial. Aos poucos a visibilidade das mulheres na sociedade foi-se tornando mais comum. Nos anos 1950, a necessidade de sobrevivência fez com que acontecesse uma mudança drástica na indústria, levando a que o setor terciário ganhasse um papel de enorme destaque no país. As mulheres aproveitaram a criação de cerca de 40 mil postos de trabalho e fizeram-se notar, ocupando aproximadamente 40% destes. Como consequência destas alterações, nos anos 1960 verificou-se uma significativa alteração no número de pessoas por agregado familiar, já que as alterações socioprofissionais das mulheres implicavam alterações também na estrutura familiar tradicional, agora mais urbana. Dessa forma, a década de 1960 foi fundamental para que o papel da mulher na sociedade – a nível profissional e educacional – ficasse de uma vez por todas marcado na história de Portugal, papel esse que o 25 de Abril de 1974 e a consequente implementação democrática vieram fincar ainda mais. (Pedrosa, 2014, pp. 100-102)

Verifica-se entre os anos 1960 e 1970 o que se chama de primeira onda do feminismo, que com ela trouxe uma enorme vontade de dizer não a todas e quaisquer formas de tradição opressoras, normalmente sustentadas pelo poder do patriarcado. (Antunes, 2015, p. 6) Em janeiro de 1975, nove meses após a Revolução dos Cravos, o Parque Eduardo VII foi tomado por um grupo de mulheres pertencentes ao Movimento de Libertação das Mulheres, que tinha encontro marcado com o objetivo de reivindicar os seus direitos contra uma sociedade machista [Fig.9]. Este protesto juntou várias mulheres acompanhadas pelos filhos e, para espanto das mesmas, dezenas de homens que as receberam abruptamente, levados pela curiosidade provocada pelos media, que anteciparam um espetáculo de queimadas de *soutiens* e *strip-tease*. A intenção simbólica do evento, como afirma a escritora e uma das fundadoras do MLM, Maria Teresa Horta (n. 1937), seria queimar os símbolos da opressão feminina, como por exemplo uma

esfregona e um *bouquet* de flores (Delas, 2017). Mas o evento rapidamente passou de um protesto pelos direitos das mulheres para um escândalo que forçou as protestantes a fugir do local sem cumprirem o seu propósito. A presença dos homens – e de algumas mulheres – cujo objetivo era destabilizar e causar o pânico na manifestação, levou a que o primeiro protesto do MLM não funcionasse como previsto. (Cortez, 2020)



Figura 9 - Manifestação do MLM. Parque Eduardo VII. 13 de janeiro de 1975.  
Fonte: (Cortez, 2020)

Como resultado da implementação da democracia em Portugal, em 1974, o sufrágio universal - direito ao voto de todo e qualquer cidadão, independentemente do seu sexo e condição social – foi, finalmente, alcançado. Terminou também a proibição do divórcio para todos os matrimónios realizados pela Igreja Católica e a ideia de família perfeita foi-se apagando à medida que os apoios do governo para todas as crianças, quer tenham estas nascido dentro ou fora do casamento, foram surgindo. Assim, com a progressiva emancipação das mulheres, a presença destas em escritórios, por exemplo, aumentou gradualmente de cerca de 11% em 1940, para 35% nos anos 70 e 42% em 1980. A então tradicional família portuguesa começou a encarar a educação das mulheres com outros olhos, o que se traduziu numa diminuição do número de mulheres analfabetas e, conseqüentemente, uma tomada de posição por parte da mulher, em áreas profissionais que requeriam estudos. Dados da AAP mostram que na década de 1970, o número de arquitetos/as inscritos/as na OA era inferior a 500, sendo que destes, apenas 5% eram mulheres, enquanto em 1980 foram aceites mais de 186 arquitetas e 609 novos homens arquitetos, o que vem reforçar que, de facto, as mulheres começavam então a assumir o seu papel no mercado de trabalho da Arquitetura. (Pérez-Moreno & Pedrosa, 2020, pp. 5-8)

Como mencionado anteriormente, se as pioneiras, Maria José Estanco e Maria José Marques da Silva tinham terminado a sua formação nesta área na década de 1940, e

tinham tido percursos diversos, mas sem grande visibilidade, com Maria José Estanco a fazer da sua principal profissão o ensino e Maria José Marques da Silva a trabalhar de certo modo “na sombra” do seu marido. Como elas, muitas outras terão visto a sua vontade de serem arquitectas dificultadas ou impedidas, seja porque as barreiras sociais se prevaleciam em relação à vontade que tinham de seguir na profissão, ou mesmo porque nem lhes era dada uma oportunidade de formação (só) porque nasceram mulheres. (Pérez-Moreno & Pedrosa, 2020, pp. 8-9)

No contexto internacional, a partir da década de 1980, começa-se a tomar mais consciência acerca das mulheres como arquitectas e da arquitectura feita por mulheres. Em 1990, o papel da mulher na arquitectura começa a ser ainda mais tido em conta, quer como autora – arquitecta – quer como utilizadora dessa mesma arquitectura, no modo como utiliza o espaço, pois a sua opinião começa a ser mais escutada e a ter relevância na sociedade. Desta forma, começaram a ser debatidos temas como a casa, a arquitectura e a cidade de então, também pelo ponto de vista feminino, o que assegurou a consolidação da mulher na profissão e da mulher enquanto cidadã. (Antunes, 2015, p. 6)

Em Portugal, em 1986, ao ser publicado o catálogo da *Primeira Exposição Nacional de Arquitectura*, verificou-se que, de um total de 317 participantes, apenas 48 eram do sexo feminino e ainda ao serem analisados cerca de 500 projetos, em 57 destes as mulheres surgem em coautoria e em apenas 38 como únicas autoras. Numa análise aos projetos, constatou-se que metade das propostas individuais eram habitações e que as restantes, projetadas por mulheres, apresentavam enorme variedade tipológica, sendo que incluíam inúmeras instalações públicas como escolas e escritórios e também diversas obras de requalificação urbana, fator que veio a demonstrar que a presença das mulheres na área da Arquitectura seria uma mais-valia uma vez que agregavam conhecimento à área e traziam consigo opiniões diferentes das dos seus colegas homens, através do modo como experienciavam a cidade. (Pérez-Moreno & Pedrosa, 2020, p. 9)

Essa visão distinta do mundo e do viver a cidade, foi transportada até aos dias de hoje como um benefício na hora de projetar o espaço, apesar de que, embora o sexo feminino na atualidade inscrito na OA – e em faculdades de Arquitectura pelo país - esteja em número quase equivalente ao masculino, elas continuam a não ser vistas em número igual ao dos seus colegas, sendo uma percentagem bem menor no que toca à vida pública, como veremos mais à frente. Ainda que, em Portugal, nos dias de hoje a percentagem de mulheres arquitectas seja quase igual à dos homens, com cerca de 46% de mulheres, a diferença salarial entre os sexos é enorme, sendo que, no nosso país esse número traduz-

se numa percentagem de 25% a favor do homem (2% a mais do que a média europeia e 15% a mais do que na vizinha Espanha). (Pérez-Moreno & Pedrosa, 2020, p. 10)

Ao percorrer o caminho da história da Arquitetura portuguesa até à atualidade, verifica-se que existem algumas ocasiões importantes em Portugal, que fizeram com que a discussão acerca das mulheres arquitetas fosse algo que de facto começou, aos poucos, a ser tida em conta. Jorge Figueira, arquiteto, deu o mote em 2010 ao editar o primeiro número da segunda série da revista Joelho [Fig.10]. Ainda que esta publicação se focasse maioritariamente na história das mulheres arquitetas no século XX e no panorama internacional, *Joelho #1 – Mulheres na Arquitectura* teve o seu objetivo cumprido, ao levar este tema à tona, numa altura em que este estava submerso. (Pinheiro, 2018, p. 119)

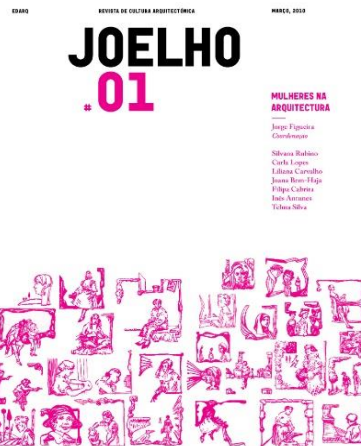


Figura 10 - Capa da revista Joelho #1 - Mulheres na Arquitectura, s/a, 2010. Fonte: (Impactum-Journals, 2010)

Junto com esta publicação, Jorge Figueira realizou também um colóquio e uma exposição. Assim, e apesar do que foi referido anteriormente acerca da época abordada na revista, conseguiu-se trazer à discussão o panorama atual em Portugal e conscientizar o país da importância das mulheres arquitetas e do seu papel no desenvolver da profissão. Desse modo, consta na entrevista feita por Sónia Pinheiro a Jorge Figueira (Pinheiro, 2018, pp. 278-279) que este lançou também a discussão nas aulas de Teoria da Arquitectura que leciona na Universidade de Coimbra, introduzindo o tema como material de debate e tentando mudar a mentalidade dos seus alunos e alunas, o que certamente os levará a encarar a profissão de uma forma diferente, uma vez que serão os arquitetos de amanhã. (Pinheiro, 2018, p. 119)

Outro momento marcante na história da luta pelo reconhecimento das mulheres arquitetas em Portugal, foi o trabalho de Patrícia Santos Pedrosa, no 1º Encontro

Internacional de História da Arquitectura, em 2010. O artigo com o título *Being a Female Architect in Portugal: A Short Introduction to a Long Ride*, foi o primeiro texto académico feito em Portugal, sobre o tema das mulheres arquitetas, e foi escrito no contexto do referido congresso internacional que, nesse ano, se realizou em Guimarães. Mais uma vez, o artigo e a sua apresentação ajudaram a contextualizar o início da história do longo percurso das mulheres arquitetas no país. (European Architectural History Network, 2010)

Já em 2015, teve lugar em Lisboa o II Congresso Internacional de Arquitectura e Género: Matrizes. Em 2014, começou com o objetivo de ser apenas um congresso único em Sevilha, e passou, nos anos seguintes, a ser desenvolvido numa série de vários congressos por outros países. A sucessão destes eventos, levou a que a discussão acerca de temas como a igualdade de género na arquitectura fosse mantida e levada em conta por pessoas de diferentes áreas e geografias dentro da arquitectura, o que deu origem a que se iniciassem novas pesquisas sobre o tema (Lombardero, 2018, p. 240).

Matrizes, foi o nome da edição levada a cabo em Lisboa, em 2015, cuja ideia surgiu aquando da viagem das arquitetas Patrícia Santos Pedrosa e Eliana Sousa Santos para Sevilha, para se apresentarem no congresso de 2014. A proposta foi convidar profissionais da área e também estudantes de doutoramento em arquitectura ou de áreas relacionadas, como a geografia, para que demonstrassem as duas perspetivas sobre a temática Arquitectura e Género<sup>2</sup>. Estiveram presentes no congresso propostas de vários países, apresentadas em 16 sessões e duas conferências principais. Novamente, foi um evento que ajudou a expandir pesquisas relacionadas com o tema, por diversas redes internacionais e que serviu também para se ficar a conhecer profissionais e estudantes interessados nestas investigações. (Lombardero, 2018, pp. 253-254)

Para voltar a dar a devida importância ao tema, surge em 2017 mais um momento fulcral, um movimento que trouxe novamente a sede de debate e de partilha de conhecimentos. Como referido anteriormente, a desigualdade de géneros é algo que abrange todos os setores profissionais, nomeadamente a Arquitectura, a ser abordada nesta dissertação. Com a finalidade de combater e, por fim, anular essa desigualdade e também de dar visibilidade ao sexo feminino como um todo, em particular às arquitetas, surge em Portugal a associação Mulheres na Arquitectura (MA), que originalmente juntou nove mulheres – arquitetas, urbanistas e antropólogas – por este propósito: igualdade, apelando à pesquisa, à reflexão e à disseminação de tudo o que está envolvido no fazer

<sup>2</sup> Em 2021, Lisboa receberá a 5.ª edição deste congresso: V International Congress Architecture and Gender | ACTION. Feminisms and the spatialization of resistances. Fonte: (W@arch.pt, 2020)

arquitetura e construir cidade e território enquanto mulher. O foco é, principalmente, dar às mulheres arquitetas espaço para que possam ouvir e ser ouvidas, a fim de que desse espaço resulte uma maior e mais completa construção da história da Arquitectura não só em Portugal. Assim, têm entre outras atividades ao longo dos últimos anos realizado conversas e eventos de discussão [Fig. 11], com grupos de arquitetas, para que compartilhem a sua experiência. (Antunes, 2019)



Figura 11 - MA, Ciclo de Conversas: ARQUITETAS: Modo(s) de (R)existir. Sessão II: Do Projecto e da Obra. Da esquerda para a direita: Catarina Madruga, Gabriela Salhe, Patrícia Santos Pedrosa e Célia Gomes. 02 de novembro de 2017, Teatro São Luíz. Fonte: (**Mulheres na Arquitectura, 2017**)

Na atualidade em Portugal, são várias as mulheres que se destacam na Arquitectura, quer pela qualidade do seu trabalho, quer por fazerem parte da história da profissão no país, ao lutarem contra a desigualdade neste meio. Exemplo de uma arquiteta atual, empenhada em dar a conhecer as suas obras e também a sua opinião no que à falta de equilíbrio de géneros diz respeito, é Desirée Pedro, nascida em Moçambique, em 1970. Terminou o curso de Arquitectura, em 1996, na FAUP, e ainda nesse ano abriu um *atelier* com o seu colega (e atual marido) Carlos Antunes. A sua experiência profissional, ainda enquanto aluna, nos *ateliers* de José António Bandeirinha e João Mendes Ribeiro e também de José Bernardo Távora e Fernando Távora, foi fundamental para a sua carreira, uma vez que a dúvida entre a Pintura e a Arquitectura era algo bastante presente, que ficou esclarecida aquando dessas colaborações. Embora tenha seguido pela vertente arquitetónica, o gosto pelas artes plásticas nunca foi esquecido, sendo que se tornou em 1987 sócia do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, onde é parte integrante da direção desde 2010. (Pinheiro, 2018, pp. 169-173)

A arquiteta teve a sua primeira experiência de projeto real em 1994, antes de terminar o curso, ao realizar o projeto do Centro de Arte Contemporânea de Coimbra com Carlos Antunes, projeto este que veio a determinar o futuro de ambos enquanto sócios e parceiros de profissão. Mas apesar de a vontade dos sócios ser de levar o *atelier* e os seus

projetos ao reconhecimento internacional, na época ainda eram poucos os projetos que lhes propunham fazer, não sendo suficiente a remuneração no final do mês, e por esse motivo, Desirée começou em 1997 a dar aulas no ensino secundário, atividade que estagnou no ano 2000 e que recomeçou em 2008 no curso de Design de Interiores da ESAD, Matosinhos e, posteriormente (2013) na Universidade de Coimbra, sendo professora assistente convidada, a lecionar projeto. (Pinheiro, 2018, pp. 169-173)

Quanto ao ser mulher na arquitetura, o seu saldo foi, no geral, positivo e desta forma tornou-se um exemplo nacional de que pertencer à classe feminina neste meio, não tem obrigatoriamente que acompanhar uma conotação negativa ou menos importante. Na sua experiência enquanto estudante, não se sentiu diferente dos seus colegas homens, no entanto, no seu caminho enquanto arquiteta, destacaram-se algumas situações pontuais que não foram tão felizes e por essa mesma razão. Desirée é uma figura bastante presente no que diz respeito ao debate sobre desigualdades, em particular sobre as mulheres na arquitetura. (Pinheiro, 2018, pp. 169-173)

Mais recentemente, em 2019, fez parte, enquanto convidada, da 8ª sessão do ciclo “Espaços para Arquitetas”, organizado pela Roca em parceria com a MA, onde apresentou alguns dos seus projetos de arquitetura e também de investigação e pôde ainda dar a conhecer a sua opinião e experiência enquanto mulher na arquitetura. (Construir, 2019) Também no ano de 2019, uma das suas obras realizadas juntamente com o arquiteto Carlos Antunes – Torre Sineira de Miranda do Corvo – ficou entre as finalistas do Prémio Nacional de Arquitetura em Madeira, organizado pela AIMMP, pela CPCI e pela AO, onde recebeu uma menção honrosa. (Pereira, 2019)

Helena Vieira, nascida em Lisboa, em 1981, é também um excelente exemplo de como as mulheres se podem afirmar na profissão. Licenciou-se na Faculdade de Arquitectura de Lisboa, em 2006, e posteriormente ingressou como estagiária na Câmara Municipal de Loures, o que lhe deu experiência para o futuro. Antes de se lançar para um *atelier* próprio, foi ainda colaboradora dos *ateliers Coreplan, GMCS* e do gabinete *Limite Aedificandi*. Finalmente, em 2008, nasce o *atelier* Plano Humano Architectos, que construiu em conjunto com o arquiteto Pedro Ferreira. Esta dupla ganhou até hoje inúmeros prémios na área da Arquitetura e Urbanismo, nomeadamente o *The MasterPrize 2019*, o prémio de *Inovação na Construção 2018*, *Prémios Construir* em 2017, 2018 e 2019, entre muitos outros, mas o que veio dar um enorme destaque à arquiteta foi em 2020 ter entrado para a lista das arquitetas mais influentes, do *Architizer*. (Magazine Imobiliário, 2020)

Apesar de dois dos projetos do seu *atelier* terem já ganho prémios no *Architizer* (desde 2018), foi a entrada nesta lista que mais fez ser reconhecida como mulher na arquitetura, ao ser a única portuguesa da lista, no meio de personalidades como as vencedoras do *Pritzker 2020* – *Yvonne Farrell e Shelley McNamara*. Foi com a Capela de Nossa Senhora de Fátima [Fig. 12] que passou a fazer parte dessa lista, uma vez que as mulheres que constam na mesma foram eleitas de entre os projetos premiados dos anos precedentes. Esta nomeação vem trazer à arquiteta alguma esperança no que diz respeito à visibilidade das arquitetas em Portugal, uma vez que ainda é algo pelo qual tem que se lutar bastante nos dias de hoje. (Durães, 2020)



Figura 12 - Capela de Nossa Senhora de Fátima, Plano Humano Arquitectos., s.d. Fonte: (**Architizer Editors, 2020**)

Figura 13 - Helena Lucas Vieira, s.a., s.d. Fonte: (**Architizer Editors, 2020**)

Na pesquisa de que sustenta esta dissertação, foram identificadas duas vias para obtenção de conhecimentos: a primeira é a informação encontrada em documentos construídos pela investigação académica, como é o caso das dissertações, teses e artigos científicos. Acerca desta via, é de notar a falta de matéria produzida até aos dias de hoje, uma vez que é um espólio que se encontra ainda em construção inicial. A informação sobre arquitetas portuguesas é substância que está a ser contruída e adicionada progressivamente, à medida que se vão produzindo novos trabalhos sobre o tema. Desse modo, é necessária muita procura para se produzir um único texto.

O segundo modo de obtenção de conhecimentos é através dos canais *mainstream* de divulgação da arquitetura, onde são geralmente mencionados os nomes mais conhecidos da área. Como exemplo disso, surge a arquiteta Inês Lobo, referida diversas vezes ao longo desta dissertação, quer nas respostas dadas pelas entrevistadas, no Apêndice I, quer pela sua participação em inúmeros eventos de arquitetura em Portugal, como consta no Apêndice III, sendo das poucas mulheres convidadas a participar, e a que mais frequentemente aparece na tabela de análise.

Inês Lobo, nascida em Lisboa, em 1966, teve o seu percurso enquanto arquiteta em Portugal marcado, em 2014, quando recebeu um prémio arcVision – Women and Architecture. “Educada sem género”, a arquiteta defende que é o mérito próprio de cada profissional – e não o seu género - que traz as oportunidades na carreira e que abre portas para a visibilidade (Milheiro, 2014).

Formou-se na FAUTL em 1989, em seguida colaborou com João Luís Carrilho da Graça, de 1990 a 1996, e formou *atelier* com o arquiteto Pedro Domingos entre os anos 1996 e 2001. Um ano depois, em 2002, iniciou projetos no seu próprio *atelier*, o que lhe deu ainda mais projeção no que toca à construção de diversos equipamentos, trabalhos de requalificação, etc. É professora de Projeto, na Universidade Autónoma de Lisboa, trabalho esse que permite à arquiteta ter um contacto direto com os mais jovens e educá-los para uma forma de pensar menos patriarcal e machista (Espaço de Arquitetura, s/d). No ano de 1999, foi homenageada pelo então Primeiro-ministro de Portugal com o título de Oficial da Ordem do Mérito e, em 2013, recebeu o prémio de Mulheres Criadoras da Cultura, atribuído pelo governo português (Inês Lobo Architectos, s/d).

Mais recentemente, em 2017, o prémio AICA/MC/Millennium bcp foi atribuído à arquiteta, juntamente com a artista Fernanda Fragateiro, prémio este que veio fazer sobressair a trajetória da profissional no ramo da arquitetura (Agência Lusa, 2018). Foi convidada a participar em 2016, bem como em 2018, na Bienal de Veneza – *Reporting from the front* e *Freespace* respetivamente. Desde o início da sua carreira, a arquiteta é frequentemente convidada a participar em palestras, conferências, quer nacional como internacionalmente e é também com muita frequência membro de júris em concursos de arquitetura pelo mundo. (Inês Lobo Architectos, s/d)



Figura 14 - Fotografia de Zaha Hadid, s/a, s/d.

Fonte: (Zaha Hadid Architects, s/d)

No contexto internacional, temos como marco de produção e visibilidade a arquiteta Zaha Hadid (1950-2016) [Fig.14] que não só quebrou a hegemonia patriarcal ao ser a primeira mulher a receber o *Pritzker*, em 2004, como a primeira a ganhar também a medalha de ouro do RIBA, em 2016. (VivaDecora, 2019) Fundou, em 1979, o *Zaha Hadid Architects*, um gabinete de arquitetura que emprega arquitetos/as de todo o mundo. (Zaha Hadid Architects, s/d)

Zaha Hadid formou-se no Líbano em Matemática e, aos 22 anos, em 1972, despertou para a arquitetura e matriculou-se na Architectural Association School of Architecture, em Londres, onde pôde conhecer dois arquitetos fundamentais para a sua carreira: Rem Koolhaas e Elia Zenghelis, com quem veio a colaborar entre 1977 e 1981 (Zaha Hadid Architects, s/d). Com alguns anos de experiência, vê construído em 1993 o seu primeiro



Figura 15 - Vitra Fire Station, Projeto de Zaha Hadid. Alemanha, 1993. S.a.  
Fonte: (VivaDecora, 2019)

projeto: um edifício para um corpo de bombeiros na Alemanha [Fig.15] (VivaDecora, 2019).

Foi autora de inúmeras frases que tiveram repercussão e cuja temática é a mulher arquiteta, como por exemplo: “As a woman in architecture, you’re always an outsider, [...] It’s okay, I like being on the edge.” ou “Women are always told, 'You're not going to make it, it's too difficult, you can't do that, don't enter this competition, you'll never win it,' - they need confidence in themselves and people around them to help them to get on.” (Vogue, 2016). Foi ainda eleita, em 2008, uma das mulheres mais influentes do mundo, encontrando-se na lista da revista *Forbes*, na 69ª posição (VivaDecora, 2019).

Anterior a Hadid, outro dos nomes relevantes no contexto da arquitetura, quando se trata de arquitetura no feminino e das questões da sua visibilidade, é Denise Scott Brown (n. 1931). Nascida na atual Zâmbia, realizou os seus estudos na Universidade de Witwatersrand, de 1948 a 1952, ano em que viaja para Londres para continuar a estudar. Forma-se em Arquitetura no ano de 1955, ano em que se casa com Robert Scott Brown, o seu primeiro marido, e ambos vão para a Filadélfia três anos depois, com o objetivo de

estudarem Planeamento Urbano. Em 1959, fica viúva e no ano seguinte termina os estudos e torna-se docente na mesma universidade, onde, simultaneamente completa o mestrado em Arquitetura. Ainda nesse ano conhece Robert Venturi [Fig.16], arquiteto com quem viria a casar em 1967. No ano de 1969, torna-se diretora de Planeamento Urbano da empresa *Venturi & Rauch*, que passou em 1989 a chamar-se *Venturi, Scott*



Figura 16 - Denise Scott Brown e Robert Venturi. s.d., s.a.  
Fonte: (Archdaily, 20)

*Brown and Associates*, o que levou a que Denise Scott Brown estivesse presente de um modo mais ativo nos projetos e obras da empresa. (Durante, 2015)

O seu percurso de vida foi marcado pelos diversos anos de docência bem como pelos inúmeros projetos de planeamento e não só que desenvolveu ao lado do marido. Mas houve um episódio que se destacou na sua longa carreira. Em 1991, a organização do prémio *Pritzker* afirmou que o mesmo só se destinava a arquitetos individuais e, por isso, destinou o prémio desse ano a Robert Venturi, apesar do mesmo trabalhar em conjunto com Denise Scott Brown há décadas. Nesse ano, a arquiteta não marcou presença no evento de entrega dos prémios, como forma de protesto pela decisão da organização. Apesar do arquiteto exigir que a esposa também recebesse o prémio e o mesmo lhes ser negado, o casal decidiu que Venturi deveria recebê-lo, devido a algumas dificuldades financeiras que a empresa enfrentava na altura. Em 2013, os alunos da Escola de Design de Harvard iniciaram uma petição para que a arquiteta fosse reconhecida com o prémio. Assim, Denise Scott Brown surge como mais um exemplo óbvio e relevante da desigualdade de género na arquitetura. (Cook, 2013)

Tanto no contexto nacional como internacional, são inúmeras as arquitetas que podemos mencionar, que foram e ainda são fundamentais para a qualificação da profissão e também pela luta pela igualdade na profissão: seja pela consciência que têm das suas experiências de sexismo e desigualdades de oportunidades e tratamento, seja pelo seu papel na luta contra estas mesmas realidades. Assim, no capítulo seguinte ouvimos, através de entrevistas, mais de duas dezenas de arquitectas que nos dão a conhecer o que

é ser arquiteta em Portugal e contarem as suas experiências e perceções, quer nacional, quer internacionalmente.



## I.2 – Percepções das mulheres arquitetas

O percurso das mulheres enquanto arquitetas em Portugal foi pautado historicamente, como foi explicado anteriormente, pela dificuldade em obter um estatuto e um reconhecimento idêntico ao dos seus colegas homens. Todo o percurso feminino na arquitetura, desde as pioneiras como Maria José Estanco até às arquitetas da atualidade, tem passado por diversas dificuldades, quer no modo como elas se integram no meio, quer na forma como são (e demandam ser) vistas na profissão. Com o propósito de contextualizar e entender melhor o panorama da arquitetura em Portugal na perspectiva das mulheres, esta investigação integra um conjunto de entrevistas feitas a mulheres arquitetas portuguesas – ou a trabalhar em Portugal. As questões colocadas pretendem fazer com que se possa conhecer as suas vivências enquanto estudantes de arquitetura, as suas conceções acerca do cenário da atualidade no país, bem como experiências vividas enquanto arquitetas, para que se possa analisar cada resposta e tirar conclusões que auxiliem o processo de redação desta investigação.

Para a realização destas entrevistas, foram contactadas 35 arquitetas das quais 23 responderam às questões enviadas. Houve ainda uma tentativa, considerada importante, de igual contacto com os dois responsáveis pelos espaços expositivos em estudo – o CCB-Garagem Sul e a Casa da Arquitectura – para que melhor se pudesse perceber a perspectiva relativamente ao tema, no país, em ambos os locais através de entrevistas. Os pedidos também incluíam os dados que confirmassem ou completassem o extenso levantamento efetuado, porém não foi obtida qualquer resposta. Todas as entrevistas foram realizadas via *email*, devido aos constrangimentos da distância e à dificuldade de reunir com cada uma das entrevistadas, uma vez que estas se encontram, no momento, dispersas por todo o território português.

Como podemos verificar nos Apêndices I e II, de um modo geral as questões foram respondidas de forma semelhante pelas entrevistadas, salvo algumas exceções que irão ser analisadas e explicadas mais à frente neste subcapítulo. Será feito uma análise geral das respostas obtidas, de maneira a retirar conclusões imprescindíveis para esta dissertação e para que se possa perceber o quotidiano, as vivências e as opiniões de cada uma das arquitetas contactadas. Quanto às exceções, serão estudadas com mais detalhe, como forma de entender o que torna os percursos e as percepções diferentes das demais e de perceber se serão um caso positivo ou não, por exemplo, no caso da discriminação (Questão 5).

As arquitetas contactadas e das quais foram recebidas respostas, pertencem a faixas etárias distintas, com percursos de formação também eles diversos, sendo que umas possuem formação apenas na área da Arquitetura e outras foram complementando os seus estudos com cursos e formações em várias outras áreas, relacionadas (ou não) com a sua área principal de formação. A maioria das arquitetas possui ainda experiência no exterior, quer em termos de experiência académica – como mestrados internacionais ou integração no programa Erasmus –, quer posteriormente no mercado de trabalho. Algumas delas deram ou ainda dão aulas noutros países, estagiaram fora de Portugal e outras ainda apresentam conferências, dão cursos, publicam artigos, entre outras atividades, também no estrangeiro. Este fator é relevante na medida em que influencia de algum modo a sua experiência enquanto arquiteta e lhes pode servir como termo de comparação entre Portugal e o resto do mundo, contribuindo para melhor entendermos as diferenças e proximidades.



Figura 17 - Mapa do local de nascimento das entrevistadas.

Como podemos observar na Fig.17, as arquitetas em causa são provenientes de diversos pontos do país, desde Lisboa – de onde é a maioria –, Porto, passando pelo centro de Portugal (Fundão e Covilhã). Temos também quatro entrevistadas nascidas no

estrangeiro, sendo elas as arquitetas Verónica Baraldi (Itália), María José Cuesta (Espanha), Gabriela Salhe (Equador) e Isabella Rusconi (Brasil).<sup>3</sup> Este fator será eventualmente a primeira influência direta nas respostas das arquitetas, uma vez que as suas origens e o meio em que se desenvolveram enquanto seres de opinião própria tem, geralmente, efeito no modo como percecionam o mundo à sua volta e como se comportam no presente na sua profissão. É um objeto com bastante interesse para análise, a comparação entre as respostas dadas por mulheres que tiveram origem num meio com menos população, como é o caso das arquitetas nascidas no Interior e as dadas por outras nascidas e criadas em Lisboa, por exemplo, uma cidade com um modo de vida distinto e onde se pode pensar que os habitantes tem mentalidades tão díspares umas das outras.



Figura 18 - Mapa do local de licenciatura das entrevistadas.

Outro dos fatores em estudo acerca do percurso das entrevistadas foi o local onde se formaram em arquitetura. Ao observarmos a Fig.18 podemos verificar que cerca de 64%

<sup>3</sup> Não é conhecido o local de nascimento de duas das entrevistadas.

das arquitetas, apresentaram uma preferência por estudar na capital<sup>4</sup>, aspeto que pode apresentar várias justificações, como por exemplo maior visibilidade para o futuro e mais oportunidades de estágio e empregabilidade uma vez terminado o curso.



Figura 19 - Mapa do local de atividade laboral das entrevistadas (atualmente).

O terceiro e último ponto analisado foi o local onde as arquitetas trabalham atualmente<sup>5</sup> e mais uma vez é notória a predominância da capital. Este número elevado de entrevistadas cujo local de trabalho é em Lisboa – ou na sua área metropolitana -, pode ter, mais uma vez, influência nas suas respostas, devido ao facto de ser um local onde um suposto contexto mais cosmopolita pode estar mais presente. A partilha do lugar de viver e trabalhar com maior diversidade de pessoas, percursos e perspetivas pode ser uma das razões que leva as arquitetas a responderem de uma ou de outra forma às questões colocadas.

<sup>4</sup> As três arquitetas que se licenciaram fora de Portugal, fizeram-no no seu país de nascimento. Há ainda uma entrevistada cujo local de licenciatura não é conhecido.

<sup>5</sup> Até à data de realização das entrevistas.

Quando questionadas acerca da igualdade de visibilidade entre homens e mulheres no que diz respeito aos seus trabalhos – Questão 1 –, de um modo geral, as arquitetas responderam da mesma forma, afirmando que não consideram que exista equidade. Apesar disso, foram algumas as que mencionaram que ainda que os papéis não sejam iguais para mulheres e homens na Arquitetura, o país – e o mundo – está a caminhar para uma mudança de mentalidades e deixaram subentendido um sentimento de esperança e de enorme vontade para que a igualdade de género na profissão se torne uma realidade.

Destaca-se entre outras, a resposta da arquiteta Inês Moreira, que afirma que “apenas conhecemos o que é divulgado” (Apêndice I, Entrevista 9) logo, como existe muito menos trabalho publicado feito por arquitetas, a ideia transmitida é de que elas existem em muito menor número. Os dados existentes apontam que talvez esta relação causa-efeito não seja absoluta (Pedrosa, 2019). A arquiteta menciona ainda o facto de que existem até então muito mais homens a desenvolver trabalho em nome próprio e que, por outro lado, as mulheres na sua grande parte seguem a trabalhar em conjunto com outros – ou outras, em menor número – razão pela qual o seu nome não é tão visível, pois ficam neutralizadas no coletivo.



Figura 20 - Nuvem de palavras resultante das respostas da Questão 1.

Analisando igualmente a resposta dada pela arquiteta Paula Miranda à primeira pergunta colocada, é curioso o facto de a entrevistada ter apresentado na sua explicação uma relação com a Questão 3. Paula Miranda menciona o facto de as referências femininas praticamente não serem abordadas em contexto académico e do mesmo

acontecer em publicações e conferências, levando a que a dissemelhança entre a divulgação de arquitetas e arquitetos seja cada vez mais notada, quer em contexto nacional, quer internacionalmente.

Na nuvem de palavras apresentada anteriormente [Fig.20], destaca-se notoriamente a resposta direta à pergunta realizada na Questão 1: “Não”. No geral, as arquitetas entrevistadas exibiram de forma unânime a sua visão de que no panorama atual em Portugal e no exterior, a visibilidade dos trabalhos realizados por arquitetas e arquitetos não é, de modo nenhum, idêntica. Estão evidentes também palavras como “disparidade” e “desigualdade”, que reforçam mais uma vez as ideias apresentadas por estas arquitetas, de que o reconhecimento conferido aos homens arquitetos é diferente da que é dada às mulheres da mesma profissão.

Na segunda questão é abordado o tema da diferença entre o número de convidadas e convidados para os eventos relacionados com a arquitetura e, questionado o porquê dessa discrepância. As justificações dadas pelas entrevistadas foram diversificadas, embora a conclusão que se tire destas seja bastante similar. De entre as respostas obtidas, temos como quem justifique com o facto de as mulheres não dedicarem tanto tempo à profissão como os homens devido ao fator maternidade e ao posterior cuidado da família. Também é referido o facto de vivermos numa cultura patriarcal que torna estas mulheres muito menos visíveis, ou o facto de os convidados serem os que têm mais trabalho reconhecido – o que logicamente são os homens, por todas as questões já mencionadas –, ou ainda a justificação de que homens, geralmente, tendem a convidar homens, fator que nos coloca numa bola de neve que vai constantemente crescendo, sempre nos mesmos termos, justificada pela sucessiva repetição de hábitos estruturalmente enraizados.

Apesar de quase todas as respostas estarem ligadas pelas mesmas explicações, há uma que se destaca: a da arquiteta Cristina Veríssimo, a única entrevistada que apresenta uma opinião contrária à das restantes. A arquiteta começa por afirmar que não sabe o porquê da disparidade entre convidadas e convidados e, posteriormente, conta que no início da sua carreira no *atelier* CVDB Arquitetos, tanto ela como o seu companheiro de vida pessoal e profissional eram convidados para os eventos e que, surpreendentemente, tendo em conta a generalidade das restantes respostas, ultimamente tem sido ela a mais convidada de entre os dois. Uma resposta bastante curiosa e passível de estudo, uma vez que foge à norma das respostas recebidas.

Alexandra Melão apresenta como justificação para os dados apresentados na questão, o facto de que as mulheres dedicam menos tempo à sua profissão do que os homens, uma vez que, normalmente, destinam mais tempo à família e ao lar.

Após uma análise a todas as respostas relativas a esta segunda questão, detém-se uma palavra de muitas, subjacente no discurso das arquitetas: patriarcal, uma vez que é apresentada como base de todas as ações problemáticas da sociedade em que vivemos, ainda na atualidade. É esta cultura patriarcal que tem vindo a ditar as atitudes da sociedade e como consequência, tem afetado o fazer arquitetura em Portugal, uma vez que o homem ainda é o ser predominante e aquele cujo trabalho é mais reconhecido, fazendo parecer que a mulher arquiteta existe em muito menos número e com menos capacidade de produzir trabalho qualificado e passível de ser reconhecido publicamente.



Figura 21 - Nuvem de palavras resultante das respostas da Questão 2.

São ainda retiradas da nuvem de palavras [Fig.21] expressões como “instituições” – pois algumas arquitetas mencionaram o facto de estas estarem, por definição, mais predispostas a escolher homens para os seus eventos -, “sociedade” – devido a este ser um meio em que a cultura do patriarcado está enraizada – e “escolhas”, pois muitas vezes é simplesmente disso que se trata: quem tem o poder de escolher, quem decide, mantém as estruturas patriarcais de conferir visibilidade ou não, consoante estamos perante dos trabalhos das mulheres ou dos homens que trabalham na arquitectura.

A questão feita em terceiro lugar é um pouco mais pessoal, uma vez que está relacionada com experiências individuais enquanto estudantes de arquitetura. As entrevistadas foram questionadas acerca da quantidade de informação que receberam sobre as mulheres na arquitetura, durante o seu percurso escolar e também se ao longo da sua formação tiveram alguma professora de projeto. Aqui também as respostas não variaram muito, na medida em que mostram que as poucas que tiveram referências femininas, e

quando existiram tiveram-nas sempre em muito menor quantidade do que as masculinas.

Temos como exemplo a resposta da arquiteta Andreia Garcia, que sugere uma mudança de mentalidades para que, em vez de se pensar em dois tipos de bibliografia – no feminino e no masculino – se comece a optar por um ensino sem género, que destaque a boa arquitetura que se faz pelo mundo, independentemente se esta é projetada por um homem ou por uma mulher. É curioso evidenciar também o modo como a nossa forma de expressão masculinizada nos está enraizada desde sempre, dando como exemplo parte da resposta da arquiteta Andreia Salavessa: “um dos professores que mais me marcou foi uma mulher [...]” (Apêndice I, Entrevista 4). Apesar de a arquiteta ter conhecimento de que o sujeito principal do seu discurso é uma mulher, toda a disposição que lhe precede é feita no masculino, “um dos professores”. É uma configuração que, no geral, temos pré-definida e que tomamos como a normal.



Figura 22 - Nuvem de palavras resultante das respostas da Questão 3.

Na Fig.22, tal como na Fig.21, a palavra com mais destaque é a resposta direta à pergunta à qual a imagem se refere: “Não”. Foram quase nulas as informações obtidas pelas arquitetas em contexto académico, no que diz respeito a mulheres na arquitetura e poucas foram as aulas que tiveram lecionadas por mulheres, no seu contexto académico geral. Ainda assim, apesar do escasso número de mulheres apresentadas às entrevistadas enquanto estudantes, o nome referido mais frequentemente como exemplo foi o da arquiteta Zaha Hadid, o que se mantém até aos dias de hoje. Houve também um maior número de respostas positivas quanto à quantidade de professoras de projeto do que às

vezes que obtiveram informação sobre mulheres arquitetas, e muitas das que obtinham essa informação, faziam-no por conta própria, em livros nas bibliotecas ou na Internet (as formadas mais recentemente).

O quarto tema abordado está diretamente relacionado com o tópico desta dissertação, pois trata dos eventos realizados na última década e questiona se a presença das mulheres ao longo deste período se tem vindo a alterar em relação ao passado. De um modo geral, mais uma vez as respostas foram bastante uniformes, sendo que as arquitetas admitiram que, apesar de ainda muito recente, essa mudança tem-se vindo a verificar. A insuficiência desta presença feminina é algo bastante reivindicado pelas entrevistadas e a necessidade de mudança do *status quo* é urgente. Fala-se também da não alteração do género representado em cargos de liderança e poder, uma vez que apesar de as mulheres aparecerem com mais frequência, os homens continuam no topo da cadeia.

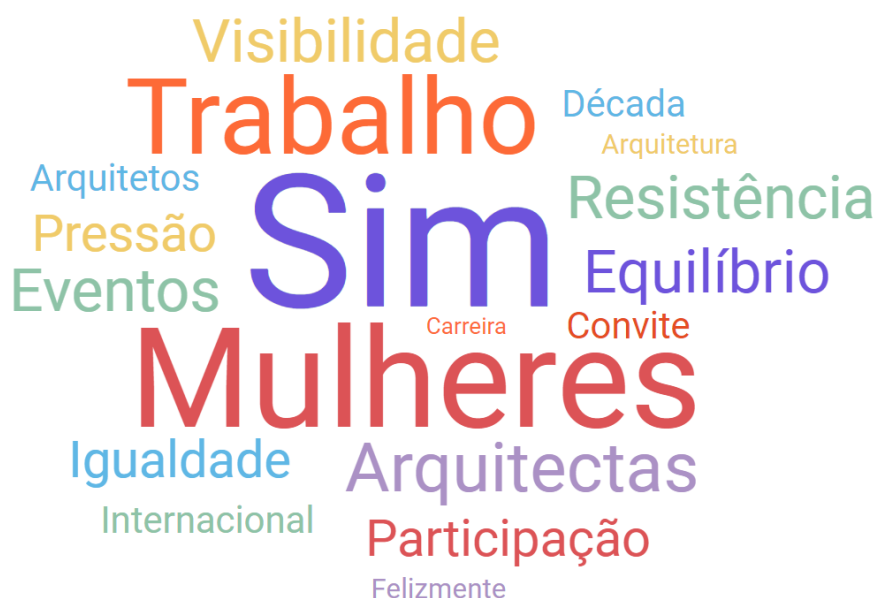


Figura 23 -- Nuvem de palavras resultante das respostas da Questão 4.

Novamente nesta nuvem de palavras [Fig.23], o termo central é a resposta à pergunta. Menciona-se ainda a palavra “equilíbrio”, como termo usado para descrever a situação para a qual tentamos caminhar nos dias de hoje e a palavra felizmente, que serve para dar a entender o estado das arquitetas com a progressiva mudança de mentalidades.

A Questão 5, a que mais requer uma procura pelas vivências ao longo de todo o percurso da formação e carreira das entrevistadas, prende-se com o fator discriminação. Foi perguntado às arquitetas se alguma vez se sentiram discriminadas na profissão pelo facto

de serem do sexo feminino e as respostas, no geral, não surpreendem, uma vez que já previamente conhecemos um pouco do seu percurso e das suas opiniões.

São várias as arquitetas que responderam de maneira afirmativa a esta questão e muitas também as que contaram episódios em que se viram envolvidas num cenário de discriminação. Tomo como exemplo o caso apresentado pela arquiteta Susana Rosmaninho, que foi discriminada por um engenheiro, em contexto de obra, onde acontece grande parte da distinção masculino/feminino, porque este não queria aceitar que uma mulher fosse hierarquicamente superior a ele. Geralmente uma zona de obra é um local abundantemente ocupado por homens, onde o poder patriarcal vigora e onde uma mulher ainda pode não ser bem-vinda, muito menos quando se encontra num patamar lido como superior.

Outra resposta merecedora de destaque é a dada pela arquiteta Vera Gonçalves, que mais uma vez mostra que as nossas perceções enquanto mulheres, na sociedade em que vivemos, está formatada para naturalizar as injustiças e tentar desagregar os diversos lugares de cada fator de discriminação. A arquiteta afirma que nunca foi discriminada por ser mulher, mas que por outro lado já o foi por ter família. O que nos leva a uma reflexão: à figura feminina está atribuído um lugar bastante diferente do destinado ao homem, e estes estereótipos de género marcam profundamente as vidas das mulheres. Estas, sendo condicionadas para responder ao trabalho reprodutivo e dos cuidados, garantindo, ainda hoje, a preservação quotidiana da família, são questionadas na sua competência profissional. Ora, se o ter família e cuidar desta é uma tarefa socialmente aceite como das mulheres, esta arquiteta foi efetivamente discriminada por sê-lo, embora não se tenha apercebido disso – ou não se queira ter apercebido – pois uma coisa está (salvo algumas exceções) ligada à outra.

A arquiteta Paula Miranda refere que nunca se sentiu discriminada até ser mãe - mais um exemplo relacionado com a resposta anterior, em que o construir família é um fator que está sempre ligado à discriminação. Já as arquitetas Cristina Veríssimo e Paula Melâneo afirmam que nunca se sentiram discriminadas por serem mulheres arquitetas, o que as torna uma exceção dentro de todas as respostas obtidas. Por fim, outra resposta bastante interessante é a apresentada pela arquiteta Sofia Machado, que diz que assume que a discriminação já faz, por natureza, parte da profissão e que por isso encontra ela própria estratégias e alternativas para controlar o problema. Esta resposta tem implícitas duas leituras importantes. Por um lado, a naturalização da discriminação das mulheres e a inevitabilidade desta realidade. Por outro lado, a ideia de que as resposta a esta

discriminações são ações individuais e não é considerada a possibilidade de se lutar coletivamente contra.



Figura 24 - Nuvem de palavras resultante das respostas da Questão 5.

Como se pode verificar pela nuvem de palavras relativa a esta pergunta [Fig.24], as arquitetas, na sua maioria, sentem – ou sentiram em algum momento – marginalização do sexo feminino em relação ao masculino na profissão. A palavra obra é mencionada várias vezes no decorrer das entrevistas, pois é geralmente neste contexto que existe mais preconceito em relação à mulher, por ser um meio comumente masculino.

Assim, pode concluir-se após a leitura e análise de todas as respostas, que no geral as arquitetas partilham de opiniões com muitos pontos de contacto em relação ao que são as suas experiências enquanto arquitectas a viver em Portugal, nos seus contextos profissionais arquitetónicos específicos. Ainda que as entrevistadas pertençam a faixas etárias e a geografias que tenham as feito experienciar momentos diferentes e em diversas fases, percebe-se uma vontade de que a igualdade de género seja alcançada e que a cultura patriarcal vá perdendo poder, não só na arquitetura, como em todos os outros âmbitos da sociedade, para que se possam ouvir as vozes das mulheres e que os seus espaços de ação e reflexão sejam reconhecidos. Sem quaisquer tipos de silenciamentos e invisibilizações face às experiências dos seus colegas homens.



# CRÓNICA DESENHADA

POR ANA CORTESÃO

## PÁGINAS DE AGENDA

Alguns Estereótipos Femininos Arquitectónicos

escolher A, B ou C (o D dá erro)

A. Estudante de Arquitectura



B. Arquitecta colaboradora em Empresa ou Gabinete de Arquitectura



C. Arquitecta quadro da Administração Central ou Local



D. Arquitecta CEO de Empresa Pública ou Privada ou de um grande Gabinete de Arquitectura



Figura 25 - Sátira desenhada por Ana Cortesão. Jornal dos Arquitectos, 2011.



## **II – Os eventos de arquitetura e as arquitetas**

O reconhecimento público do/a arquiteto/a em Portugal – e não só – é algo, ainda nos dias de hoje, em grande parte alcançado através de um conjunto de fatores, relacionados com as conexões que o/a profissional tem com os restantes. Nesta parte da dissertação, iremos refletir acerca do estado da profissão em Portugal, através do modo como as arquitetas surgem e se apresentam. Será feita uma viagem pelos eventos de arquitetura anteriores à época de estudo em análise – para contextualização - e, por fim, convergir a análise para os eventos realizados entre 2010 e 2019, para onde aponta o propósito da dissertação.

### **II.1 – Reflexão Crítica**

No exercício da arquitetura ainda são muitos os estereótipos no que toca à igualdade de género. Quer em contexto de aprendizagem, quer já na profissão, as mulheres são, muitas vezes, menosprezadas e as suas qualidades são implicitamente postas em causa. Em pleno século XXI ainda são os que acreditam que o homem tem superpoderes e que a mulher é um ser inferior e que não está apta a realizar determinadas tarefas, como por exemplo, ter a seu cargo uma obra de arquitetura. Há atualmente mais alunas do que alunos matriculados no curso de arquitetura em Portugal (Pedrosa, 2019), o que faz com que nos encontremos, no caminho para que haja mais arquitetas do que arquitetos. Mas onde estão elas? Numa época onde se começa a falar novamente de igualdade, por que motivo raramente vemos ou ouvimos falar de arquitetura no feminino? Na maior parte das vezes são os homens a receber o mérito pelas obras, mesmo quando existiu uma ou mais mulheres envolvidas no processo criativo com eles. São eles também que discursam, que dão as palestras e conferências que vemos nas faculdades e nos tantos outros espaços dedicados ao fazer arquitetura, enquanto as suas colegas arquitetas continuam nos gabinetes sem terem um nome, sem serem notadas na sociedade. (Gomes, Botelho, & Thorne, 2019, pp. 96-101)

Como podemos atentar pelo que foi anteriormente analisado neste trabalho, aos poucos a sociedade começa a perceber que as arquitetas também têm algo a dizer, ideias, projetos, obras, cuja qualidade pode ser igualada à de um trabalho feito por um colega homem. Todas as pessoas trabalham de forma diferente, a ritmos diferentes, têm formas de pensar diferentes em relação a um projeto, contudo, isso não deve ser visto como um aspeto negativo e a diversidade de experiências e aproximações aos que é a arquitetura devem ser valorizadas. Porque efetivamente, contribui para o enriquecimento dos

territórios e da arquitetura, pois o produto final foi obtido através da colaboração de vários. É importante que se fale. É importante que as mulheres falem. Que os homens falem. Que isto não se torne um não assunto e que daqui a uns anos não estejamos com o mesmo problema. Uma arquiteta não é só decoradora de espaços e um arquiteto não tem de estar sempre em obra. Os papéis podem e devem inverter-se, até mesmo para que cada um adquira novos saberes.

Apesar de Portugal estar a dar alguns passos para que cheguemos à equidade de género, ainda somos um país com muito por fazer no que toca a essa questão. É um ciclo: se um arquiteto vai avaliar um projeto ou escolher um parceiro de trabalho, tendencialmente vai escolher alguém com as mesmas características que ele, logo, um homem. Esse, vai ter tendência para escolher outro seguindo o mesmo padrão. E se para se ser reconhecido é preciso ter mérito e se o mérito é, maioritariamente, dado aos homens, é evidente que as arquitetas raramente são reconhecidas. É preciso que as escolas e faculdades tenham mais mulheres em cargos de responsabilidade, para que também os alunos aprendam a conviver com essa realidade e para que no futuro a sociedade seja mais equilibrada em termos de número de mulheres e homens a desempenhar um cargo importante. Faculdades de arquitetura necessitam de mais professoras a lecionar aquilo que sabem e os livros e matérias que lecionam têm urgentemente que incluir mais mulheres como autoras e mais arquitectas nos seus conteúdos. (Gomes, Botelho, & Thorne, 2019, pp. 96-101)

Na luta pela igualdade de género, ainda hoje há uma palavra que se destaca – pela sua ausência – de entre muitas que relacionadas com este assunto: feminismo. Quer seja por medo de o usar erroneamente, quer por desconhecer ou confundir o seu significado, a sociedade tende a pôr de parte este conceito e esta luta, em vez de o tentar desmistificar e dar a conhecer o seu verdadeiro poder. Feminismo não é sobrevalorizar umas em relação a outros. É equilibrar valores, direitos e deveres para que elas deixem de sentir na pele o preconceito diário não só na profissão como na vida. E não é só ser mulher o problema. Imagine-se uma arquiteta, não heterossexual e negra. Todo o padrão imposto pela sociedade é completamente desvirtuado e certamente todas estas características farão com que o exercício da arquitetura para esta mulher seja incontáveis vezes mais complicado do que para um alguém que seja homem, heterossexual e branco. É primordial que as arquitetas com mais visibilidade ajudem a dar voz àquelas que por todos os motivos e mais alguns ainda não a têm e que as façam perceber que o caminho não tem de ser o de submissão e comodismo. As mulheres não se podem esquecer nunca de se fazer ouvir, seja em que situação for e, neste caso, no que toca à arquitetura em particular. (Pedrosa, 2019, p. 102)

É um facto que as questões de igualdade de género e as primeiras palavras sobre este tema entraram em Portugal tardiamente, quando comparado com outros países. Se recuarmos à época de Vitruvius, onde o edifício era construído a partir do corpo masculino, por ter as proporções ideais, verificamos que a arquitetura tem sido, até algum tempo atrás, um exercício masculinizado, o que contraria aquilo que podemos observar em culturas primordiais, onde não eram raras as mulheres nas construções de casas ou abrigos. (Milheiro, *A Mulher do Arquitecto*, p. 3)

Em *O Segundo Sexo* (Beauvoir, 1949, pp. 449-484), o tema “ser mulher” é abordado com precisão, quer ao falar do que o mesmo envolve e até ao questionar o que é ser mulher, uma vez que várias vezes o sexo feminino é visto apenas como cuidador e símbolo de fertilidade. É tratada a mulher enquanto moça, lésbica, mãe, narcisista, amorosa, mística e independente e é essa independência que tantos anos demorou a conquistar, que encurta ao longo do tempo a distância que a separa do homem, quer no exercício da arquitetura, quer em qualquer outra profissão. É a partir do momento em que a mulher ganha essa liberdade enquanto trabalhadora, fora da esfera das obrigações familiares e domésticas, que o feminismo começa a surgir com mais robustez.

Nos dias de hoje, em Portugal, o número de mulheres e de homens inscritos na OA é muito aproximado. Apesar desses valores serem tão semelhantes, a visibilidade experienciada pelos homens arquitetos no meio continua ainda hoje a ser muito superior à tida pelas suas colegas mulheres. Este fato advém de, entre outros, o modo como o ensino da arquitetura permanece a ser lecionado em Portugal. Embora o número de docentes do sexo feminino tenha vindo a aumentar nos últimos anos, a maior parte dos conteúdos são lecionados por professores homens. Tomemos como exemplo a cadeira de Projeto, que é em todas as faculdades de arquitetura a cadeira com maior carga horária e à qual é dada maior prioridade. O elevado número de professores de projeto do sexo masculino tende a que, na grande parte das vezes, o conteúdo dado por estes seja reflexo de um estereótipo de género a que também eles foram apresentados enquanto alunos, levando a que raramente o sexo feminino seja mencionado como exemplo em contexto de aula. Isso leva também a que, no futuro, os alunos e as alunas associem ao homem a profissão de arquiteto, pois ao longo do seu percurso como estudantes, conviveram quase sempre com essa realidade. (Ochoa, 2018, pp. 1-5)

Todos sabemos a importância da arquitetura no nosso dia-a-dia e no modo como vivemos a cidade. Deste modo, são também fundamentais os ensinamentos e aprendizagens passados aos que fazem essa mesma arquitetura. Como consequência de um ciclo de lições baseado na figura masculina temos que, em Portugal, o número de

mulheres na área da arquitetura com cargos de maior relevância e catedráticas seja bastante menor que o de homens. Mas o sucedido no nosso país não é de todo imprevisível, quando se presta atenção a dados internacionais verificamos que na atribuição de 42 prémios *Pritzker*<sup>6</sup> só cinco arquitetas<sup>7</sup> foram premiadas e todas já no século XXI. De destacar também Denise Scott Brown, já mencionada anteriormente, que, apesar de partilhar todo o trabalho de projeto com Robert Venturi, seu colega e marido, não obteve o reconhecimento merecido, uma vez que apenas ele ganhou o *Pritzker*, em 1991. (Ochoa, 2018, pp. 1-5)

Contudo, em 2013, após o seu discurso no evento *Women in Architecture*, do *Architects' Journal*, em Londres, no qual expressou o seu descontentamento pela não indicação ao prémio, um grupo de arquitetas da *Harvard Graduate School of Design* uniu-se para realizar uma petição para que a arquiteta fosse incluída no mesmo. Com muitos milhares de assinaturas – entre as quais a de Zaha Hadid –, o pedido foi recusado pelos membros diretores. (Espaço de Arquitetura, 2013) Apesar disso, estamos perante mais uma tentativa de alcançar a igualdade de direitos e reconhecimentos por parte das mulheres arquitetas e esta ação foi extremamente importante para colocar em cima da mesa a gravidade destas situações.

De forma a contradizer a disparidade de géneros no meio académico, a UBI, em 2011, foi pioneira ao apresentar um plano de igualdade de género ao qual chamou UBIgual. Este projeto tem como principal foco definir uma estratégia dentro da própria instituição, que possibilite uma igualdade de género em contexto de trabalho, quer acabando com os estereótipos ainda existentes, quer eliminando as dificuldades que mulheres – e homens – têm em aceder a certos patamares e condições no seu trabalho diário. Posteriormente, em 2013, fundou-se a Comissão de Igualdade de Género da UBI, para dar suporte ao plano criado em 2011. Em estudos efetuados para este contexto, verificou-se por exemplo que na nesta universidade, de 2011 para 2017, o número de docentes passou de 684 para 714, sendo que em 2011 a percentagem de homens docentes era de 61% e a de mulheres 39% e em 2017 os números tornaram-se um pouco mais equilibrados com 59% de homens e 42% de mulheres, embora ainda houvesse significativamente menos mulheres. (Universidade da Beira Interior, 2011)

Ainda na UBI, realizou-se em 2018, a cargo da professora Patrícia Santos Pedrosa, uma exposição cujo objetivo era dar a conhecer a vida e obra de algumas arquitetas mundiais,

<sup>6</sup> Número de prémios atribuídos até à data da realização desta dissertação (2020).

<sup>7</sup> Zaha Hadid (2004); Kazuyo Sejima, da dupla SANAA (2010); Carmen Pigem, do trio RCR (2017); Yvone Farrel e Shelley McNamara (2020).

mais uma vez auxiliando no combate à desigualdade entre mulheres e homens na profissão. A exposição, levada a cabo por alunos do 2º ano de Mestrado Integrado em Arquitetura, pretendia fazer justiça à verdadeira presença das mulheres no fazer cidade e contruir o mundo que nos rodeia (Universidade da Beira Interior, 2018). Mais uma vez numa tentativa de demover e enfraquecer a luta pela igualdade, a exposição foi vandalizada. Mesas e expositores foram partidos a murro e pontapé, e os cartazes foram rasgados, desmerecendo o trabalho de alunas e alunos e, por consequência, a importância da mulher na sociedade e na arquitetura (Pinto, 2018).

Como já referido, ainda hoje o exercício da arquitetura é maioritariamente subjugado a um pensamento masculino, quer no que às regras diz respeito, quer no que toca à análise de um projeto com um todo. Enquanto isso, a mulher permanece com um papel completamente voltado para a esfera do privado, uma vez que a condição biológica faz dela mãe e, por conseguinte, cuidadora da família e do lar. Apesar de, aos poucos, Portugal começar a apresentar progressos quando se fala em atingir uma igualdade generalizada, ainda há uma enorme dificuldade em relacionar a arquitetura com as questões de género, uma vez que ao passo que uns demonstram interesse neste conteúdo, outros, pelo contrário, afirmam que este é um assunto fora de contexto, não fazendo assim sentido para estes uma abordagem mais aprofundada do tema. (Antunes, 2015, pp. 2-23)

O espaço urbano deveria ser (bem) aproveitado por todos e como tal, a constante mudança de pensamentos deveria contribuir para a criação de uma muito forte ligação entre temas fulcrais como a subjetividade, a interpretação individual do espaço e o próprio espaço urbano em si. Ora se o sexo feminino ao longo do tempo tem sido afastado, por vezes mesmo excluído, de cargos de relevância e poder e se o progresso do espaço urbano e de tudo o que com ele se relaciona é desde sempre comandado por quem tem mais poder na sociedade, então é lógico que a dificuldade de as mulheres chegarem a um patamar onde possam elas também decidir o plano de uma cidade é bastante acrescida. É cada vez mais necessária uma luta pela igualdade de direitos e deveres no que à arquitetura diz respeito. Tem de se verificar que os interesses e necessidades de ambos os sexos são diferentes, sim, mas que nem por isso estes devem deixar de poder trabalhar em conjunto para a criação de um espaço público aprazível a todas e todos e onde as minorias se sintam seguras e recebidas de igual modo. (Antunes, 2015, pp. 2-23)

Não só no espaço físico como no espaço virtual, o homem surge como ator principal, mesmo em atos do dia-a-dia. Fazamos um teste e tomemos como exemplo uma pesquisa realizada no decorrer da realização deste trabalho [Fig.26].

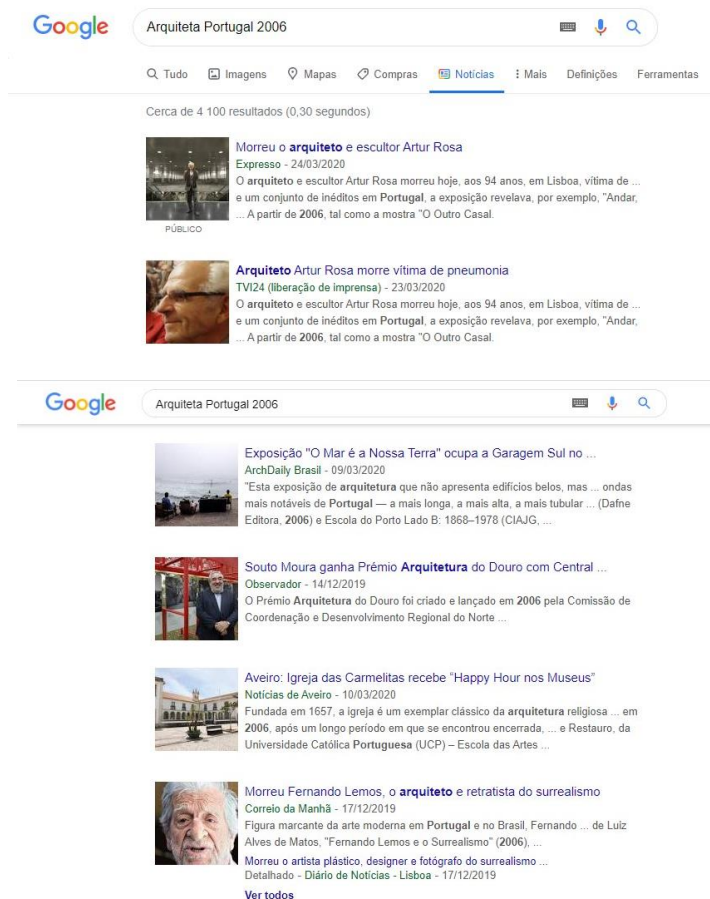


Figura 26 - Pesquisa sobre Arquiteta em Portugal em 2006. Realizada pela autora desta dissertação a 30/03/2020.

Ao ser pesquisado o termo específico “Arquiteta Portugal 2006”, e apesar de ser clara a intenção de encontrar informações acerca de mulheres, as notícias apresentadas têm, na sua maioria, o sexo masculino como destaque, sendo que são apresentados nomes conhecidos da arquitetura, como é o caso dos arquitetos Eduardo Souto Moura ou Artur Rosa.

Conclui-se que é imperativa a ampliação de espaços para Arquitetas, lugares onde a partilha de experiência e conhecimento seja válida e onde se possam debater os temas atuais da igualdade de sexos. É também fundamental que os espaços que já existem em Portugal, que dão voz à arquitetura, passem a ter uma consciência clara da luta das mulheres – e homens – contra a desigualdade e que invistam no apoio aos mesmos, para que isso passe a ser um tema de todos.

## II.2 – Eventos de arquitetura em Portugal

Ao recuarmos uns anos, antes da década de 2010 analisada mais à frente nesta dissertação, verifica-se uma falta de exposições de arquitetura no nosso país, bem como uma enorme falha a nível de palestras, debates e conferências com essa temática. Essa insuficiência devia-se, entre outras coisas, ao facto de não haver espaços dedicados ao expor e tratar a arquitetura como se tratavam já outras artes e áreas de produção de conhecimento, uma vez que os locais que existiam tinham, na sua maioria como destino principal, a divulgação da literatura ou das artes plásticas no geral. Aos poucos, à medida a que a arquitetura foi conquistando um lugar entre as outras profissões, os espaços então já existentes foram também começando a incluir, ainda que em número muito reduzido, esta profissão nos seus cartazes de apresentação de exposições e debates.

No final do século XX e no início da década de 2000, em Portugal, a arquitetura começava então a ser mais discutida e por essa razão, a Fundação Calouste Gulbenkian, criada em 1956, começou a abrangê-la no seu conjunto de temáticas a expor. Desta fundação, destinada a contribuir para a consolidação e divulgação da arte, da ciência e da educação, fazem parte um museu, uma orquestra e um coro, uma biblioteca e um arquivo, um instituto de investigação científica e um jardim, que até aos dias de hoje é um dos pontos de visita principais de Lisboa. **(Fundação Calouste Gulbenkian, 2020)**

Um dos acontecimentos mais antigos encontrados na pesquisa é a exposição retrospectiva da obra de Raul Lino, realizada por Pedro Vieira de Almeida, em 1970, na Fundação



Figura 27 – Cartaz “Les grands projets architecturaux à Paris”, Lisboa, 1985. Fonte: **(CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)**

Calouste Gulbenkian. Posteriormente, em 1985, realizado nos meses de outubro e novembro, a Gulbenkian recebe a exposição *Os Grandes Projectos Architectónicos em Paris – Les Grands Projets Architecturaux à Paris 1979*. Esta exposição contou com a apresentação de diversas maquetas, plantas e fotografias de museus como o Louvre, o Museu d’Orsay, a Ópera da Bastilha, entre outros e foi bastante importante na medida em que foi uma das primeiras e mais marcantes exposições de arquitetura, em Portugal. **(CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2016)**

No ano seguinte, em 1986, o Centro de Arte Moderna (CAM) da mesma fundação teve a seu cargo mais uma exposição de arquitetura, desta feita relacionada com a arquitetura de museus, exposição com o nome *Arquitectura de Museus na República Federal da Alemanha*. Este evento contou com a exibição de plantas e maquetas de variados museus alemães como por exemplo o Museu Diocesano de Paderborn, o Museu de Arte Moderna de Frankfurt e o Museu Municipal de Belas-Artes de Mönchengladbach e com a apresentação de um catálogo [Fig. 28], editado em português, de mostra da arquitetura dos diversos museus. **(CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2016)**

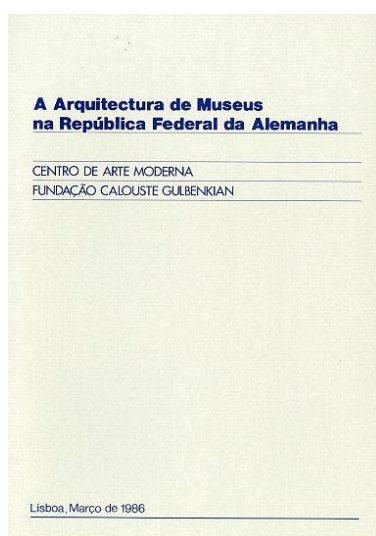


Figura 28 - Cartaz "A Arquitectura de Museus na República Federal da Alemanha", Lisboa, 1986. Fonte: **(CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)**

Ainda nesse mesmo ano, no dia 8 de abril, a Sala de Exposições Temporárias do CAM apresentou uma exposição, cuja iniciativa partiu do Instituto Francês de Arquitectura, e cuja temática e título deixava claro ao que se destinava: *Atenção aos trabalhos! A*

*Arquitetura na Banda Desenhada.* (CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)

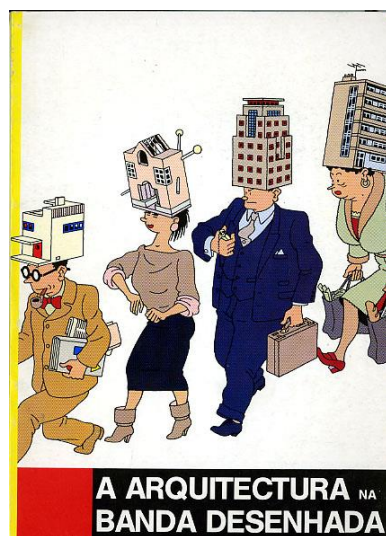


Figura 29 - Cartaz "A Arquitectura na Banda Desenhada", Lisboa, 1986.  
Fonte: (CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)

Esta exposição foi não só apresentada em Lisboa como também em Angoulême e em Paris e teve a colaboração da embaixada de França e do CAM, com a direção do Departamento de Difusão do Instituto Francês de Arquitectura. (CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)

Cinco anos depois de a Gulbenkian ter realizado esta exposição (1991), e apesar da quase inexistente informação acerca deste evento, há registos no arquivo da Fundação Serralves, fundada em 1989, da existência de uma exposição de seu nome *Arquitetura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta/anos oitenta*, realizada entre os dias 23 de maio e 7 de julho. É conhecido que no catálogo desta exposição foi redigida uma introdução levada a cabo por Fernando Pernes e contém textos realizados por Manuel Mendes e por Nuno Portas, mais uma vez comprovando a ainda predominância masculina nas autorias. (Fundação Serralves, s/d)

Ainda antes da entrada nos anos 2000, a Fundação Calouste Gulbenkian apresentou, em 1998, na Galeria de Exposições Temporárias da Sede e sob a curadoria de José Manuel Fernandes, uma exposição sobre de Luís Cristino da Silva (1896-1976). Esta exposição enquadra-se numa genealogia de exposições monográficas onde, naturalmente, imperam os homens arquitetos como autores isolados e excepcionais. (CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)

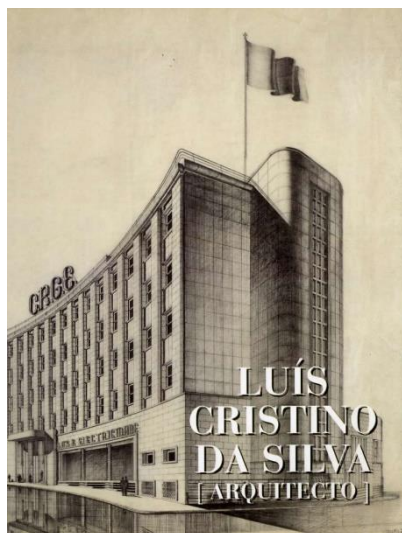


Figura 30 - Catálogo "Luís Cristino da Silva [Arquitecto]", Lisboa, 1998. Fonte: (CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)

Sabe-se também que, como em todas as outras exposições mencionadas anteriormente, existiu um catálogo informativo de apresentação [Fig. 30], acerca da arquitetura de Luís Cristino da Silva. Catálogo esse do qual fazia parte uma breve parte introdutória, uma biografia do arquiteto, textos acerca do mesmo e da sua obra e uma bibliografia, tudo editado em português. (CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)

Quatro anos depois de entrarmos na década de 2000, o arquiteto André Guedes é levado a expor no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, entre os dias 29 de outubro de 2004 e 09 de janeiro de 2005. Esta exposição teve como título *Outras árvores, outro interruptor, outro fumador e uma peça preparada* e dela fizeram parte quatro projetos de instalações e de performance, onde o arquiteto confronta lugar, espaço ou momento e tempo, não expondo projetos arquitetónicos em si, mas sim ideias de algumas situações que fariam o visitante questionar-se. (Simões, 2005)

Em 2005, seis anos depois da abertura do Museu de Serralves, o arquiteto Álvaro Siza Vieira deixa de parte o seu papel enquanto projetista e expõe no museu que ele próprio criou. Na exposição cujo título é *Álvaro Siza – Expor Museus e Espaços*, realizada entre abril e junho desse ano, o arquiteto mostra o conjunto dos seus trabalhos realizados ao longo de uma década no que diz respeito à projeção de museus – 8 dos 18 museus apresentados tinham sido construídos até à data da realização da exposição. No catálogo da exposição, de seu nome *Expor\_On Display*, Álvaro Siza Vieira descreve um pouco da conceção do Museu de Serralves e fala também do modo como ele observa a perfeita

relação entre arte e a arquitetura, existente nos museus que visitou e também nos que projetou. **(Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 2005)**

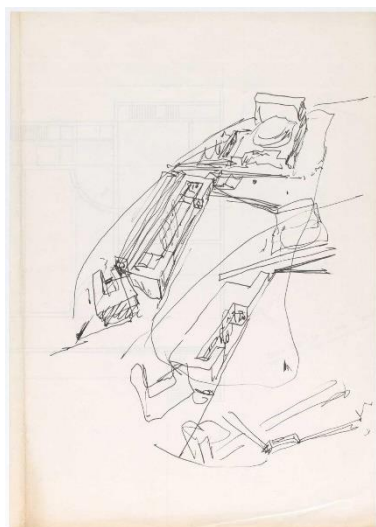


Figura 31 - Esquiço Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Álvaro Siza Vieira, s/d. Fonte: **(Vieira, s/d)**

Regressando ao Museu Calouste Gulbenkian, a pesquisa feita encontrou uma exposição realizada em 2007, dedicada ao arquiteto Viana de Lima. Este arquiteto português foi imprescindível para a arquitetura nacional do século XX e ocupa posição ao lado de grandes nomes da arquitetura moderna como Arménio Losa ou Keil do Amaral. Não foi encontrada muita informação acerca desta exposição a não ser que se realizou entre 14 de janeiro e 23 de março de 2007 e que teve como curadores José Sommer Ribeiro e José Joaquim Rodrigues. **(Museu Calouste Gulbenkian, 2016)**



Figura 32 - Capela de Notre Dame du Haut, por Lucien Hervé. Ronchamp, 1950-1955. Fonte: **(Hervé, 1950)**

Para colmatar a pesquisa feita acerca dos anos que precederam a segunda década do século XXI, foi apresentada em 2008 no Museu Coleção Berardo uma exposição sobre *Le Corbusier* (1887-1965). Esta exposição teve como principal foco fazer uma introdução

da obra do arquiteto, quer seja ela projetada, em forma de construção ou de livro e ainda dar a conhecê-lo como parte fundamental da história da arquitetura. **(Museu Coleção Berardo, s/d)**

*Le Corbusier, Arte da Architectura* contou na altura com mais de 50 mil visitantes e dividiu espaço com a exposição *Construção/Composição*, do fotógrafo Lucien Hervé, que trabalhou durante 15 anos ao lado do arquiteto, na produção de mais de vinte mil fotografias representativas do trabalho de Le Corbusier. Podem nesta data ser contabilizadas duas exposições relacionadas com a arquitetura, uma vez que uma delas é acerca do arquiteto em si e outra apresenta fotografias da sua obra construída. **(Museu Coleção Berardo, s/d)**

Os eventos mencionados ao longo deste subcapítulo são o reflexo do que se vivia no período da história antecedente ao ano de 2010. Por um lado, uma carência de lugares onde o falar e sentir arquitetura enquanto arte e prática existissem, uma vez que na época não havia locais destinados apenas a este exercício, mas sim um conjunto de sítios reservados à arte em geral onde, por vezes, a arquitetura era incluída em forma de exposição. Por outro lado, a ausência das mulheres architectas no contexto destas mesmas exposições. De entre todos os eventos encontrados nesta pesquisa, foram retiradas apenas duas temáticas expositivas: algumas destas exposições tiveram como destino dar a conhecer temas mais generalizados dentro da arquitetura, ou seja, não mencionavam nenhuma obra ou arquiteta/o em específico, como por exemplo a exposição *Architectura de Museus na República Federal da Alemanha*, em que estavam apresentados diversos museus encontrados na Alemanha, sem dar destaque a nenhum arquiteto ou arquiteta em particular; e as restantes exposições trataram a vida e obra de arquitetos homens, enquanto autores solitários: Luís Cristino da Silva, Álvaro Siza Vieira, Viana de Lima ou Le Corbusier. Ou seja, apesar de sabermos que quanto mais recuarmos no tempo menos mulheres eram architectas e consequentemente menos também eram reconhecidas por exercer a profissão, as que já faziam arquitetura nessa época não tinham lugar de fala nem viam o seu trabalho exposto como acontecia com os seus colegas homens.

No ano da realização das exposições já mencionadas *Architectura de Museus na República Federal da Alemanha* e *Atenção aos trabalhos! A Architectura na Banda Desenhada*, levadas a cabo pela Fundação Calouste Gulbenkian, aconteceu também em Portugal um evento de enorme importância para o exercício da arquitetura e para as architectas e arquitetos do país. Entre os dias 14 e 28 de fevereiro de 1986, a Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), juntamente com a FCG, realizou a *I Exposição Nacional*

*de Arquitectura – 1974-1984*, evento cujo mote era investir na arquitetura projetada por nomes menos conhecidos, dando assim visibilidade àqueles que nunca a tiveram. Não houve nomes convidados a participar na exposição, optando-se assim por um modelo de inscrições livres, sem uma prévia seleção por parte de um júri, dando desta forma oportunidade a que o verdadeiro panorama da arquitetura em Portugal, mais particularmente a arquitetura pós 25 de abril até aos anos 80, fosse revelado ao público. **(Reis, 2007, p. 167)**

FÓRUM DA 1ª EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ARQUITECTURA	
Noite 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>- infantiário e sede da Misericórdia, São João da Madeira de (Eduardo Trigo de Sousa)</li> <li>- centrais telefónicas (José Manuel Gigante com Jorge Gigante e Francisco Melo)</li> <li>- Escola Superior Agrária, Castelo Branco (José Lamas)</li> <li>- casa para emigrante (Paula e Victor Mogadouro)</li> </ul>
Noite 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estudo de recuperação do centro histórico, Coimbra (Sérgio Infante)</li> <li>- cemitério de Valverde, Évora (José Luís Quitério)</li> <li>- conjunto turístico solar de São João, Albufeira (Carlos Lecomte de Macedo e Bernardo Daupias Alves)</li> <li>- Leiria de Korrodi (José Charters Monteiro)</li> <li>- casa em Vila Praia de Âncora (Carlos Prata e Henrique de Carvalho)</li> </ul>
Noite 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>- várias obras, Chaves (Júlio Teles Grilo)</li> <li>- Café-concerto, Funchal (Duarte Cabral de Melo e Maria Manuel Godinho com João Francisco Caíres)</li> <li>- Mercado para Marvão, Portalegre (João Manuel de Teles Rebole)</li> <li>- edifício de comércio e escritórios, Vila do Conde (Adalberto Dias)</li> <li>- projecto para a Assembleia Regional dos Açores (Adalberto Dias)</li> <li>- bar Chez Lapin, Porto (Adalberto Dias)</li> <li>- casa de férias, Castelo de Bode, Santarém (Fernando Sanchez Salvador e Margarida Grácio Nunes)</li> </ul>
Noite 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>- obras da Direcção-geral das Construções Escolares (Teresa Santos Pinto com Jorge Farelo Pinto)</li> <li>- projecto para a Câmara Municipal da Moita, Setúbal (João Lucas Dias e Cândido Chuva Gomes)</li> <li>- operação SAAL, casal das Figueiras, Setúbal (Gonçalo Byrne)</li> <li>- edifícios da cooperativa de habitação Coociclo no Restelo, Lisboa (Gonçalo Byrne)</li> <li>- casa nos Açores (João Andrade)</li> </ul>

Figura 33 - Autores debatidos no Fórum da I Exposição Nacional de Arquitectura, Lisboa, 1986. Fonte: **(Reis, 2007)**

Durante as noites dos últimos quatro dias de exposição, de 24 a 27, como forma de discutir alguns dos trabalhos expostos neste evento, foi realizado um fórum na biblioteca da Sociedade Nacional de Belas Artes. Em cada noite foi debatido um conjunto de obras dos autores em exposição [Fig.33], levadas à discussão quer pelos próprios participantes quer pelo público apreciador de arquitetura. **(Reis, 2007, p. 168)**

Através da figura 33 apresentada previamente pode observar-se que foram levados a debate 21 projetos: quatro deles na primeira noite, sete na terceira e cinco na segunda e quarta noites. Esses mesmos projetos apresentados foram levados a exposição por 28 arquitetos, uma vez que alguns deles resultaram de *ateliers* ou equipas de vários arquitetos/as. Ao analisarmos com precisão a tabela que resultou desse fórum, verificamos que apenas quatro dos/as 28 arquitetos/as apresentados/as eram mulheres, deixando mais uma vez a maioria para o homem, com 24 resultados. Desta análise resultam duas questões: a baixa percentagem de projetos de mulheres arquitetas em discussão neste fórum deve-se ao facto de estas simplesmente não terem participado em grande escala nesta exposição? Ou apesar de os trabalhos delas terem sido expostos, os organizadores do fórum não as escolheram para debate por uma questão de preconceito?

Estas são algumas das muitas questões acerca desta temática que carecem de estudo e reflexão e que serão abordadas mais à frente no subcapítulo II.3, quando for analisada a presença das mulheres arquitetas nos eventos de arquitetura em Portugal.

Ainda na leva de eventos realizados anteriormente à década de 2010, surge em 2007, e pela primeira vez em Portugal, a Trienal de Arquitetura de Lisboa. Assumido pelo próprio fundador como “o primeiro grande evento dedicado à arquitetura na Península Ibérica” este acontecimento veio acrescentar a Portugal uma dimensão global, trazendo ao nosso país arquitetos e interessados pela arquitetura em geral vindos de todos os cantos do mundo, com o objetivo de aprender, discutir e debater o fazer e sentir arquitetura. **(Trienal de Lisboa, 2007)**

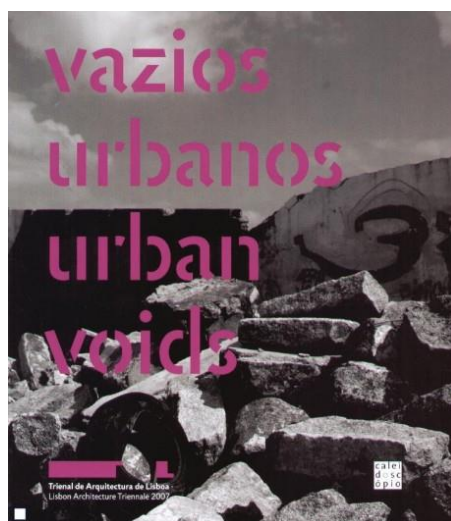


Figura 34 - Capa Vazios Urbanos, Trienal de Lisboa, 2007. Fonte: **(Trienal de Lisboa, 2007)**

Com o tema Vazios Urbanos, “[...] focou-se em fenómenos de rarefacção ou de ruptura urbana gerados por processos de decadência e degradação física e social de áreas das cidades.”, fazendo referência aos espaços ociosos, ignorados e degradados, com ausência de arquitetura. Do evento fizeram parte quatro polos expositivos distintos, com diversos propósitos dentro da mesma temática e para além destes, ainda várias intervenções pela cidade, conferências, que atraíram distintos nomes da arquitetura mundial, e cinco concursos, mobilizando assim mais de 50 mil pessoas. É um evento realizado de três em três anos, sendo que o próximo está agendado para 2022 com a programação da dupla Cristina Veríssimo e Diogo Burnay. **(Trienal de Lisboa, 2007)**

Apesar da enorme falha no que diz respeito aos eventos de arquitetura no passado, é de salientar uma entidade que até aos dias de hoje se tem esforçado bastante para que a arquitetura seja um tema presente na sociedade, quer nacional, quer

internacionalmente: o Centro Cultural de Belém. Ainda que a Garagem Sul – parte do CCB dedicada em exclusivo à arquitetura, a ser estudada mais à frente – só tenha surgido em 2012, todos os responsáveis programáticos desta instituição demonstraram ao longo do tempo um interesse em que a arquitetura fosse incluída nos seus cartazes expositivos. Assim, acontece em 1993 a primeira exposição de arquitetura realizada neste espaço. *Fernando Távora – Percurso* foi o nome atribuído a esta exposição, que levou ao CCB um pouco da vida e obra do arquiteto nascido em 1946 e que veio a falecer apenas 3 anos após a exposição. **(Centro Cultural de Belém, s/d)**

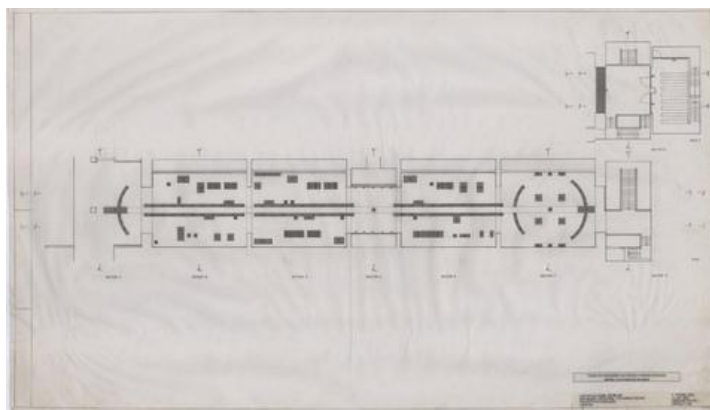


Figura 35 - Planta por Fernando Távora, Lisboa, 1993. Fonte: **(Távora, 1993)**

Ainda nesse ano, o Centro Cultural de Belém apresentou uma outra exposição *Nuno Mateus / ARX Portugal - Realidade Real*. Deste modo, as exposições de arquitetura neste espaço tornaram o encontro da população com esta área uma realidade, introduzindo a cultura arquitetónica na sociedade de um modo permanente até aos dias de hoje, uma vez que a partir de 1993 todos os anos – à exceção de 1997 e 2000 – até 2006 foram encontradas exposições de arquitetura realizadas neste local.<sup>8</sup> **(Centro Cultural de Belém, s/d)**

Através da pesquisa feita, conseguiu-se perceber que a presença de atividades e notícias relacionadas com arquitetura começou a ser mais notória quanto mais caminhamos em direção ao ano 2010. Este período, sensivelmente entre 2007 e 2012, marcou uma fase em que novos modos de divulgação da arquitetura começaram a surgir, com novas revistas, *sites*, projetos, entre outros. Foi nessa altura, em 2007, que foi criada a Casa da Arquitectura – a ser estudada com pormenor no subcapítulo II.3 –, espaço que é considerado de enorme importância para o conhecimento e reconhecimento da

<sup>8</sup> Não foram encontrados, na página oficial do CCB, eventos de arquitetura realizados entre 2006 e 2012 (ano de criação da Garagem Sul), havendo assim uma enorme falha durante este período.

arquitetura em Portugal, e que só veio a ter um espaço físico dez anos após a sua criação, em 2017. **(Casa da Arquitectura, 2007)**

Assim, apesar do levantamento, não necessariamente exaustivo, efetuado de eventos mencionados neste subcapítulo, verifica-se que quanto mais se recua na cronologia expositiva do país, menos nos debatemos com a presença de eventos de arquitetura. A importância das datas de estudo escolhidas, 2010-2019, prendem-se com esta realidade que foi encontrada. Considerando que a década de 2010 surge como uma década de maior maturidade na história e na prática expositiva da arquitetura em Portugal, procura-se, de seguida, perceber como as mulheres estiveram nelas envolvidas.

## II.3 – Garagem Sul, Casa da Arquitectura e a presença das mulheres

Este subcapítulo dedica-se ao estudo e análise do número de participantes – mulheres e homens – em eventos de arquitetura realizados em Portugal, na segunda década do século XXI (2010-2019). Sendo este o principal foco da dissertação e visto que é a primeira vez que este tema será abordado e aprofundado num trabalho desta natureza em Portugal, foi realizado um levantamento exaustivo dos eventos ocorridos nesse período e dos seus participantes, a fim de obtermos dados e a partir deles verificarmos como se concretiza a desigualdade que existe entre homens e mulheres na arquitetura.

Como mencionado anteriormente, o reduzido número de eventos de arquitetura realizados em Portugal é mais evidente quanto mais recuamos na história da cultura e arte do país. A partir do ano 2010, as atividades em torno da arquitetura começaram aos poucos a tornar-se mais visíveis e, como consequência disso, até aos dias de hoje foram surgindo locais – físicos ou virtuais – destinados ao conhecimento da arquitetura enquanto prática cultural relevante. Apesar de todos os anos existir uma significativa presença de eventos, sejam exposições, debates ou conferências, nas faculdades de arquitetura por todo o país e de continuarem a existir locais onde o exercício desta profissão é pontualmente apresentado ao público, como a FCG ou o recente Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, inaugurado em 2016 (MAAT, 2016), esta pesquisa centrou-se em dois locais especificamente destinados à arquitetura e ao dá-la a conhecer: a Garagem Sul do CCB, em Lisboa, e a Casa da Arquitetura, em Matosinhos.



Figura 36 - Exposição de Arquitetura. Garagem Sul - CCB. Lisboa, 2013. Fonte: (CCB | Garagem Sul, 2013)

Criada em 2012 com o propósito de dar continuidade ao anterior trabalho do Centro Cultural de Belém na área da arquitetura, a Garagem Sul [Fig.37] “tem acolhido um programa regular de exposições temporárias, apresentando autores consagrados e

explorando campos menos evidentes desta forma de saber transformar o mundo. Estas exposições realizam-se em parceria com outras instituições nacionais e internacionais, inscrevendo a Garagem Sul e Lisboa nas rotas de partilha e invenção do que é a arquitetura contemporânea na Europa e no mundo.” (CCB - Garagem Sul, 2012) Deste modo, serão analisados os eventos realizados desde a sua data de criação, em 2012, até ao final do ano de 2019.

No que diz respeito à Casa da Arquitectura [Fig.38], apesar de ter sido fundada no ano 2007, para que faça sentido no contexto desta dissertação apenas serão tidos em conta os eventos realizados a partir de 2010, ano que marca a entrada na segunda década do século XXI. Este espaço de divulgação da arquitetura esteve até aos dias de hoje sediado em dois locais distintos, sendo que o primeiro foi a Casa Roberto Ivens, pertencente à família de Álvaro Siza Vieira e que albergou a Casa da Arquitectura entre os anos 2009 e 2017. Em novembro desse mesmo ano, a Casa da Arquitectura passou a ter a sua localização no Quarteirão da Real Vinícola, no qual permanece até então. (Casa da Arquitectura, s/d)



Figura 37 - CCB-Garagem Sul, Sala Expositiva. Lisboa, 2017. Fonte: **(Lisboa Convida, 2017)**

Figura 38 - Casa da Arquitectura, exterior. Matosinhos, 2017. Fonte: **(Alves & Monteiro, 2017)**

Foram analisados 104 eventos desde o ano 2010. Entre eles foram consideradas exposições, conferências, conversas, apresentações de livros, exibições de filmes e debates, todos relacionados com a arquitetura. Cada evento contou com a organização da Casa da Arquitectura ou do CCB – Garagem Sul. Também se consideram os que se localizaram nestes dois espaços uma vez que ambos os locais são o foco de estudo do trabalho em questão.

Todos os dados obtidos foram resultado da uma pesquisa nos *sites* oficiais de cada uma das duas instituições, quer nos arquivos de atividades, quer nos arquivos de notícias e também do arquivo oficial de eventos no caso do CCB – Garagem Sul, fornecido pelos órgãos responsáveis do mesmo para a realização desta pesquisa (CCB - Garagem Sul, 2012) (Casa da Arquitectura, 2007). Foi efetuado um pedido de acesso ao arquivo oficial da Casa da Arquitectura, porém não foi obtida uma resposta por parte da mesma. Optou-



Figura 39 - Gráfico de eventos por local.

se exclusivamente por essas duas fontes de pesquisa por uma questão de clareza dos conteúdos apresentados, uma vez que em muitos outros documentos consultados surgiram dados diversos dos eventos encontrados nos meios oficiais de divulgação.

Todas as informações obtidas do estudo foram organizadas numa tabela que constitui o Apêndice III deste trabalho e que deve ser consultada para uma melhor compreensão da análise a ser feita. A tabela está estruturada segundo uma lógica que facilita a leitura da mesma, sendo que começa por apresentar a data de início e fim de cada evento, cronologicamente ordenado do mais antigo até ao mais recente. Seguidamente, indentifica-se o local específico onde foi realizado o evento, o nome e o tipo de evento – este último encontra-se detalhado nas Tabelas 1 e 2 mais à frente. Na coluna seguinte começa o levantamento das pessoas participantes, convidadas e/ou homenageadas, sendo que se analisou em primeiro lugar o número total de convidados/as de cada evento, independentemente de se terem apresentado como grupo ou individualmente e em seguida foi feita uma lista apenas com os participantes individuais, que foram a matéria de estudo deste trabalho. Após essa análise, dividiu-se essa mesma lista de participantes por sexo, de forma a contabilizar o número de convidados/as correspondente a cada sexo e, conseqüentemente, dentro de cada um foi estudado quais destes teriam a arquitetura como profissão e também se quantificaram os resultados. Nas quatro colunas finais são apresentadas as percentagens relativas ao que foi mencionado anteriormente, com o propósito de contribuir com números claros e comparáveis para as conclusões.

Em nenhum dos locais de estudo foram analisados a totalidade dos eventos levados a cabo pelas entidades, quer devido à falta de informação completa no que diz respeito a alguns desses eventos e aos seus integrantes, quer pelo facto de a pesquisa realizada para

esta dissertação ter sido fechada no dia 03 de junho de 2020 e as entidades atualizarem de modo recorrente as informações, arquivos e notícias dos seus *sites*, não sendo possível acompanhar todas as atualizações até ao momento de entrega este trabalho. Esta pesquisa, nomeadamente a construção do Apêndice III, é um trabalho minucioso e contínuo que se sabe que deve ser complementado ao longo dos anos e à medida que novas informações vão sendo aditadas aos *sites* de consulta de cada instituição estudada.

Tomou-se como primeiro caso de estudo a Casa da Arquitetura, que tem como principal objetivo levar a sociedade a conhecer o mundo da arquitetura e tudo o que este abrange. Esta organização sem fins lucrativos visa o reconhecimento não só de arquitetas e arquitetos como de outros órgãos com diferentes áreas culturais de interesse para o meio arquitetónico. Ao longo dos anos desde a data da sua criação, tem sido local de inúmeros eventos que estimulam o contacto da população com a arquitetura, alguns deles a serem tratados nesta dissertação. (Casa da Arquitectura, 2007)

Tabela 1 - Tipos de eventos Casa da Arquitectura

<b>Tipo de evento</b>	<b>Quantidade</b>
Conversa/debate/conferência/congresso	23
Exposição	15
Apresentação/lançamento de livro, filme, ciclo de cinema	12
Visita/viagem	2
Escola de verão/formação/workshop/oficina	4
Inauguração	1
Colóquio/seminário	1
Homenagem	2
Prémio	1
Vários propósitos	15
<b>Total</b>	<b>76</b>

Dos 104 eventos estudados, 76 aconteceram ou foram organizados pela CA, representando cerca de 73% do total de eventos em análise. Separando estes 76 eventos por grupos/categorias [Tabela 1], constatamos que 23 se encontram no grupo “Conversa/debate/conferência/congresso”, 15 são exposições, 12 deles aparecem em forma de apresentação de livro, filme ou ciclo de cinema, 2 são visitas ou viagens e 4 surgem como escolas de verão, formação, *workshop* ou oficinas. Apenas 1 surge como inauguração, como é também o caso de colóquios/seminários e de entregas de prémios. Dois aconteceram como homenagem e por fim, 15 destes eventos foram identificados

como tendo vários propósitos – como por exemplo uma apresentação de um livro que incluiu um debate no final.

Desde logo, já neste início da análise, detém-se que a Casa da Arquitectura, ao longo dos anos de estudo abrangidos por esta pesquisa, focou muito mais o seu modo de apresentar a arquitetura ao público em conversas/conferências e exposições do que em qualquer outro modo, o que é algo muito comum em espaços de apresentação cultural.

Passando para uma análise mais detalhada dos dados apresentados na tabela e calculando os valores e as percentagens correspondentes a cada caso, observa-se que no total de eventos da CA analisados, contaram com um total de 506 convidados/as e/ou participantes individuais, entre eles/as 102 mulheres e 404 homens, sendo que apenas 376 desses 506 eram arquitetos/as (63 arquitetas e 313 arquitetos). Em percentagem, estes valores traduzem-se em que cerca 20% do total de pessoas convidadas são mulheres e a larga maioria, 80%, são homens. No que toca a arquitetos/as em valores percentuais, verifica-se que apenas 17% das 376 pessoas participantes arquitetos/as são mulheres e 83% são homens, o que resulta em percentagens com um valor bastante distinto, deixando o menor número para o sexo feminino.

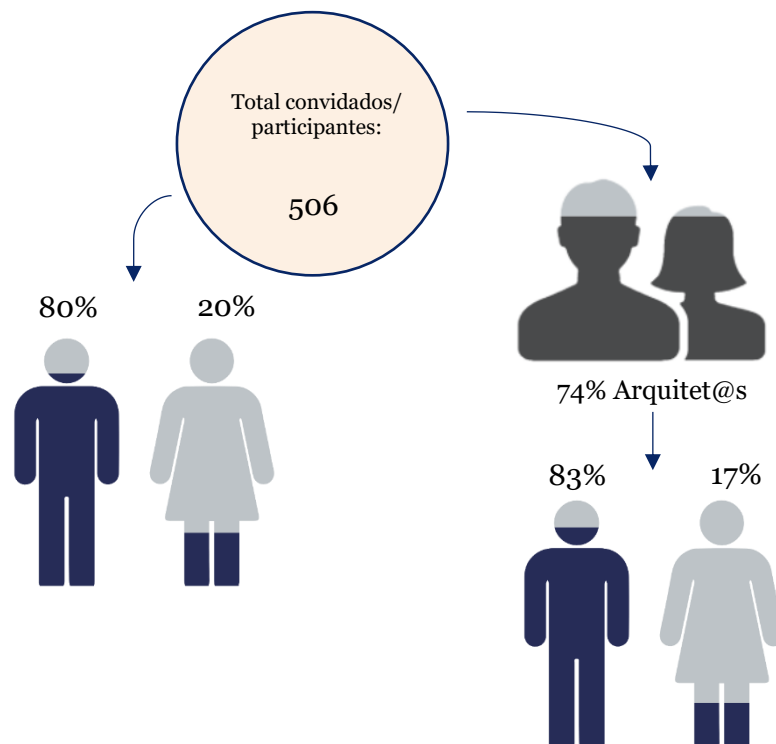


Figura 40 - Convidados/Participantes CA

Voltando o estudo para o segundo local em análise, vemos que a Garagem Sul pretende criar uma relação direta entre o saber e o ensinar arquitetura, pondo em perspectiva projetos e obras de diferentes autores. (CCB - Garagem Sul, 2012) Foram 28 os eventos analisados cujo local de acontecimento e/ou a organização estiveram a cargo do CCB – Garagem Sul, totalizando 27% dos eventos totais em estudo. Destes, 14 foram identificados enquanto exposições, 7 como conferências, 2 fizeram parte do grupo “apresentações de livros”, 1 foi um *workshop* e 1 terá sido um colóquio. Podemos também observar que 3 desses eventos tiveram mais do que uma finalidade ou formato. [Tabela 2]

Tabela 2 - Tipos de eventos Garagem Sul

<b>Tipo de evento</b>	<b>Quantidade</b>
Conversa/debate/conferência/congresso	7
Exposição	14
Apresentação/lançamento de livro, filme, ciclo de cinema	2
Escola de verão/formação/workshop/oficina	1
Colóquio/seminário	1
Vários propósitos	3
<b>Total</b>	<b>28</b>

É importante referir mais uma vez que, até à data de entrega desta dissertação estes valores podem já ter sido alterados, devido ao facto de os *sites* dos locais em questão se encontram em constante atualização, quer no que toca aos eventos a decorrer recentemente, quer aos que aconteceram durante os anos estudados neste trabalho.

Verifica-se também nesta tabela, assim como na anterior, relativa à Casa da Arquitectura, que o principal foco no que diz respeito a eventos realizados continuam a ser as exposições, não havendo qualquer informação referente a visitas, inaugurações, homenagens ou entregas de prémios. Tal como aconteceu com a CA, foi feita também uma análise pormenorizada dos dados recolhidos e calculados valores que permitissem tirar conclusões. No caso da Garagem Sul, foram contabilizados 250 convidados no total, entre eles *ateliers*/gabinetes e individuais, sendo que estes últimos perfazem um total de 169 e são os casos a ser estudados. Entre estes 169 participantes, verificou-se que apenas 36 eram mulheres – cerca de 21% – e a grande maioria – 79%, correspondentes a 133 indivíduos – eram homens e no que toca a profissionais da arquitetura, os números alteram-se para 25 mulheres e 116 homens, o que percentualmente se traduz em 18% arquitetas e 82% arquitetos.

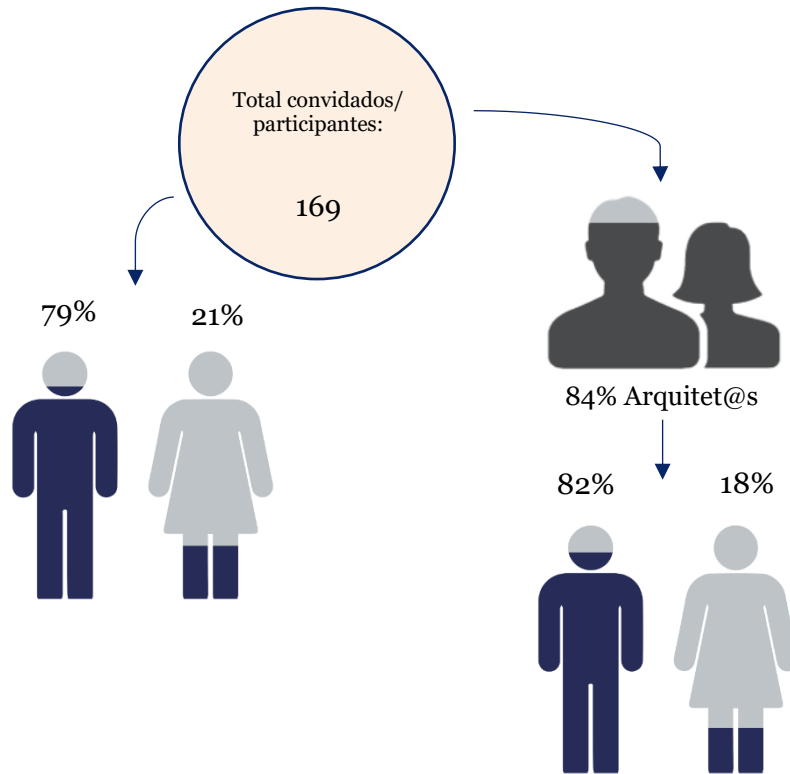


Figura 41 - Convidados/participantes CCB - Garagem Sul

Quando observados os resultados gerais da tabela que se encontra no Apêndice III, verifica-se que entre os 104 casos de estudo existiu um total de 766 de pessoas convidadas e/ou participantes (entre gabinetes/ateliers e individuais), sendo que destes, 675 foram convidados/as individuais – representando cerca de 88% do número total de convidados/as. Deste número, obteve-se um resultado de 138 convidadas do sexo feminino, o que corresponde a 20% e 537 convidados homens, número que convertido em percentagem conclui um total de 80%. Pegando nos 138 resultados obtidos para o

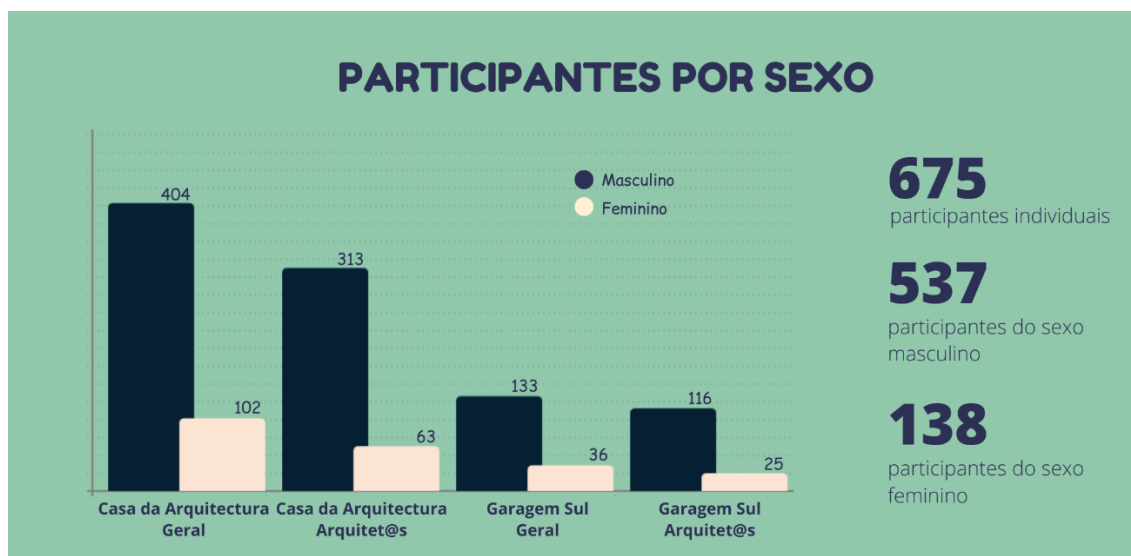


Figura 42 - Gráfico de participantes por sexo.

número de mulheres, analisou-se que 102 delas estão relacionadas com a Casa da Arquitetura e 36 com a Garagem Sul e no que diz respeito aos convidados homens, 404 foram convidados pela CA e os restantes 133 pela GS. O gráfico anterior [Fig. 42] ajuda a perceber melhor a enorme discrepância entre os valores em análise. É não só apresentado o número de mulheres e homens convidados por local, como também dentro desses, o número de arquitetas vs. o número de arquitetos encontrados na pesquisa.

Em suma, a análise feita mostra a claríssima desigualdade existente até aos dias de hoje, no que toca à presença de arquitetas e arquitetos nos eventos de arquitetura em Portugal. As percentagens identificadas com este trabalho são, de modo inequívoco, dados que podemos adicionar aos que vão sendo apresentados nos contextos de discussão desta temática, sejam académicos, sejam profissionais. A pergunta que suportou esta investigação – Qual a dimensão da presença das mulheres nos eventos de arquitectura em Portugal na década de 2010? –, surge profundamente articulada com as outras questões abordadas no interior deste tema: a tardia chegada das mulheres à arquitetura, as dificuldades que estas tiveram – e têm – de se estabelecer na mesma e as ausências delas nos locais de ensino. Contribuindo para o contexto geral estudado – as mulheres arquitectas e o seu direito pleno à profissão –, os dados encontrados neste trabalho sublinham a dificuldade que as arquitectas têm na obtenção do seu espaço de visibilidade, portanto do seu direito a uma existência pública enquanto profissionais.



Figura 43 - Resumo dos dados analisados.



## Conclusão

Ao longo do tempo, a arquitetura demonstrou ser uma área com diversos obstáculos no que toca às questões de género. A começar pelo ensino, são apontadas várias lacunas quando falamos da presença feminina, quer ao observarmos o número de docentes mulheres a lecionar um cadeira como Projeto, quer no que diz respeito aos conteúdos e bibliografias das matérias lecionadas, são raras as vezes em que é estudada a arquitetura e o conhecimento produzidos por mulheres. Não tem sido dada às mulheres estudantes a oportunidade de conhecerem arquiteturas cuja autoria seja de outras mulheres. Como mulher num curso de Arquitetura esta perceção e respetiva consciência são um fato.

Ao passarmos para o ambiente profissional, as barreiras permanecem e moldam o modo como as arquitetas se apresentam na área e como se integram na profissão. Aliar o “pessoal” ao “profissional” é uma tarefa por vezes difícil para estas, sendo um dos fatores que dificulta que estejam presentes na vida pública profissional do mesmo modo que os seus colegas homens. Por ser uma profissão ainda conservadora, elitista, sexista e patriarcal, o homem assume uma presença mais permanente e vinculada na esfera social da profissão e consequentemente é tido como ator principal e ganhador da luta meritocrática na profissão.

As adversidades e barreiras mencionadas são comprovadas nesta dissertação através das entrevistas realizadas – onde são claramente notórias as dificuldades encontradas pelas mulheres na profissão – bem como na bibliografia apresentada, redigida, em grande parte, por mulheres arquitetas que buscam dar voz à temática da desigualdade de género na arquitetura, para que esta se torne um tema mais debatido.

Como já mencionado, a realização desta dissertação foi um processo moroso e intenso por duas razões principais: inicialmente pela escassez de informação relativa ao tema em análise, por ser um tópico ainda pouco discutido e estudado; posteriormente, no que diz respeito à recolha de informação relativa aos eventos realizados nos dois casos de estudo – CCB-Garagem Sul e Casa da Arquitectura –, uma vez que a construção da lista presente no Apêndice III foi uma atividade feita ao longo do tempo, à medida que ambas as instituições foram fornecendo informação (processo dificultado também devido à pandemia de Covid-19 que assola o mundo no momento de redação deste trabalho).

Conclui-se assim que relativamente a esta análise, ponto central da dissertação, é atestada a ideia prévia de que há de facto uma disparidade colossal nos dados encontrados no que diz respeito a estas instituições. O número de mulheres arquitetas

convidadas a participar em eventos relacionados com a área é diminuto quando comparado com o número de arquitetos, fator que não tem correspondência justa com as estatísticas atuais sobre o número de arquitetas vs. o número de arquitetos inscritos na OA – número este que, neste momento, se encontra quase a caminhar aceleradamente para os 50%/50%.

Se, no início da realização deste trabalho, já era clara a necessidade de efetuar cada vez mais este tipo de estudos, ao encerrar o mesmo, esta urgência é ainda mais clara. Sem dados e sem reflexão sobre estes dados é impossível agir, nas universidades, na AO e na sociedade em geral, no sentido de garantir que mulheres e homens têm as mesmas oportunidades e possibilidades de serem profissionais de modo completo. Ficaram muitas pistas e possibilidades de investigação por fazer e conto que, no futuro, seja possível continuar a desenvolver este trabalho. De qualquer modo, fica claro que outras investigações poderão fazer uso desta dissertação e transformá-la em parte de uma mudança maior.

## Bibliografia

- ABC Cineclube. (06 de outubro de 2007). *Colóquio de Homenagem a Manuel Machado da Luz*. Obtido em 27 de novembro de 2019, de ABC Cineclube: <http://abc-cineclube.blogspot.com/2007/10/colquio-de-homenagem-manuel-machado-da.html>
- Agência Lusa. (20 de setembro de 2018). *Arquiteta Inês Lobo e artista Fernanda Fragateiro vencem Prémios AICA 2017*. Obtido em 16 de março de 2020, de Observador: <https://observador.pt/2018/09/20/arquiteta-ines-lobo-e-artista-fernanda-fragateiro-vencem-premios-aica-2017/>
- Alves, F., & Monteiro, L. (21 de novembro de 2017). *A arquitetura já tem casa em Matosinhos*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Visão: <https://visao.sapo.pt/visaose7e/ver/2017-11-21-a-arquitetura-ja-tem-casa-em-matosinhos/#&gid=0&pid=1>
- Antunes, L. (2012). *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura. [Dissertação de Mestrado]*. Coimbra: UC. Obtido em 11 de setembro de 2019
- Antunes, L. (15 de outubro de 2013). *Portfolio Architecture Lia Antunes*. Obtido em 1 de maio de 2020, de Issuu: [https://issuu.com/lia\\_antunes/docs/portfolio\\_lia\\_antunes](https://issuu.com/lia_antunes/docs/portfolio_lia_antunes)
- Antunes, L. (2015). A arquitetura nunca mais será a mesma. Considerações sobre género e espaço(s). Em S. B. Rubino, V. G. Ceballos, R. Faria, & J. Cerasoli, *Urbana: Revista Eletrônica Do Centro Interdisciplinar De Estudos Sobre a Cidade*. (pp. 02-23). Campinas (SP). Obtido em 21 de setembro de 2019
- Antunes, L. (9 de abril de 2019). *Women in Architecture association in Portugal: women builders, thinkers and inhabitants of territories*. Obtido em 16 de maio de 2020, de IAPHItalia: <http://www.iaphitalia.org/women-in-architecture-association-in-portugal-women-builders-thinkers-and-inhabitants-of-territories/>
- Antunes, L. (30 de abril de 2020). *As Mulheres Arquitetas e a sua Visibilidade*. (A. Duarte, Entrevistador) Obtido em 2 de agosto de 2020
- Antunes, L. (s/d). *Lia Gil Antunes [Perfil]*. Obtido em 20 de abril de 2020, de Academia: <https://coimbra.academia.edu/LIAANTUNES>
- Archdaily. (2018 de setembro de 20). *Robert Venturi Morre aos 93 anos*. Obtido em 2 de agosto de 2020, de Archdaily: <https://www.archdaily.com.br/br/902352/robert-venturi-morre-aos-93-anos>
- Architectural affairs. (s/d). *About*. Obtido em 23 de fevereiro de 2020, de Architectural affairs: <https://architecturalaffairs.pt/about/>
- Architizer Editors. (2020). *50 Women Rocking the World of Architecture*. Obtido em 11 de março de 2020, de Architizer: <https://architizer.com/blog/inspiration/industry/women-architects-to-watch/>
- Artéria. (s/d). *Equipa*. Obtido em 26 de janeiro de 2020, de Artéria: [http://www.arteria.pt/team\\_5](http://www.arteria.pt/team_5)
- ateliermob. (14 de outubro de 2005). *Equipa*. Obtido em 21 de janeiro de 2020, de ateliermob: <https://ateliermob.com/tag/equipa+%7C+team>
- Baraldi, V. (s/d). *Sobre Mim*. Obtido em 29 de abril de 2020, de Verónica Baraldi: <https://www.veronicabaraldi.net/sobre-mim>
- Beauvoir, S. D. (1949). *A Mulher Independente*. Em S. De Beauvoir, *O Segundo Sexo: A experiência vivida* (S. Milliet, Trad., Vol. I, p. 449). França: Difusão Européia do Livro. Obtido em 12 de novembro de 2019

- CAM - Fundação Calouste Gulbenkian. (02 de março de 2016). *Arquitectura de Museus — na República Federal da Alemanha*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Museu Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/museu/past-exhibit/arquitectura-de-museus-na-repblica-federal-da-alemanha/>
- CAM - Fundação Calouste Gulbenkian. (02 de março de 2016). *Os Grandes Projectos Arquitectónicos em Paris — Les Grands Projets Architecturaux à Paris 1979*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Museu Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/museu/past-exhibit/os-grandes-projectos-arquitectnicos-em-paris-les-grands-projets-architecturaux-paris-1979/>
- CAM - Fundação Calouste Gulbenkian. (15 de fevereiro de 2017). *A Arquitectura na Banda Desenhada*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Museu Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/museu/publication/a-arquitectura-na/>
- CAM - Fundação Calouste Gulbenkian. (15 de fevereiro de 2017). *Arquitectura de Museus na República Federal da Alemanha*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Museu Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/museu/publication/arquitectura-de-museus-na-republica-federal-da-alemanha/>
- CAM - Fundação Calouste Gulbenkian. (15 de fevereiro de 2017). *Luís Cristino da Silva - Arquitecto*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Museu Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/museu/publication/luis-cristino-da-silva/>
- CAM - Fundação Calouste Gulbenkian. (15 de fevereiro de 2017). *Os grandes projectos arquitectónicos em Paris - Les grands projets architecturaux à Paris*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Museu Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/museu/publication/os-grandes-projectos-arquitectnicos-em-paris/>
- Câmara Municipal de Marília. (s/d). *Ruas de Marília - Resgatando a memória de minha rua*. Obtido em 15 de novembro de 2019, de Câmara Municipal de Marília: <http://www2.univem.edu.br/ruasdemarilia/index.php?id=2883>
- Campos, I. (24 de junho de 2015). *Fotos [Perfil]*. Obtido em 15 de abril de 2020, de Facebook: <https://www.facebook.com/iddcampos>
- Campos, I. (s/d). *Sobre*. Obtido em 15 de abril de 2020, de Linked In: <https://pt.linkedin.com/in/in%C3%AAs-campos-82279541?trk=pub-pbmap>
- Casa da Arquitectura. (2007). *Instituição*. Obtido em 11 de janeiro de 2020, de Casa da Arquitectura: <https://casadaarquitectura.pt/instituicao/>
- Casa da Arquitectura. (s/d). *Instalações*. Obtido em 11 de janeiro de 2020, de Casa da Arquitectura: <http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/>
- Castelo, A. (12 de setembro de 2018). *Coletivo de arquitetas feministas quer tornar Lisboa “uma cidade de todas e de todos”*. Obtido em 1 de julho de 2020, de O Corvo: <https://ocorvo.pt/coletivo-de-arquitetas-feministas-quer-tornar-lisboa-uma-cidade-de-todas-e-de-todos/>
- CCB - Garagem Sul. (2012). *Garagem Sul | Exposições de Arquitectura*. Obtido em 1 de setembro de 2019, de CCB - Garagem Sul: <https://www.ccb.pt/Default/pt/GaragemSul/GaragemSul>
- CCB | Garagem Sul. (25 de julho de 2013). *Garagem Sul - Exposições de Arquitectura*. Obtido em 1 de setembro de 2019, de CCB | Garagem Sul: <https://www.ccb.pt/Default/pt/GaragemSul/GaragemSul>
- Centro Cultural de Belém. (s/d). *Garagem Sul | Exposições de Arquitectura*. Obtido em 3 de setembro de 2019, de CCB\_Cidade Aberta: <https://www.ccb.pt/Default/pt/GaragemSul/GaragemSul>

- CIAUD. (17 de janeiro de 2018). *Joana Pestana Gonçalves Lages*. Obtido em 27 de abril de 2020, de CIAUD: <http://ciaud.fa.ulisboa.pt/index.php/pt/membros-2/urbanismo/inves-efect/79-investigadores/2014-06-20-10-26-04-1/2014-06-20-10-37-05-1/1008-joana-pestana-goncalves-lages>
- Construir. (2 de dezembro de 2019). *8ª Sessão do Ciclo "Espaços para Arquitectas" convida Désirée Pedro*. Obtido em 11 de março de 2020, de Construir: <https://www.construir.pt/2019/12/02/8a-sessao-do-ciclo-espacos-para-arquitetas-convida-desiree-pedro/>
- Cook, G. (15 de abril de 2013). *What about Denise?* Obtido em 16 de agosto de 2020, de The New Yorker: [newyorker.com/culture/culture-desk/what-about-denise](http://newyorker.com/culture/culture-desk/what-about-denise)
- Cortez, R. (11 de agosto de 2020). *A revolução portuguesa e a libertação das mulheres*. Obtido em 11 de agosto de 2020, de Jacobin Brasil: <https://jacobin.com.br/2020/08/a-revolucao-portuguesa-e-a-libertacao-das-mulheres/>
- Cuesta, M. J. (s/d). *María José Cuesta - Sobre [Perfil]*. Obtido em 3 de maio de 2020, de Linked In: <https://www.linkedin.com/in/mar%C3%ADa-jos%C3%A9-cuesta-rodr%C3%ADguez-52939b14/?originalSubdomain=pt>
- Dalhousie University. (2019). *Cristina Veríssimo - Assistant Professor (Perfil)*. Obtido em 19 de janeiro de 2020, de Dalhousie University: <https://www.dal.ca/faculty/architecture-planning/school-of-architecture/faculty-staff/faculty/cristina-verissimo.html>
- Delas. (13 de janeiro de 2017). *Manifestação feminista fez história em 1975*. Obtido em 15 de agosto de 2020, de Delas: <https://www.delas.pt/13-de-janeiro-de-1975-o-adeus-aos-simbolos-da-opressao-feminina/atualidade/72153/>
- Durães, M. (27 de março de 2020). *Helena Vieira, a portuguesa na lista de architectas mais influentes do Architizer*. Obtido em 11 de março de 2020, de Público - P3: [https://www.publico.pt/2020/03/27/p3/noticia/helena-vieira-portuguesa-lista-arquitetas-influentes-architizer-1908487?fbclid=IwAR16ou20wrpIy42wA\\_puvSBPfgJFeVcgZjPd\\_MGBEj5v-OshM8G1mFLkPZY](https://www.publico.pt/2020/03/27/p3/noticia/helena-vieira-portuguesa-lista-arquitetas-influentes-architizer-1908487?fbclid=IwAR16ou20wrpIy42wA_puvSBPfgJFeVcgZjPd_MGBEj5v-OshM8G1mFLkPZY)
- Durante, S. (2015). *Denise Scott Brown*. Obtido em 11 de agosto de 2020, de Ebad: [ebad.info/brown-denise-scott](http://ebad.info/brown-denise-scott)
- Espaço de Arquitectura. (02 de abril de 2013). *Por trás de um grande arquitecto pritzker pode estar uma grande architecta*. Obtido em 10 de agosto de 2020, de Espaço de Arquitectura: <https://espacodearquitetura.com/noticias/por-tras-de-um-grande-arquitecto-pritzker-pode-estar-uma-grande-arquiteta/>
- Espaço de Arquitectura. (s/d). *Inês Lobo Architectos - Sobre*. Obtido em 15 de março de 2020, de Espaço de Arquitectura: <https://espacodearquitetura.com/empresas/ines-lobo-arquitectos/>
- European Architectural History Network. (2010). *Conference*. Obtido em 21 de junho de 2020, de European Architectural History Network: <https://eahn.org/conference/>
- Fragoso, T. (2018). Preâmbulo. Em P. S. Pedrosa, J. P. Lages, & L. G. Antunes, *Arquitectas: Modo(s) de (R)existir. Reflexões a partir de um ciclo de conversas*. (pp. 7-11). Lisboa: Mulheres na Arquitectura. Obtido em 13 de junho de 2020
- Fundação Calouste Gulbenkian. (25 de março de 2020). *Fundação Calouste Gulbenkian - Apresentação*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Fundação Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/fundacao/apresentacao/>
- Fundação Serralves. (s/d). *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta / anos oitenta*. Obtido em 18 de maio de 2020, de Serralves:

- <https://www.serralves.pt/pt/catalogo/lista-de-publicacoes/arquitetura-portuguesa-contemporanea-anos-sessenta-anos-oitenta/>
- Gomes, C., Botelho, H., & Thorne, M. (2019). Reflexões para a profissão no feminino. *arq'a*, 96-101. Obtido em 1 de setembro de 2019
- Greenwood, K. (s/d). *Spotlight: Hearst Castle*. Obtido em 10 de janeiro de 2020, de California: Dream Big: <https://www.visitcalifornia.com/destination/spotlight-hearst-castle>
- Hervé, L. (1950). *Chapelle Notre Dame du Haut*. Obtido em 12 de janeiro de 2020, de Lucien Hervé: [https://lucienherve.com/lh\\_corb.html](https://lucienherve.com/lh_corb.html)
- Impactum-Journals. (03 de março de 2010). *Joelho*. Obtido em 20 de agosto de 2019, de Impactum-Journals: <https://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/4>
- Inês Lobo Arquitectos. (s/d). *Office*. Obtido em 30 de abril de 2020, de !Lobo - Inês Lobo Arquitectos lda.: <https://www.ilobo.pt/>
- Instituto de História da Arte. (20 de setembro de 2015). *Novas bolsas Doc e Pós-Doc atribuídas em 2015*. Obtido em 13 de junho de 2020, de Instituto de História da Arte: <https://institutodehistoriadaarte.wordpress.com/2015/09/20/novas-bolsas-doc-e-pos-doc-atribuidas-em-2015/>
- Jiménez, E. G. (09 de junho de 2019). *Helena Roseta 1947*. Obtido em 30 de julho de 2020, de Un Día | Una Arquitecta 4: [https://undiaunaarquitecta4.wordpress.com/2019/06/09/helena-roseta-1947/?fbclid=IwAR0\\_5v5y-22AeWqqljKqoshVM9qJolijhVdd-nba-hMry4xqhtBSs7s1s](https://undiaunaarquitecta4.wordpress.com/2019/06/09/helena-roseta-1947/?fbclid=IwAR0_5v5y-22AeWqqljKqoshVM9qJolijhVdd-nba-hMry4xqhtBSs7s1s)
- Lisboa Convida. (27 de novembro de 2017). *CCB - Garagem SulExposições de Arquitetura*. Obtido em 29 de maio de 2020, de Lisboa Convida: <http://lisboa.convida.pt/poi/see-do/ccb-garagem-sul-9942>
- Lombardero, N. Á. (2018). Congresos Internacionales de Arquitectura y Género: innovando y reconectando. Obtido em 3 de junho de 2020
- MAAT. (2016). *Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia - Sobre*. Obtido em 8 de maio de 2020, de Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia: <https://maat.pt/pt/museu-de-arte-arquitetura-e-tecnologia>
- Machado, S. (30 de abril de 2020). As Mulheres Arquitetas e a sua Visibilidade. (A. Duarte, Entrevistador) Obtido em 3 de agosto de 2020
- Magazine Imobiliário . (12 de março de 2020). *Há uma arquitecta portuguesa entre as melhores do mundo*. Obtido de Magazine Imobiliário: <http://www.magazineimobiliario.com/arquitetura/ha-uma-arquitecta-portuguesa-entre-as-melhores-do-mundo/>
- MDM. (s/d). *Maria José Estanco*. Obtido em 28 de novembro de 2019, de MDM - Movimento Democrático de Mulheres: <https://www.mdm.org.pt/maria-jose-estanco/>
- Melão, A. (s/d). *Alexandra Melão - Sobre*. Obtido em 16 de abril de 2020, de Linked In: [https://www.linkedin.com/in/alexandra-mel%C3%A3o-72864716/?locale=pt\\_BR](https://www.linkedin.com/in/alexandra-mel%C3%A3o-72864716/?locale=pt_BR)
- Milheiro, A. V. (16 de março de 2014). *Inês Lobo, arquitecta em nome próprio*. Obtido em 25 de maio de 2020, de Público: <https://www.publico.pt/2014/03/16/culturaipsilon/noticia/ines-lobo-arquitecta-em-nome-proprio-1628457>
- Milheiro, A. V. (s.d.). A Mulher do Arquitecto. *Jornal Arquitectos*, 3. Obtido em 30 de novembro de 2019

- Milheiro, A. V., & Fiúza, F. (2020). *Women Architects in Portugal: Working in Colonial Africa before the Carnation Revolution (1950–1974)*. Coimbra: Arts. Obtido em 21 de agosto de 2020
- Monteiro, P. (2015). Mulheres Invisíveis. Princípios para uma reconstrução do discurso em arquitetura. Em S. B. Rubino, V. G. Ceballos, R. Faria, & J. Cerasoli, *URBANA: Revista Eletrônica Do Centro Interdisciplinar De Estudos Sobre a Cidade*. (pp. 55-64). Campinas (SP). Obtido em 13 de fevereiro de 2020
- Moreira, I. (03 de setembro de 2012). *Equipa - Inês Moreira*. Obtido em 17 de abril de 2020, de Edifícios & Vestígios: <http://buildingsremnants.com/2012/09/03/ines-moreira/>
- Mulheres na Arquitectura. (02 de novembro de 2017). *Sessão II: DO PROJECTO E DA OBRA*. Obtido em 22 de julho de 2020, de Facebook: <https://www.facebook.com/mulheresnaarquitectura/photos/a.1512758178777507/1513312008722124/?type=3&theater>
- Museu Calouste Gulbenkian. (02 de março de 2016). *Arquivo*. Obtido em 14 de maio de 2020, de Museu Calouste Gulbenkian: [https://gulbenkian.pt/museu/past-exhibits/?expo\\_year=116](https://gulbenkian.pt/museu/past-exhibits/?expo_year=116)
- Museu Coleção Berardo. (s/d). *Le Corbusier - Arte da Arquitectura*. Obtido em 14 de maio de 2020, de Museu Coleção Berardo: <https://pt.museuberardo.pt/exposicoes/le-corbusier-arte-da-arquitectura>
- Museu de Arte Contemporânea de Serralves. (2005). *Vistas de exposição 2005*. Obtido em 13 de maio de 2020, de Serralves: [http://emuseum.serralves.pt/pa/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultListView/result.t2.artist\\_list.\\$TspTitleLink\\$0.link&sp=11&sp=Sartist&sp=SfilterDefinicao&sp=0&sp=2&sp=999&sp=SsimpleList&sp=0&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=F&sp=T&sp=18](http://emuseum.serralves.pt/pa/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultListView/result.t2.artist_list.$TspTitleLink$0.link&sp=11&sp=Sartist&sp=SfilterDefinicao&sp=0&sp=2&sp=999&sp=SsimpleList&sp=0&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=F&sp=T&sp=18)
- Ochoa, R. (2018). *Arquitetura no Feminino?* Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Obtido em 4 de agosto de 2020
- Paula Santos|Arquitetura. (s/d). *Paula Santos - Dados Pessoais (Perfil)*. Obtido em 7 de maio de 2020, de Paula Santos|Arquitetura: <https://www.paulasantosarq.com/pt/paula-santos/>
- Pedrosa, P. S. (2010). Being a Female Architect in Portugal: A Short Introduction to a Long Ride. Em *Ist International Meeting EAHN European Architectural History Network – CD of Papers* (pp. 234-240). Guimarães: EAHN. Obtido em 17 de junho de 2020
- Pedrosa, P. S. (2014). Women Architects in Portugal. A long and winding road. Em E. - U. Sevilla, *Women Architects. Redefining the Practice - 1st International Symposium on Architecture and Gender*. (pp. 99-112). Sevilha: Nuria Álvarez Lombardero. Obtido em 28 de julho de 2020
- Pedrosa, P. S. (2019). Architect@s de todos os países, uni-vos! *Arq'a*, 102. Obtido em 2 de junho de 2020
- Pedrosa, P. S. (8 de março de 2019). *Arquitetas Portuguesas sentem-se discriminadas*. Obtido em 20 de junho de 2020, de Visão: <https://visao.sapo.pt/imobiliario/2019-03-08-arquitetas-portuguesas-sentem-se-discriminadas/>
- Pedrosa, P. S., & Antunes, L. G. (Dezembro de 2020). Luz Valente-Pereira: Architecture, Research, and Life in a Changing Country. *Ex aequo n°42*. Obtido em 29 de agosto de 2020
- Pereira, M. (novembro de 2019). *Conheça as obras finalistas do PNAM'19 - Prêmio Nacional de Arquitetura em Madeira*. Obtido em 17 de janeiro de 2020, de

- ArchDaily: <https://www.archdaily.com.br/br/927703/conheca-as-obras-finalistas-do-pnam19-premio-nacional-de-arquitetura-em-madeira>
- Pérez-Moreno, L. C., & Pedrosa, P. S. (2020). Women Architects on the Road to an Egalitarian Profession - The Portuguese and Spanish Cases. Em *Special Issue "Becoming a Gender Equity Democracy: Women and Architecture Practice in Spain and Portugal (1960s–1980s)"* (pp. 1-10). Obtido em 13 de agosto de 2020
- Pinheiro, S. M. (2018). *ARQUITECTAS: SUPERAR A INVISIBILIDADE. Reconhecimento de Mercês Vieira e Desirée Pedro na Arquitectura Portuguesa [Dissertação de Mestrado]*. Coimbra: UC. Obtido em 29 de julho de 2020
- Pinto, P. C. (08 de fevereiro de 2018). *Exposição vandalizada na UBI: foi por acaso?* Obtido em 2 de setembro de 2020, de Expresso: [https://expresso.pt/blogues/bloguet\\_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2018-02-08-Exposicao-vandalizada-na-UBI-foi-por-acaso-](https://expresso.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2018-02-08-Exposicao-vandalizada-na-UBI-foi-por-acaso-)
- Rádio Escuta. (28 de maio de 2019). *Rádio Escuta*. Obtido em 29 de abril de 2020, de Anchor: <https://anchor.fm/radio-escuta/episodes/Conversas--Ana-Jara-e45r2n>
- Reis de Carvalho, F. (2020). *Maria José Marques da Silva, uma arquiteta pioneira em Portugal*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Obtido em 30 de novembro de 2019
- Reis, S. (2007). *Arquitetura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Obtido em 3 de janeiro de 2020
- Robalo, P. (2020). *Patrícia Robalo - Sobre [Perfil]*. Obtido em 8 de julho de 2020, de Linked In: <https://www.linkedin.com/in/patricia-robalo-ribeiro-b653b39b/>
- Roseta, H. (31 de Outubro de 2019). *O que eu andei para aqui chegar*. Obtido em 19 de julho de 2020, de Helena Roseta: <https://www.helenaroseta.pt/quemsoueu/biografia/,000005/index.htm?>
- Rosmaninho, S. (s/d). *Susana Rosmaninho - Sobre [Perfil]*. Obtido em 2 de junho de 2020, de Linked In: Susana Rosmaninho
- Roxo, J. F. (2016). A senhora Arquitecto: Maria José Estanco. Em J. F. Roxo. Lisboa: ISCTE-IUL. Obtido em 4 de dezembro de 2019
- Rusconi, I. (2019). *Isabella Rusconi - Sobre*. Obtido de Linked In: <https://www.linkedin.com/in/isabella-rusconi-97072a73/?originalSubdomain=pt>
- Rusconi, I. (2019). *Isabella Rusconi [Perfil]*. Obtido em 28 de abril de 2020, de Linked In: <https://www.linkedin.com/in/isabella-rusconi-97072a73/>
- Silva, D. (14 de março de 2019). *Cristina Veríssimo 1964*. Obtido em 3 de março de 2020, de Un día | Una Arquiteta 4: <https://undiaunaarquitecta4.wordpress.com/2019/03/14/cristina-verissimo-1964/>
- Simões, H. (18 de janeiro de 2005). *Paula Rego\_ Museu Serralves*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Centro de Informática da Universidade de Coimbra: [http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/fl\\_estetica/msg00062.html](http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/fl_estetica/msg00062.html)
- Távora, F. (1993). *Exposição "Fernando Távora - Percurso"*. Obtido em 15 de maio de 2020, de Fundação Marques da Silva: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/exposicao-fernando-tavora-percurso>
- Trienal de Lisboa. (2007). *2007 - Vazios Urbanos*. Obtido em 5 de novembro de 2019, de Trienal de Lisboa: <https://www.trienaldelisboa.com/programa/trienais/2007>
- Trienal de Lisboa. (11 de dezembro de 2016). *The Form of Form - Patrícia Robalo*. Obtido em 7 de maio de 2020, de Trienal de Lisboa: <http://www.trienaldelisboa.com/theformofform/participantes/patricia-robalo/>
- UBI. (s/d). *CV - Resumido*. Obtido em 15 de janeiro de 2020, de UBI: <https://www.ubi.pt/Ficheiros/Eventos/2017/4/7407/CV%20resumido.pdf>

- Universidade da Beira Interior. (2011). *Plano de Igualdade de Género da UBI*. Obtido em 2 de dezembro de 2019, de UBIgual: <http://www.igualdadedegenero.ubi.pt/index.php>
- Universidade da Beira Interior. (15 de janeiro de 2018). *Exposição dá a conhecer mulheres arquitetas*. Obtido em 16 de agosto de 2020, de Universidade da Beira Interior: <https://www.ubi.pt/Noticia/6183>
- Universidade do Porto. (s/d). *Fundação Marques da Silva*. Obtido em 28 de novembro de 2019, de Universidade do Porto: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/maria-jose-marques-da-silva-e-sua-filha-maria-jose-marques-da-silva>
- Universidade do Porto. (s/d). *Fundação Marques da Silva*. Obtido em 28 de novembro de 2019, de Universidade do Porto: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/maria-jose-marques-da-silva-32>
- Universidade do Porto. (s/d). *Maria José Marques da Silva & David Moreira da Silva*. Obtido em 28 de novembro de 2019, de Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (FIMS): <https://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=15>
- Universidade Lusófona. (s/d). *Maria Luísa Paiva Menezes de Sequeira*. Obtido em 28 de abril de 2020, de Universidade Lusófona: <http://arquitetura.ulusofona.pt/pt/luisa-paiva-sequeira/>
- Vaquinhas, I. (2004). *As Mulheres na Sociedade Portuguesa Oitocentista. Algumas questões económicas e sociais (1850-1900)*. Em B. M. Vieira, *Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no Século XIX* (pp. 149-164). Coimbra: CEHCP - ISCTE. Obtido em 3 de agosto de 2020
- Vieira, Á. S. (s/d). *Arquivo Álvaro Siza*. Obtido em 16 de maio de 2020, de Arquivo da Fundação de Serralves: <http://arquivos.serralves.pt/welcome>
- Visão. (21 de março de 2019). *Visão - Sete*. Obtido em 29 de abril de 2020, de Visão: <https://visao.sapo.pt/visaose7e/sair/2019-03-21-o-gosto-dos-outros-andreia-garcia/>
- VivaDecora. (18 de julho de 2019). *A trajetória de sucesso de Zaha Hadid, a Rainha das Curvas da arquitetura*. Obtido em 11 de março de 2020, de VivaDecora: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetos/zaha-hadid/>
- Vogue. (01 de abril de 2016). *Zaha Hadid's most memorable and inspiring quotes*. Obtido em 17 de agosto de 2020, de Vogue: <https://www.vogue.com.au/vogue-living/design/zaha-hadids-most-memorable-and-inspiring-quotes/image-gallery/b92978d33fc292acc66edd1945b2d1bc>
- W@arch.pt. (2020). *W@arch.pt*. Obtido em 11 de julho de 2020, de V International Congress Architecture and Gender | ACTION. Feminisms and the spatialization of resistances. About.: <https://warch.iscsp.ulisboa.pt/en/v-ciag/#about>
- Zaha Hadid Architects. (s/d). *Archive - People: Zaha Hadid*. Obtido em 11 de março de 2020, de Zaha Hadid Architects: <https://www.zaha-hadid.com/people/zaha-hadid/>



# Apêndice I – Entrevistas

## II.1 - Alexandra Melão

Nasceu em Beja, em 1981. Formada em Arquitetura pela Universidade Técnica de Lisboa em 2010, estagiou em Estocolmo em 2013 no âmbito do programa Leonardo da Vinci. Em 2008, em paralelo com o curso de Arquitetura, tirou um curso de Fotografia no Instituto Português de Fotografia, e em 2009 estudou Cenografia e Design Cénico no Instituto de Criatividade e Novas Tecnologias. Em 2013 voltou para o Alentejo depois do estágio na Suécia, e é lá – entre Beja e Serpa - que reside e trabalha desde essa data. A partir de 2014 até aos dias de hoje, trabalha com o *atelier* Arquisol – Arquitectura e Planeamento, Lda., no desenvolvimento de projetos de arquitetura, com foco na construção tradicional.<sup>9</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 16/04/2020.

Ana Duarte (AD) - **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Alexandra Melão (AM) - R1: Podendo a visibilidade dos trabalhos das mulheres architectas não ser idêntica comparativamente aos dos seus colegas homens, acredito que nos encontramos no momento de mudança desse paradigma. Vejamos a exemplo disso a atribuição do Prémio *Prtizker* de 2020 à dupla de architectas irlandesas e mais recentemente à publicação da lista das architectas mais influentes pelo *Architizer* (apesar de ter dúvidas que estas listas sejam o caminho a seguir para esbater as desigualdades, mas que sem dúvida ajudam na divulgação do trabalho realizado por architectas).

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

AM – R2: Os factores que definem esta resposta são variados e complexos. Mas aconselharia a leitura de uma entrevista do neurocientista António Damásio, realizada pelo Expresso (não sei a data). Senão estou em erro a sua mulher também participou e foi de alguma forma esclarecedora, ou pelo menos foi assim que eu a guardei na memória.

O que me parece é que o tempo/espço que a mulher dedica à sua carreira/profissão (independentemente da área) continua a não ser o mesmo que o homem, e isso tem consequências na forma como participa nos referidos eventos. Enquanto que para o homem é visto como uma obrigação e forma de valorização para a mulher continua a ser uma escolha, mas que implica abdicar de algo. E essa escolha está condicionada por questões culturais e sociais.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

<sup>9</sup> Fonte: (Melão, s/d). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por *email*, a 27 de abril de 2020.

AM – R3: A resposta é afirmativa a ambas as questões, mas se tivermos que quantificar o masculino seria a referência.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

AM – R4: Sim e acredito que se torne regra, nem que mais não seja porque existe uma pressão por parte da comunidade para que isso aconteça.

**AD – Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

AM – R5: Apesar de existir uma mudança do paradigma é certo que o campo da arquitectura e da construção ainda é dominado pelo homem. Perante algumas situações pelas quais passei (nomeadamente em obra) questionei-me se o tratamento seria diferente se eu fosse um homem e infelizmente acho que sim.

## II.2 - Ana Jara

Arquiteta, é também cenógrafa e trabalha como investigadora em estudos urbanos. Nasceu em Lisboa, no ano de 1975. Licenciou-se em Arquitectura, na Universidade Técnica de Lisboa, fez mestrado em Artes, na *Central Saint Martins College of Art and Design*, em Londres e faz doutoramento no ISCTE e na Universidade Nova em Lisboa. Fundou em 2011 o *atelier* Artéria, juntamente com Lucinda Correia e Sara Goulart e lecionou como professora convidada na Suécia, entre 2014 e 2015 e no IADE entre 2017 e 2018, ano desde o qual trabalha como vereadora na Câmara Municipal de Lisboa.<sup>10</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 13/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitectas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Ana Jara (AJ) – R1: Considero que não, a visibilidade dos trabalhos é diferente, diria que em contexto nacional temos várias arquitectas com trabalhos diversos, mas que talvez sejam menos conhecidas pelos trabalhos que serão menos alvo de apresentação e publicação. Em termos internacionais tenho a mesma sensação, muito poucas arquitectas para a proporção de arquitectos.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitectura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitectura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

AJ – R2: A dificuldade em perceber que essa representação importa para a reflexão cuidada das práticas e discursos da arquitectura. Uma cultura patriarcal que invisibiliza e considera marginal o que as mulheres arquitectas produzem enquanto obra e enquanto discurso. Tantas vezes a Artéria foi convidada para falar de ‘novas práticas de arquitectura’, ou ‘práticas alternativas’ e ‘participativas’ e menos para mostrar o seu trabalho, como parte de um contexto de produção de arquitectura, e sem o filtro de ser um *atelier* diferente.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas? E mulheres enquanto professoras de projecto?**

AJ – R3: A falta de referências femininas foi uma constante ao longo da minha formação. A hegemonia no pensamento e os modelos impressos na faculdade, no meu caso levaram a longos anos de busca por um caminho próprio, passei por uma escola de artes, enveredei pelo teatro, fui pelos estudos urbanos, descobri com entusiasmo a antropologia urbana, com direções menos focadas, e menos interessada no projecto que era o lugar inicial e o derradeiro para o ensino que frequentei. Por esses caminhos encontrei mais mulheres arquitectas como eu, menos preconceitos com o que se podia ou não fazer na arquitectura. Anos mais tarde, na Suécia (Escola de Arquitectura de Umea) fui professora de projecto e dei-me conta do quão importante é

<sup>10</sup> Fonte: (Artéria, s/d). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por *email*, a 26 de abril de 2020. Fonte da Imagem (Rádio Escuta, 2019).

para uma aluna (e para um aluno) ser acompanhada e avaliada nos seus anos de estudo por uma mulher, até por que tomei consciência de nunca ter sido.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

AJ – R4: Considero que sim, e vejo algumas arquitectas a prosseguir as suas carreiras nos circuitos de maior visibilidade com contributos importantes para a sua transformação, tudo muito recente, mas promissor.

**AD – Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

AJ – R5: É bastante claro para mim que sim, acho que até dado momento, nos anos de faculdade a escolha da arquitectura foi uma espécie de lugar-espartilho por romper, com espaço limitado para as interrogações e a expressividade natural de quem aprende - penso na falta dos modelos e reflexos das arquitectas no papel de educadoras dentro das instituições de ensino. Noutra momento enquanto jovem profissional, que quis construir uma prática própria, o atelier Artéria, a categorização permanente de 'alternativa' ou de prática feminina, de escala doméstica, prática de crise, de raiz activista, etc. Em contexto de estaleiro de obra, tantas vezes por outros colegas, engenheiros e operários, com um atelier de mulheres arquitectas foi um tema que obrigou a desenvolver estratégias de superação muito conscientes. Finalmente no contexto actual e, entrando como arquitecta na política, como vereadora em Lisboa e num círculo de eleitos em que existem 6 mulheres para 17 cargos, carrego comigo essa ideia de discriminação na representação feminina na política e da fraca presença da arquitectura na política, a pensar como posso contribuir para a transformação, porque ando a caminhar no lugar da voz das mulheres, e da sua representatividade política e social.

## II.3 - Andreia Garcia

Arquiteta nascida em Guimarães, em 1985, trabalha como arquiteta, curadora e leciona no ensino universitário. Doutorou-se na FAUL em 2015, o que lhe trouxe o prémio de melhor tese de doutoramento 2014/2015. É fundadora da *Architectural Affairs* desde 2016 e cofundadora da Galeria da Arquitectura desde o mesmo ano. Dá aulas como professora auxiliar na UBI, como professora auxiliar convidada na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho e na *Architectural Association*, em Londres.<sup>11</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 16/03/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Andreia Garcia (AG) – R1: Em pleno século XXI ainda não posso dizer que seja idêntica a visibilidade do trabalho de Arquitectura realizado por homens ou por mulheres. Esta disparidade a nível internacional e nacional não é a mesma, assim como considero que há questões a analisar entre a disparidade observada nos meios de comunicação especializada e nos meios de comunicação generalista.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

AG – R2: Penso que esta questão está associada ao número substancialmente superior de escritórios geridos por homens face ao número de escritórios geridos por mulheres. Essa questão já foi debatida muitas vezes e está, por sua vez, possivelmente (ainda) relacionada com a eventual redução de produtividade do trabalho realizado por uma mulher em período de maternidade e que a sociedade (ainda) tende a utilizar como desculpa à descredibilização profissional.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

AG – R3: Não defendo uma bibliografia específica no feminino e outra no masculino. Defendo uma cultura de Arquitectura e isso deveria por sua vez significar que os docentes fizessem uma procura e investigação constante pelos nomes, sem género, responsáveis pelo nosso legado. O esforço que se faz na investigação pode denunciar questões de género, mas se for rigoroso e justo trará todos e todas à luz do conhecimento.

AD – **Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

AG – R4: Ainda não alterou o suficiente. Não defendo cotas, porque esse critério tende a desvalorizar as competências individuais de cada mulher. Defendo igualdade de oportunidades.

<sup>11</sup> Fonte: (Architectural affairs, s/d). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por *email*, a 30 de abril de 2020. Fonte da Fotografia (Visão, 2019).

**AD – Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

AG – R5: Tanto na Arquitectura, como na Curadoria, como no Ensino já me senti discriminada. E já recusei continuar em algumas prestações laborais precisamente por essa questão.

## II.4 - Andreia Salavessa

Nascida em 1977, licenciou-se em Design (com especialização em Design de Interiores) no IADE em 1998 e em Arquitetura, em 2004, na Universidade Autónoma de Lisboa, onde ganhou o prémio de melhor aluna do curso, no mesmo ano. Desde o ano 2000, foi colaboradora em vários *ateliers* de Arquitetura, como por exemplo Fernando Salvador e Margarida Grácio Nunes Arquitectos em 2000, João Luís Carrilho da Graça entre 2002 e 2003, Bárbara Delgado e Rogério Gonçalves entre 2003 e 2006, etc. É responsável pelo projeto Kidsmob, presidente da mesa da Assembleia Geral das Cooperativas desde 2012, sócia gerente da Fábrica do Gelado e sócia fundadora do *ateliermob*.<sup>12</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 13/12/2019.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitectas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Andreia Salavessa (AS) – R1: A luta das mulheres pela igualdade e reconhecimento do seu trabalho não é assunto recente como sabemos, seja em que campo profissional for, é sabido que a sociedade ainda privilegia e reconhece o trabalho do homem em detrimento do da mulher. A visibilidade na Arquitectura não é diferente da de qualquer outro campo, ainda menor. Penso que este fenómeno era mais acentuado há uns anos atrás com a figura singular do Arquitecto, hoje em dia surgem mais colectivos compostos em grande parte por mulheres que assumem o seu trabalho como um todo, sem existir um papel somente masculino ou feminino, iremos percebê-lo melhor daqui a uns anos.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

AS – R2: O mesmo que faz termos mais homens que mulheres em cargos políticos, ou chefias, ou qualquer cargo de maior responsabilidade e poder. A não valorização do seu papel como elemento determinante na sociedade.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

AS – R3: A informação e bibliografia era adquirida muitas vezes através da pesquisa pessoal, mas sim foram me transmitidos trabalhos e ideias sobre muitas arquitectas ao longo da História. Licenciiei-me numa universidade onde tive a sorte de me cruzar com muitas arquitectas ao longo das disciplinas de Projecto e não só, um dos professores que mais me marcou foi uma mulher, Arquitecta Inês Lobo.

<sup>12</sup> Fonte: (*ateliermob*, 2005). Informação confirmada e complementada pela arquitecta, por *email*, a 02 de maio de 2020. Imagem cedida pela arquitecta.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

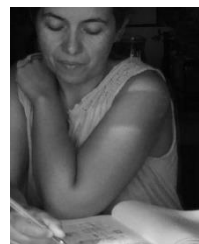
AS – R4: Penso que sim, mesmo ainda não sendo suficiente, acho que temos tido mais presenças femininas nesse tipo de eventos.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

AS – R5: Já sim. Em contextos de obra normalmente.

## II.5 - Catarina Madruga

Formada em Arquitetura pela FAUTL, no ano de 1996. Durante os primeiros anos de atividade profissional, colaborou com diversos escritórios de arquitetura na elaboração de propostas para concursos e conceção de projetos base. Em 2002 passou a trabalhar individualmente desenvolvendo, desde então, um percurso profissional vocacionado sobretudo para a elaboração de intervenções de reabilitação, ampliação e obra nova de moradias, apartamentos e pequenos edifícios habitacionais. Atualmente vive e trabalha em Lisboa.<sup>13</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 10/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Catarina Madruga (CM) – R1: Não. Continua a ser diferente, embora menos desequilibrada do que há vinte anos atrás, nacional e internacionalmente.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

CM – R2: Nunca fiz uma análise demorada sobre os motivos que poderão justificar tal assimetria, mas arriscaria dizer que a maioria dos eventos que mencionou tendem a escolher Arquitectos/as que tenham um trabalho publicamente reconhecido, até como forma de atribuir credibilidade ao próprio evento. Como ainda existe um número menor de arquitectas com trabalho publicado, premiado, etc., talvez seja esse um motivo para que haja menos presença destas nesses eventos. Mas é uma hipótese que traço de forma ligeira. Julgo que para compreender com alguma segurança as dinâmicas que justificam essas assimetrias seria necessário fazer um estudo mais aprofundado sobre as mesmas.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

CM – R3: Tive uma professora de projecto e praticamente nenhuma informação, bibliografia ou aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas.

AD – **Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

CM – R4: Em relação há dez anos atrás não sei dizer. Em relação há vinte anos atrás, parece-me que sim.

AD - **Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

CM – R5: Quando comecei a trabalhar, há cerca de vinte anos atrás, havia escritórios de arquitectura que preferiam não ter colaboradoras mulheres. E isto era entendido pela maioria das pessoas da área como sendo

<sup>13</sup> Informação e imagem cedidas pela arquiteta, por *email*, a 05 de maio de 2020.

um capricho menos agradável, e não como uma injustiça grave. Ou seja, comecei a trabalhar num tempo onde a discriminação era bastante tolerada. E tive algumas circunstâncias específicas em que senti que o facto de ser mulher poderia estar na origem de comportamentos discriminatórios. Mas à medida que fui envelhecendo, ganhando mais experiência, trabalhando por conta própria, e que estas questões começaram a ser vistas pela sociedade em geral de outra forma, deixei de o sentir tanto.

## II.6 - Cristina Veríssimo

Nascida em 1964, no Porto, estudou inicialmente na Escola de Arquitetura do Porto, mas terminou a sua licenciatura em Lisboa, na Universidade Técnica, em 1988. Um ano depois entrou no curso de Planeamento e Gestão Urbana, em Loures e mais tarde, em 2002, ganhou uma bolsa de estudos para o Mestrado em Arquitetura, pela *Harvard University Graduate School of Design*. A sua experiência na Arquitetura começou entre 1986 e 1989 no *atelier* de Carrilho da Graça e mais tarde desenvolveu-se no *atelier* de Zaha Hadid. Formou em 1999 o estúdio CVDB Arquitectos, juntamente com Diogo Burnay, lecionou na Universidade Técnica de Lisboa e atualmente dá aulas no Canadá, na Universidade de *Dalhousie*.<sup>14</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 06/12/2019.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Cristina Veríssimo (CV) – R1: Não disponho de estudos ou conhecimento que me apoiem neste ponto.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

CV – R2: Não faço ideia. No entanto devo dizer que no passado quando tínhamos que fazer palestras convidavam-nos aos dois, eu e o Diogo. Ultimamente convidam-me apenas a mim.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

CV – R3: Sim. Logo a seguir ao curso trabalhei com a Zaha Hadid em Londres, pois conhecia o seu trabalho. A Lina Bobardi sempre foi a minha preferida. Portuguesas, a Alexandra Gesta vi-a falar várias vezes, quer no Porto quer em Lisboa. Quanto a professoras, Maria Manuel Godinho de Almeida, Dulce Loução. No curso de planeamento que tirei também, mas não me lembro o nome delas.

Outras: Maria Calado, Ana Tostões.

AD – **Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

CV – R4: Não disponho de estudos ou conhecimento que me apoiem neste ponto.

AD - **Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

CV – R5: Nunca.

<sup>14</sup> Fonte: (Silva, 2019). Informação confirmada pela arquiteta, por *email*, a 30 de abril de 2020. Fonte da Fotografia (Dalhousie University, 2019)

## II.7 - Gabriela Salhe

Entrevista realizada por *email*, a 14/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Gabriela Salazar (GS) – R1: Não, há uma grande diferença.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

GS – R2: São múltiplas razões. Bias dos grupos maioritariamente masculinos que presidem as instituições. Bias dos profissionais que detêm poder. Mas falta também financiamento para haver divulgação de qualidade com o cuidado editorial/curatorial focado em fechar o desnível ou gap.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

GS – R3: Estudei em Berlim. Tive algumas professoras, sendo que os professores mais influentes eram todos homens. As referências raramente eram mulheres.

AD – **Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

GS – R4: Há sim alguma evolução, e sobretudo acho que adquirimos linguagem e conceitos para entender e descrever o que acontece com as carreiras das mulheres. Mas não vejo uma mudança significativa na liderança. O poder parece-me, permanece bastante inalterado.

AD – **Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

GS – R5: Muitas vezes.

## II.8 - Inês Campos

Nascida em 1983 no Fundão. Licenciou-se em Arquitetura, em 2007, pela Universidade Moderna de Lisboa, local onde terminou o mestrado na mesma área. Doutorou-se em 2015 na Universidade da Beira Interior, onde leciona as UC de Projeto até hoje. Estagiou no atelier de Ricardo Carvalho e Joana Vilhena, em Lisboa, entre 2008 e 2009 e no mesmo ano, colaborou no atelier de Lena Vidal, no Brasil. Trabalhou ainda na empresa Onsteel Lda., até ao final do ano de 2010. É investigadora, até aos dias de hoje, no Centro de Investigação de Arquitectura, Urbanismo e Design, em Lisboa ao mesmo tempo que é arquiteta na Ines Campos studio<sup>15</sup> arquitetura.<sup>15</sup>



---

Entrevista realizada por email, a 16/03/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Inês Campos (IC) – R1: A visibilidade ainda não é idêntica de todo, está longe disso. Tenho esperança que se iguale, porque já há muitas mulheres com coragem de se assumir e homens que percebem a importância da nossa presença. É importante entender que a arquitetura não tem género, como a maior parte das profissões que nos eram atribuídas que estão a mudar.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

IC – R2: Pode ser por terem sido muitos anos em que os homens estiveram na frente e por terem muitas obras de referência, mas penso que vamos conseguir chegar ao mesmo nível, porque já há muitas mulheres na frente de *ateliers* de arquitetura e que se vão destacando com prémios.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

IC – R3: Não tive muito acesso a informação sobre o trabalho de mulheres na arquitetura. E na verdade continua a haver pouco atualmente.

AD – **Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

IC – R4: Não o que se pretende, mas considero que está a mudar.

AD - **Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

<sup>15</sup> Fonte: (Campos, Sobre, s/d). Informação confirmada pela arquiteta, por *email*, a 04 de maio de 2020. Fonte da Fotografia (Campos, 2015).

IC – R5: É possível. Sendo que não tenho nenhum momento presente, talvez por ainda estar a iniciar sozinha a minha carreira profissional com *atelier* próprio.

## II.9 - Inês Moreira

Nascida em 1977, no Porto, a arquiteta, curadora e investigadora licenciou-se em 2001 na FAUP e tirou mestrado em Teoria da Arquitetura e Cultura Urbana em 2003, em Barcelona. A partir desse ano, passou a ser coordenadora do Laboratório de Arte Experimental do Instituto de Artes do Ministério da Cultura, até ao ano 2005. Em 2006, recebeu o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia para frequentar o doutoramento na University of London com o título *Performing Building Sites: curatorial research in/on space*. É também professora convidada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto desde 2014. Atualmente é investigadora em pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa, com o apoio da FCT.<sup>16</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 25/03/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Inês Moreira (IM) – R1: A pergunta dobra-se sobre si mesma: apenas conhecemos o que é divulgado, há muito menos mulheres publicadas, premiadas, convidadas do que homens, dando a percepção que existem menos mulheres. É de considerar que há mais homens a trabalhar em nome próprio do que mulheres, existem muitas mulheres em “colectivo” com homens/maridos/ex-maridos, ficando incluídas dentro desse nome. Seguramente que há mulheres com obra meritória que é pouco conhecida, porque se promovem menos, porque não fazem parte dos circuitos de promoção, ou porque fazem outro tipo de projecto que não corresponde aos dogmas e expectativas dos círculos de legitimação. Este aspecto é muito importante.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

IM – R2: Tive já oportunidade de o perguntar a um grupo de arquitectos em lugares de destaque: onde estão a vossas antigas alunas? Em casa, emigraram, desistiram, que é feito delas? Ninguém me soube responder. A política de convites para esses eventos reproduz a estrutura social (e profissional) de quem convida, na diversidade e na sensibilidade a este assunto, penso que isto responde à sua questão. Outra resposta, mais incendiária, é que as mulheres jovens e inteligentes são desadequadas dos estereótipos esperados numa sociedade patriarcal. Outra ainda, há que criar esses espaços, novas centralidades, noutros lugares, e decidir a quais epicentros queremos responder.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

IM – R3: Não tive qualquer informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas (estudei entre 1995-2001). Falava-se da Eileen Gray, talvez, ou das *designers* da Bauhaus, a Zaha Hadid e a Odille

<sup>16</sup> Fonte: (Moreira, 2012). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por email, a 17 de junho de 2020. Fonte da Fotografia (Instituto de História da Arte, 2015).

Decq eram estrelas interditas. Havia uma mulher que dava aulas de projecto, no outro dia encontrei-a, disse-me: nós fazíamos-te a vida tão negra por causa das tuas opções, fico surpreendida como conseguiste fazer o que fazes. Penso que nem tem noção do que diz.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

IM – R4: Sim, penso que há mais mulheres.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

IM - R5: Os estudos interdisciplinares, a crítica aos dogmas, o facto de ter estudado no estrangeiro, entre outros aspectos (como a ligação às artes e às humanidades), contribuem para que o meu trabalho em arquitectura seja entendido como “outro” ou como “estranho”. Pessoalmente, creio que ser mulher não é o maior dos traços identitários que transporto, a discriminação, é por via do pensamento crítico, livre e desviante. Claro, se fosse homem, talvez fosse tudo mais fácil...

## II.10 - Isabella Rusconi

Nascida em Santos, São Paulo no ano de 1972. Licenciada em 1996 pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, atualmente tira o seu mestrado em Planeamento Regional e Urbano na Universidade de Aveiro e é investigadora no L3P/DCSPT, na mesma Universidade. Trabalhou em São Paulo como arquiteta no *atelier* Rino Levi Arquitetos Associados (1996-1997), na ATECH - Fundação Aplicação de Tecnologias Críticas (1997-2000) e no *atelier* Athié Wohnrath (2000-2001). Mudou-se para Barcelona em 2001, onde colaborou até 2009 nos escritórios Turull-Sorensen Arquitectos e Jordi Casadevall i Dalmau Arquitecto. Fundou com Carlos Pedro Sant'Ana o *atelier* S'A Arquitectos, com trabalhos entre o Brasil, Portugal e Espanha.<sup>17</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 13/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Isabella Rusconi (IR) – R1: Definitivamente não. As mulheres seguem muito invisibilizadas, embora atualmente os esforços para a visibilidade e equidade já se façam sentir, as reivindicações do movimento feminista sejam evidentes e já não possam mais ser ignoradas, ainda há um longo caminho a percorrer, tanto nacional como internacionalmente.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

IR – R2: Opino que a razão para que essa diferença se mantenha é expressão do machismo e do patriarcado. Agora em forma de resistência, consciente ou inconsciente, coletiva ou individual, resistência patriarcal para manter o *status quo*. Uma vez que nos ambientes em que nos movemos (as arquitetas), sejam eles institucionais ou não, não há justificativas para ignorar as reivindicações por equidade de género.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

IR – R3: Como estudei no Brasil, o trabalho de Lina Bo Bardi era sempre muito forte e muito presente, mas além dela, poucas arquitetas mais. Zaha Hadid também estava em um momento forte, tínhamos acesso ao trabalho de outras arquitetas que também eram professoras em universidades. Rosa Klias (aaahhh, paisagista, diziam eles). Raquel Rolnik, Erminia Maricato (ahhhhh, urbanistas), Ruth Verde Zein (ahhhh, teórica) e várias outras que poderia seguir mencionando ahhhh, interiorista, ahhh fotógrafa, ahhh, cenógrafa, ahhhh qualquer coisa “não arquiteta”. Não tive professoras de projeto. As mulheres arquitetas

<sup>17</sup> Fonte: (Rusconi, 2019). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por *email*, a 30 de abril de 2020. Fonte da Fotografia (Rusconi, Isabella Rusconi [Perfil], 2019).

lecionavam disciplinas teóricas como história da arte, história da arquitetura. Eram poucas as mulheres que lecionavam no curso de arquitetura e urbanismo quando me formei (em 1996).

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

IR – R4: Sim, considero que há esforços neste sentido e que há alguma resposta positiva também. Entretanto percebemos muita resistência em ambientes institucionais e/ou culturais relevantes. Resistência esta, na minha opinião, inadmissível.

Acho imprescindível que se instituem políticas afirmativas para colmatar rapidamente estes esforços de resistência machista. (Um “bom” exemplo desta resistência é a Casa da Arquitectura no Porto).

**AD – Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

IR – R5: Essa percepção da discriminação por ser mulher sempre fez parte da minha realidade. Desde que me formei, em todos os escritórios de arquitetura que trabalhei (no Brasil, Espanha e Portugal), os “chefes” eram homens, todo o resto da equipa, de arquitetas seniores a estagiárias, secretárias e etc., mulheres. Raros os homens arquitetos a trabalho de outros.

Mesmo quando fui sócia de meu marido, eu era a responsável pelos projetos de execução e acompanhamento de obras, tanto os clientes, quanto os fornecedores e trabalhadores das obras sempre se dirigiam a ele nas reuniões e tratavam de validar as minhas decisões com ele.

Hoje, com quase 25 anos de formada, estou trabalhando com investigação em planeamento urbano em Portugal, ainda sinto as mesmas discriminações. Agora por ser mulher E brasileira.

## II.11 - Joana Pestana Lages

Nascida em Lisboa, no ano de 1979, arquiteta, investigadora urbana no DINÂMIA'CET – IUL, cofundadora da associação 'Mulheres na Arquitectura', onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente. É licenciada em Arquitectura (2003) pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e doutorada em Urbanismo (2017). Paralelamente à atividade de investigadora é arquiteta tendo fundado o Estúdio Periférico, depois de ter colaborado com Willy Müller Architects, em Barcelona, Promontório Arquitectos (Lisboa), dRMM Architects, em Londres e Renzo Piano Building Workshop, Génova.<sup>18</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 16/12/2019.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Joana Pestana Lages (JPL) – R1: A visibilidade dos homens arquitectos continua a ser superior à das mulheres arquitectas, praticamente em todas as dimensões da profissão. Esta situação não é diferente fora de Portugal e não é diferente da maioria das restantes profissões. A entrada tardia na profissão (década de 1940) pode explicar em parte esta situação, mas 80 anos depois, mais de 40 dos quais em democracia, deveríamos esperar uma melhor situação.

A grande questão que se coloca agora não é somente perceber se a visibilidade é idêntica, mas sim perceber se estão, ou não, a ser tomadas medidas para caminhar para uma situação mais equitativa. Em Portugal, estas medidas devem ser tomadas pela instituição que tutela a atividade, a Ordem dos Arquitectos, e Arquitectas, acrescento eu, mas também pela sociedade civil organizada, como por exemplo pela associação Mulheres na Arquitectura, ou por uma sensibilização junto do tecido que compõe as empresas do sector.

Vemos ainda que inquéritos à profissão sérios e competentes podem ajudar a traçar o retrato fiel das dificuldades de homens e mulheres na profissão, ajudando também a perceber se o abandono da profissão, a menor visibilidade em determinados circuitos e participação efectiva é igual entre homens e mulheres. Exemplos são *Parlour Census Report* realizado pelo Parlour para o contexto australiano, ou mesmo os *Parlour Guides to Equitable Practice* como instrumentos de acção. Já nos Estados Unidos da América o cruzamento das questões de género com as questões de raça/etnia, diversidade, são o foco da AIA — *American Institute of Architects*. Um bom exemplo do enquadramento e reflexão sobre este tema.

A visibilidade e a representatividade na profissão não podem dissociar-se daquilo que é, também no campo da arquitectura, a divisão sexual do trabalho, quer no princípio da separação: trabalhos 'de homem' e 'de mulher', quer na hierarquia entre a valorização do trabalho de uns e outros. Tudo isto tem um reflexo na enorme disparidade salarial (*Gender Pay Gap*) que foi em 2018, segundo o estudo do *Architect's Council of Europe*, de 25%.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitectura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de**

<sup>18</sup> Fonte: (CIAUD, 2018). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por *email*, a 30 de abril de 2020. Fonte da Fotografia (Castelo, 2018)

**mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

JPL – R2: A feminização da profissão é recente, portanto não sei se se poderá relacionar com a falta de representatividade das mulheres em eventos onde, por norma, são escolhidas pessoas com percursos mais maduros em termos de prática e conhecimento. Talvez esta pergunta faça mais sentido daqui a 10 anos, onde aí sim, uma geração inteira de mulheres agora com 30, terá necessariamente que ter espaço de divulgação do seu trabalho.

Parte também da tomada de consciência, sobretudo a este novo panorama onde a maioria são mulheres, e exigir ouvir novas vozes, coisa que raramente acontece. Esta situação pode também aplicar-se a alunos e alunas de arquitectura.

**AD – Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

JPL – R3: A bibliografia oferecida que incidia sobre o trabalho de mulheres arquitectas foi sempre reduzida, diria mesmo, quase inexistente. Em 1999 tive uma professora de projeto, outra de urbanismo em 2000 e uma professora de construções em 2001, na Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Acrescento ainda que melhor do que ter mulheres a lecionar determinadas matérias, é ter introduzido no currículo esta dimensão de análise — as questões de género —, para poder reflectir e projetar melhor.

As questões de género estiveram sempre ausentes, quer na área do projecto, cadeira central do curso, quer mesmo das cadeiras teóricas mais ligadas às Ciências Sociais, como Sociologia Urbana ou Antropologia.

E assim continuam: da análise que fiz em Julho de 2019 ao plano de estudos de 7 cursos de Mestrado Integrado em Arquitectura, (ISCTE -Instituto Universitário de Lisboa; Universidade da Beira Interior; Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências e Tecnologia; Universidade de Évora - Escola de Artes; Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitectura; Universidade de Lisboa - Instituto Superior Técnico; Universidade do Porto - Faculdade de Arquitectura), nenhuma das 410 unidades curriculares (UCs) dos 7 cursos disponíveis se focava na dimensão do género, como tema central.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

JPL – R4: A participação muito desigual entre sexos tem sido cada vez mais, felizmente, denunciada através de plataformas várias. Num mundo cada vez mais digital, campanhas como a #timefor50 do grupo italiano RebelArchitette, são um bom exemplo. Petições para o reconhecimento de Denise Scott Brown ou Doriana Fuksas são outra face da demanda pelo reconhecimento. Por isso mesmo, arrisco a dizer que sim, vemos na última década uma pressão crescente para alterar o *status quo*. Embora ainda esteja longe de ser equitativo e sejam precisos mais anos, com pressão exponencial, para equilibrar a representatividade.

**AD – Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

JPL - R5: Deixo um episódio de discriminação positiva. Em 2004 numa entrevista de trabalho em Londres, onde acabei por trabalhar 2 anos, o *atelier* procurava especificamente uma arquitecta, para equilibrar a sua equipa em termos da participação de homens e mulheres. A compreensão do resultado positivo de equipas equitativas foi, há mais de 15 anos, um exemplo norteador para mim enquanto profissional.

## II.12 - Lia Antunes

Nascida no ano de 1988, na Covilhã, formou-se em Arquitetura na Universidade de Coimbra, em 2012. No mesmo ano, fez parte de um projeto em parceria com a Escola de Arquitetura da *TU Braunschweig*, na Alemanha, com o nome “Ensino de Projeto de Arquitetura”. (Antunes, 2013) Trabalhou em alguns escritórios de arquitetura, como Rectas Urbanas, em Sevilha e Formas Efémeras, na Covilhã. É atualmente doutoranda na Universidade de Coimbra e bolsista de investigação no projeto “W@ARCH.PT – Architectas em Portugal: construção da visibilidade, 1942-1986”, Lisboa.<sup>19</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 18/03/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Lia Antunes (LA) – R1: Não, tanto a nível internacional como nacional, a visibilidade ainda é desproporcional.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

LA – R2: Há diversos motivos para que tal aconteça. A razão de fundo é que vivemos numa sociedade patriarcal que estabelece normas e valores tendo como referência o homem (branco, de meia idade, ocidental, heterossexual, de classe média e consumidor). As referências históricas e disciplinares são feitas a partir deste modelo de pessoa (supostamente) universal. Através da sobrevalorização dos seus feitos e da omissão e exclusão de uma grande diversidade de profissionais, constrói-se a meritocracia, que não é mais que uma construção sociocultural. Estes eventos são o reflexo de quem, na nossa sociedade, tem o (suposto) mérito e a voz pública, revestindo-se de autoridade sobre um determinado tema. Quem tem voz e quem é ouvido/a. A disparidade destes números justifica-se, por um lado, porque muitas mulheres ainda rejeitam as participações em eventos – facto que se pode explicar pela socialização e educação que não as (nos) ensina a ocupar lugares de relevo (ainda que sejam especialistas do tema em questão), por outro lado, porque os protagonistas masculinos são ainda a referência e, portanto, os mais convidados.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

LA – R3: Não e não. Nem tive acesso a essa informação nem tive aulas com professoras durante todo o curso de arquitetura (apenas uma professora de geografia durante um semestre do 1º ano).

<sup>19</sup> Fonte: (Antunes, 2020). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por email, a 30 de abril de 2020. Fonte da Fotografia (Antunes, s/d).

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

LA – R4: A presença das mulheres em júris, palestras, exposições e eventos similares, tem vindo paulatinamente a crescer, mas ainda em número insuficiente - e não sem uma grande luta das mulheres e das feministas por visibilização e participação.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

LA – R5: Já me senti várias vezes discriminada nos vários contextos onde a profissão acontece, desde atitudes paternalistas a comentários e posturas machistas.

## II.13 - Luísa Paiva

Arquiteta pela Universidade Técnica de Lisboa, em 1991, fez mestrado em Teoria da Arquitectura na Universidade Lusíada em 1998. Licenciou-se em Pintura em 2013 também na UL, e completou doutoramento em Escultura pela mesma instituição, no mesmo ano. Professora Assistente na Universidade Lusíada de 1992 a 2013, Professora Auxiliar na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa desde 2013, Professora Assistente em Design do Instituto Superior de Humanidades e Tecnologias até 1999. Tem inúmeras participações em júris, *workshops* de âmbito nacional e internacional e publicações de artigos e capítulos de livros. Sócia gerente do gabinete AJLS - Atelier João e Luísa Sequeira.<sup>20</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 20/03/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Luísa Paiva (LP) – R1: Considero que não. Nem nacional nem internacionalmente. Aliás, considero que sob o ponto de vista da internacionalização das visibilidades, não existem grandes diferenças, comparativamente com o panorama nacional. Continua a assistir-se a uma muito maior predominância de trabalhos de arquitectos homens, não sei se, porque têm mais trabalho, mas pelo menos porque são muito mais mediatizados.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

LP – R2: De facto assim é. Também ao nível da divulgação da arquitectura, são os homens os principais veículos. Como docente universitária e reportando-me, principalmente, à minha experiência nesse meio, verifico duas situações: por um lado as mulheres são menos disponíveis e por outro, menos ambiciosas. 1) Disponíveis, porque as condições de trabalho e de preparação desse tipo de eventos é muito deficitária na generalidade das universidades e elas sabem que, uma vez em casa serão sujeitas a outro tipo de solicitações que lhes retira totalmente a energia e possibilidade para se dedicarem à preparação dos referidos eventos; 2) por outro, são menos ambiciosas, não têm tanta necessidade de se destacar e de serem vistas e reconhecidas, porventura por questões, não apenas genéticas, mas principalmente culturais, uma vez que foram educadas para uma posição de maior recato.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

<sup>20</sup> Fonte: (UBI, s/d). Fonte da Fotografia: (Universidade Lusófona, s/d).

LP – R3: Esta resposta é muito fácil e rápida. Não e Não. De facto, durante o curso uma das arquitectas de que muito se falava era Zaha Hadid, mas não porque fosse referida pelos docentes em aula, eram as/os alunas/os quem falava entre si. Professora de Projecto não tive nenhuma e creio que durante os cinco anos de curso, não havia mesmo nenhuma docente mulher a leccionar Projecto. De referir que estudei arquitectura ainda no Chiado, entre 1980 e 85.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

LP – R4: Considero que sim, apesar de tudo o panorama tem-se alterado bastante na última década e, mesmo tratando-se de um processo lento, a participação das mulheres arquitectas é cada vez maior, mais informada e mais estruturada.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

LP – R5: Na verdade não. Não de uma forma directa ou imposta, mas a verdade é que, sendo eu casada com um arquitecto, é ele que está inscrito na OA – Ordem dos Arquitectos e, consequentemente, é ele quem assina os projectos de arquitectura do *atelier* que ambos detemos. No início da nossa vida em comum e mercê de não termos muito trabalho de arquitectura no *atelier* (porque ambos leccionamos no ensino superior), fui eu quem propus anular a minha inscrição na ordem profissional, para não termos duas anuidades sem qualquer retorno, mas ele não se opôs ou propôs-se ser ele a anular...

## II.14 – María José Cuesta

Arquiteta urbanista pela Universidade de Valladolid, completou a sua formação nas universidades de Lisboa, Évora, Lund (Suécia) e no *Centro de Arte y Naturaleza* de Huesca. Tem realizado apresentações em diferentes conferencias e congressos. É coautora do “*Guia de arquitectura e urbanismo de la ciudad de Oviedo*” e foi bolsista *Erasmus*. Colaborou no *Baixa atelier* durante quatro anos. De 2000 a 2011 foi coautora de vários projetos de hotelaria e equipamentos culturais, em Itália, com Carlos Durán e Francesca Conti, como membro do *atelier The Glub*. Foi arquiteta gestora dos projetos da *Firenze Progetti* em Portugal entre 2006 e 2015. Em 2015, funda a *CVMJ Architecture & Retail*, donde continua a desenvolver projetos nas mais variadas áreas com destaque para os espaços comerciais de conceituadas marcas de moda e desporto.<sup>21</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 12/05/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Luísa Paiva (LP) – R1: Sem ter estudado o tema, penso que ainda existem inercias que dificultam de alguma forma que o trabalho das mulheres alcance a visibilidade e reconhecimento que merece, tanto a nível nacional como internacional. Como outras profissões, a arquitetura era uma actividade de homens, a chegada das mulheres a este mundo é relativamente recente, em comparação com os nossos colegas masculinos.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

LP – R2: Continuando com o exposto na resposta anterior, é possível que existam mecanismos profundos na toma de decisões que levem a dar continuidade a o funcionamento da sociedade no seu conjunto. Os decisores nas instituições e organizações continuam a ser maioritariamente masculinos, o que pode levar a uma atuação parcial em termos de género na hora de propor os convidados para os diferentes eventos.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

LP – R3: Na minha altura de estudante eram poucas as arquitetas que se estudavam e poucas as professoras de projeto. É certo que havia grande desproporção entre os arquitetos com obra relevante homens e mulheres, mesmo assim, as que havia não eram suficientemente destacadas, na minha opinião.

<sup>21</sup> Informação cedida pela arquiteta, por *email*, a 12 de maio de 2020. Fonte da Fotografia: (Cuesta, s/d).

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

LP – R4: Intuo que pouco a pouco a tendência vai-se equilibrando, mas estou a responder pela impressão que tenho.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

LP – R5: As vezes senti alguma tendência a primar a atuação do meu colega varão por parte de alguns agentes com quem nos relacionamos profissionalmente, se acontecer nós equilibramos logo a situação.

Quanto ao exercício da profissão, já me deparei com empreiteiros ou funcionários com comportamentos machistas em obras com trabalhadores menos qualificados. Isto pode traduzir-se em chegar sistematicamente tarde ou desmarcar às reuniões de obra, não seguir as indicações ou criar mal-entendidos com o dono da obra. Em entornos mais profissionalizados não tenho tido este tipo de comportamentos.

Para finalizar, tenho a sensação de que algumas empresas continuam a preferir candidatos masculinos para preencher vagas de emprego de quadros superiores e determinadas funções como diretor de obra.

## II.15 - Patrícia Robalo

Nascida em 1982, em Lisboa. Arquitecta pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, em 2007, é doutoranda na Faculdade de Arquitectura do Porto. Fez parte do programa de Erasmus, em 2005, na *École d'Architecture La Villette*, em Paris. O seu percurso profissional começou em Dublin, de 2007 a 2008, no *atelier De Balcam and Meagher Architects*. De volta a Lisboa trabalhou nos gabinetes dos arquitectos Pedro Pacheco, Pedro Domingues e Pedro Reis. Trabalha desde 2010 por conta própria tendo fundado em 2018 o *atelier muta*. É autora e participou de vários projetos de divulgação da cultura arquitectónica e urbanística, artigos científicos, eventos e foi curadora do *Open House Lisboa 2019*.<sup>22</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 10/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitectas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Paula Robalo (PR) – R1: Não. Tanto no plano nacional como no plano internacional o trabalho das mulheres arquitectas é substancialmente menos visível que o dos homens.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitectura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitectura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

PR – R2: Existe uma ideia generalizada, não só em arquitectura, que a igualdade entre homens e mulheres é um fim “natural” do processo de desenvolvimento social. No mundo da arquitectura portuguesa esta aceitação desigualdade de género é agravada pela elitização da profissão. Por um lado a prioridade de combater a permanente desigualdade na avaliação dos trabalhos e contribuições das mulheres arquitectas não está presente, quer nos debates actuais da profissão quer nas preocupações das instituições e seus responsáveis. Por outro lado, as visões binárias de género, a sobrevivência profissional e a financeira e a necessidade de pertença social/cultural entre pares determinam escolhas de representação, de construção do conhecimento e de actividade profissional baseadas sobretudo, na procura pela legitimação (auto e colectiva), continuidade de linhas de investigação/trabalho existentes (muitas vezes inquestionáveis) e uniformização conceptual e projectual da Arquitectura e do Urbanismo.

As estruturas académicas, *ateliers*, institucionais são demasiado centralizadas e pessoais, onde as relações privadas e de confiança se sobrepõem ao debate de ideias, à contribuição qualitativa dos participantes ou à igualdade entre géneros, étnico-racial, ou para pessoas portadoras de deficiência. Esta desigualdade no acesso à profissão tem em Portugal razões que se prendem com desigualdades sociais e territoriais e uma democratização do ensino que ainda não conduziu a equivalente democratização do acesso à encomenda, a igual visibilidade entre pares e ao trabalho das mulheres como representativo da profissão.

<sup>22</sup> Fonte: (Robalo, 2020). Fonte da Imagem: (Trienal de Lisboa, 2016).

De forma muito concreta nas vidas das arquitectas que conheço e na minha, concepções enraizadas sobre o que é ser mulher são muito claras, diárias e têm efeitos múltiplos de discriminação do trabalho das arquitectas mulheres: ao mesmo tempo que as relega (invisibiliza) muito mais tempo (em comparação aos seus pares homens) para as tarefas e espaços do cuidar, da família e da casa, determina também um posicionamento desigual em relação ao dos homens, com os quais estariam em igualdade de circunstâncias, face à natureza muitas vezes pública, líder e responsabilizadora do trabalho de arquitectura, nomeadamente: na realização de projectos para concurso, nas apresentações de trabalho próprio ou colectivo, coordenação e liderança de equipas, responsabilidades em obra, em empresas e instituições.

Exemplo ilustrativo - *Open House* Lisboa 2019

O *Open House* é um evento internacional organizado há vários anos em vários lugares do mundo. Em Lisboa é organizado pela Trienal de Arquitectura de Lisboa que pela primeira vez em 2018 lançou um concurso por convite a quatro pessoas para escolher a curadoria da edição de 2019. A minha proposta – Lisboa Sem Centro foi a escolhida. Pontos que acho pertinentes para este âmbito de discussão:

A visibilidade do trabalho das mulheres arquitectas nunca foi um objectivo da construção das listagens dos espaços do evento ou da proposta curatorial. Não sendo um propósito específico, a representação andou sempre na casa de um dígito percentual. Na edição de 2019 foi de 40 % mas este valor exigiu um trabalho enorme de levantamento extra-editorial, de descoberta de trabalho não publicado ou visível em eventos, prémios, outras representações, bibliografia, etc...

Apesar do resultado positivo este processo levanta outros problemas de desigualdade: sobre a capacidade de mulheres arquitectas criarem espaços de divulgação sobretudo digitais que furem as lógicas estabelecidas de divulgação de Arquitectura; algum acaso na descoberta do seu trabalho por quem tem o poder de escolher; e escolhas dependentes do que é publicado pelas próprias - lógicas de marginalização. Nestes casos não existe uma reprodução das iniciativas de divulgação das arquitectas como acontece pelos canais convencionais o que significa que o trabalho e as suas autoras ficam muitas vezes limitadas aos espaços e redes da auto-representação e auto-gestão em vez de verem o seu trabalho ser integrado na representação de algo ampliador e colectivo como eventos, edições, prémios, etc...

A baixa retribuição do trabalho de curadoria fomenta propostas e execução mais alinhadas com a História da Arquitectura, com as experiências anteriores do evento e com um carácter enciclopédico das escolhas (menos trabalho e questões sobre o status quo). Isto significa a perpetuação de lugares, espaços, projectos, premiações e autorias já visíveis e legitimadas. Existe uma imediata limitação do âmbito de escolha baseada nos diversos guias e listagens de Arquitectura, de património e de Lisboa.

A subversão espacial que a proposta de 2019 impôs foi ignorar o centro de Lisboa, para obrigar ao alargamento da abrangência territorial e espacial do evento, das escolhas da curadoria e dos programas associados. Esta manipulação do âmbito espacial de um evento representativo da capital, obrigou a alterações da “normalidade” das suas construções curatorial, programática e prática. Nomeadamente, a “obrigação” de incluir áreas de Lisboa que nunca tinham entrado no evento e que têm maior quantidade de projectos mais recentes. Ou seja, maior probabilidade de encontrar e seleccionar projectos com autoria de mulheres arquitectas.

De igual forma, as edições anteriores veicularam visões urbanas tradicionais enraizadas no centro de Lisboa, não questionando a segregação sócio-espacial determinada pela adopção de concepções urbanas tradicionais em tempos de metropolização consolidada. Ou seja, negligenciando a interdependência que existe entre a renovação conceptual do que é Lisboa, a Arquitectura que lhe dá corpo, toque e espaço e uma renovação

daquelas/es que a imaginam. Existe também uma relação próxima entre novas estruturas de trabalho arquitectónico, a sua pluralidade societal e uma renovação dos seus objectos e resultados de trabalho.

**AD – Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

PR – R3: Pouca. Não me lembro de ter aulas dedicadas a qualquer mulher arquitecta. Em aula, as arquitectas eram referidas em associação ou como uma extensão do conhecimento essencial, Eileen Grey quando abordámos o modernismo e Le Corbusier, Alison Smithson, Denise Scott Brown e Ray Eames referidas sobre trabalho conjunto dos Smithson, Venturi e Associados e Eames. A Lina Bo Bardi, a Zaha Hadid, a Kazuyo Sejima surgiram ou em trabalhos específicos de projecto ou porque integravam monografias ou periódicos editados ou em edição na altura, como 10 X 10 da Phaidon. O Learning from Las Vegas foi aconselhado (até pela influência do livro Complexidade e Contradição em Arquitetura do Venturi sobre muitos docentes) e eu vi-o como um trabalho em plena igualdade entre os três autores. Cruzei-me também com o trabalho da Inês Lobo, Célia Gomes do então Atelier de Santos, Paula Santos, Cristina Guedes, Fátima Fernandes, Graça Correia quando eu estudava, sobretudo através da aquisição de publicações colectâneas nacionais como Arquitectura Portuguesa Contemporânea 1991-2001. A Helena Roseta tornou-se Presidente da Ordem dos Arquitectos na mesma altura e lembro-me de ter sido uma campanha disputada e pública. Encontrava trabalho de algumas das arquitectas nacionais e internacionais referidas no Jornal dos Arquitectos. Tinha também presente que os MVRDV, os Herzog e De Meuron e os OMA (e outras empresas estrangeiras de grande escala) tinham e têm sócias mulheres como a Elle Van Loon. Os projectos da Lina Bo Bardi e os da Paula Santos maravilharam-me. Das arquitectas portuguesas acima referidas, a Paula Santos era a única na altura que tinha o seu próprio *atelier*. Hoje mantem-se uma referência. Tentei trabalhar com todas elas (sem excepção). Por diferentes motivos nunca aconteceu.

Tive ao longo do meu percurso duas professoras de projecto, logo no primeiro ano e no terceiro. A professora do primeiro ano era professora assistente e tinha transitado de aluna para professora directamente e por convite (processo mais comum na altura e que era feito sem concurso público, neste caso penso que por excepcionalidade académica). No terceiro ano o professor que tínhamos foi trabalhar para fora do país e foi abruptamente substituído pela companheira e sócia que não era professora na faculdade.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

PR – R4: Sim mas as alterações são ténues e desencorajadoras. Hoje existem quantidade e qualidade técnica, científica e artística no trabalho das mulheres arquitectas que contrariam a assimetria existente na presença de mulheres e homens em ocasiões públicas ou representativas da profissão. Esta assimetria é frequentemente absoluta com iniciativas sem mulheres arquitectas. A ausência de directrizes ou orientações por parte da Ordem dos Arquitectos, das Faculdades e instituições com peso no sector para implementação de condições equitativas e paritárias de trabalho, de visibilidade pública e de constituição de equipas e estruturas de trabalho, tem muita influência porque esconde e desvaloriza o problema. É grave que as questões da paridade e da igualdade de avaliação e seleção de trabalho não estejam ainda presentes na profissão em Portugal (pelo menos no sector público) quando têm sido discutidas, aplicadas e tornadas imperativo legal em muitas esferas públicas. Actualmente a visibilidade das mulheres arquitectas e do seu trabalho não representa a proporcionalidade do trabalho de Arquitectura realizado por mulheres assim como a sua qualidade e originalidade.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

PR – R5: Sim, várias vezes. Por exemplo, na procura de trabalho, em ambiente de *atelier*, na receptividade às minhas opiniões, presença e visibilidade na confraternização entre pares, em ambiente de obra, em relações mistas que cruzam amizade e arquitectura, negociações contratuais com empreiteiros e clientes e no contacto com fornecedores.

De outra forma: na minha profissão senti discriminação por ser mulher em muitas situações pontuais com homens de diferentes formações e em diferentes contextos; em todas as relações laborais ou de amizade com arquitectos homens minimamente duráveis, senti em algum momento ou persistentemente, discriminação por ser mulher; nunca senti, ao contrário do que acontece noutras esferas da minha vida, discriminação directa ou pre-conceito directo por parte de mulheres arquitectas por ser mulher mas já senti discriminação indirecta por ser mulher por parte de mulheres arquitectas, veiculada ou por delegação de funções, pelos seus sócios homens (entrevistas de trabalho); em duas ocasiões específicas e ao abordar esta questão com mulheres arquitectas o assunto foi desprezado violentamente.

## II.16 – Paula Melâneo

Nascida em Lisboa, em 1975. Arquitecta pela Universidade Técnica de Lisboa (1999) e Mestre em Multimédia-Hipermedia pela *École nationale supérieure des Beaux-Arts*, em Paris. Mantém atividade editorial paralela à de projeto de arquitetura, escrevendo para publicações internacionais especializadas, que complementa com projetos curatoriais e exposições. Atualmente é co-curadora da exposição Almada: um território em 6 ecologias do Museu da Cidade de Almada. Entre 2015 e 2019 foi coordenadora editorial do *Jornal Arquitectos da Ordem dos Arquitectos*. Em 2001 integrou a redação da *arqa* – revista de arquitectura e arte, que coordenou entre 2010 e 2016. Foi editora de conteúdos para a *Experimentaldesign* em 4 edições da Bienal de Design e *Arquitectura* (2011-2017), onde também coordenou diversas publicações.<sup>23</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 21/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Paula Melâneo (PM) – R1: Ainda sem ser idêntica, tem tido tendência a melhorar nos últimos anos, principalmente a nível internacional.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

PM – R2: Depende da instituição que organiza ou do responsável/curador dos eventos, da sua visão pessoal destes últimos e das políticas que as instituições preconizam. Instituições mais conservadoras terão tendência em apostar em nomes mais conhecidos, seguros – que maioritariamente serão homens. Uma visão mais actual, arrojada, que aposta em nomes menos conhecidos ou que tenha políticas de equilíbrio de representação de género não terá dificuldade em encontrar, entre tantas mulheres, alguns nomes que possam ter também perspectivas interessantes, informadas e inteligentes sobre os mesmos assuntos (e até dentro das mesmas linhas de pensamento).

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

PM – R3: Não, durante a minha formação houve grandes falhas a esse nível. O único nome surgido enquanto projectista relevante terá sido Zaha Hadid; os Smithsons sempre referidos enquanto colectivo, Venturi sempre em nome próprio e não em dupla com Denise Scott Brown. Numa perspectiva mais histórica da arquitectura nunca me foi referido, durante os 5 anos de curso, por ex. Lina Bo Bardi.

<sup>23</sup> Informação e imagem cedidas pela arquiteta, por *email*, a 08 de maio de 2020.

Quanto a bibliografia, surgiram alguns nomes de mulheres historiadoras, como autoras, mas sempre na área da história de arquitectura, não de projecto.

Nunca tive uma mulher enquanto professora de projecto.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

PM – R4: Sim, penso que já há uma procura em equilibrar essas presenças. Isto acontece mais internacionalmente, ou em eventos nacionais de carácter internacional (em inglês), do que em eventos nacionais (para um público português).

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

PM – R5: Não.

## II.17 - Paula Miranda

Licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, em 2001, trabalhou na empresa JLCG arquitectos Lda. (João Luís Carrilho da Graça) tendo participado em diversos projetos entre 2001 e 2015. No *ateliermob*, coordenou em 2016 os projetos desenvolvidos no decurso de processos participativos com as Associações de Moradores dos Bairros Prodac Norte e Sul e o Projecto para a Promoção da Acessibilidade Pedonal em Lisboa Oriental. Atualmente é cooperante efetiva da Cooperativa “Trabalhar com os 99%, Cr1” onde se destaca a participação na equipa de apoio técnico à Fundação Calouste Gulbenkian na recuperação de habitações após o incêndio de Pedrógão Grande e, com a Equipa do Plano de Acessibilidade Pedonal da Câmara de Lisboa, a elaboração de Revisão de Boas Práticas para a Promoção da Segurança da Mulher no Espaço Público.<sup>24</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 06/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitectas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Paula Miranda (PM) – R1: Não. Ainda que cada vez seja dada mais visibilidade às mulheres arquitectas é ainda notória a predominância de nomes masculinos em particular no que poderemos chamar de “*star-system*”. Tal facto é notório desde a formação académica em cujas referências persistem em focar-se em homens arquitectos e mantém-se nas publicações, conferências, documentários, etc. Este é um facto referido nacional e internacionalmente tanto por estudantes como profissionais que têm vindo a expor esta discrepância e a divulgar o trabalho de arquitectas que esquecidas (ou apagadas da História) durante décadas.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

PM – R2: Por um lado sabemos que, de modo geral e a vários níveis, a educação dada aos rapazes e às raparigas perpetua diferenças nos papéis atribuídos aos diferentes géneros em que, de modo simplista, as raparigas/mulheres deverão ser mais recatadas e os rapazes/homens mais expansivos. Por outro lado, na sequência da questão anterior, penso que o facto de muitas estudantes terem poucas referências femininas de liderança e exposição - a par de um maior escrutínio às mulheres que se expõem - conduz a que, mesmo nos *ateliers* onde há mais mulheres que homens (ou conduzidos por casais arquitectos) estas permaneçam “na sombra”. Isto não significa, de qualquer modo, a culpabilização as mulheres pela sua invisibilidade, mas da sociedade patriarcal em que se inserem. Penso que ao longo de todo o percurso escolar as expectativas são colocadas noutra patamar para os homens em detrimento da progressão e conseqüente visibilidade das mulheres; por exemplo, é mais fácil a uma mulher dizer que tem vergonha de se expor publicamente do que

<sup>24</sup> Informação e imagem cedidas pela arquiteta, por *email*, a 05 de maio de 2020.

a um homem porque, tradicionalmente, o recato das mulheres é até valorizado. A este ciclo vicioso soma-se, em particular na idade adulta, o acréscimo de tarefas extralaborais que continuam a recair mais sobre as mulheres que sobre os homens. Tal situação dificulta significativamente a participação das mulheres em actividades fora do horário laboral e, em particular, nos momentos onde as redes de divulgação se estabelecem, promovendo o seu afastamento das redes de contactos, quando não se afastam mesmo de uma profissão onde tantas vezes se exige uma dedicação a tempo inteiro.

**AD – Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

PM – R3: Durante o percurso académico não me recordo de qualquer referência ao trabalho de mulheres arquitectas, à excepção do das professoras que tive, das quais destaco uma professora de projecto e uma de construções.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

PM – R4: Sim. Estando ainda longe da igualdade, noto alguma diferença nos últimos anos e, em particular, um esforço por parte de um número crescente de pessoas para que se alterem os paradigmas.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

PM – R5: Tanto em *atelier* como em obra nunca me senti discriminada por ser mulher, até ser mãe. Mais do que por ser mulher - mas sem que possa ser dissociado - ter deixado de estar disponível 24/24 horas 7 dias por semana alterou significativamente o tipo de trabalho que me era atribuído, de modo mais evidente do que aos (poucos) colegas pais, acentuando-se essa diferença durante o período da crise, agravada pelo facto de não ter capacidade financeira para encontrar alternativas.

## II.18 - Paula Santos

Arquiteta, nascida no ano de 1961, licencia-se em Arquitetura em 1986, na Universidade do Porto e termina o seu doutoramento em 2019, na Universidade de Coimbra. No ano de 1985 ingressa como colaboradora nos escritórios de Carlos Guimarães de Eduardo Souto Moura e no ano seguinte, até 1988, é assessora da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. O seu percurso como professora, passa pela Escola Secundária Garcia de Orta, no Porto (1988-1989), Universidade Lusíada do Porto (1997-2006) e Universidade de Coimbra (2008-2013). Atualmente, e desde 2000, é sócia gerente do *atelier paula santos | arquitectura, Lda*.<sup>25</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 27/01/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Paula Santos (PS) – R1: Visibilidade está a referir-se a publicações? Revistas e livros? Acho que não há paridade no número de publicações de trabalhos realizados por mulheres ou homens, mas muito provavelmente porque o número de trabalhos realizados por cada um dos grupos não é igualitário e isso reflecte-se obviamente no número de publicações.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

PS – R2: Claro que sim, há uma enorme diferença de participação, mas isso tem que ver com a pergunta anterior, menos exposição, menos trabalhos realizados, menos divulgação, naturalmente menos participação em debates e exposições públicas.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

PS – R3: Não, nunca se falou sobre este tema. Mulheres professoras de projecto tive uma: A arquitecta Teresa Fonseca.

AD – **Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

PS – R4: [Não respondeu]

AD - **Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

PS – R5: [Não respondeu]

<sup>25</sup> Fonte: (Paula Santos|Arquitectura, s/d). Fonte da Fotografia (Paula Santos|Arquitectura, s/d).

## II.19 - Rita Ochoa

Nascida no ano de 1973, em Tomar, é arquiteta e cofundadora do MA, desde 2017. Licenciou-se na Universidade Técnica de Lisboa em 1997, fez a pós-graduação na Universidade Católica Portuguesa, em 2002, tirou mestrado em Desenho Urbano na Universidade de Barcelona, em 2008 e doutoramento em 2011, em Espaço Público e Regeneração Urbana, no ano de 2011, na mesma universidade. Desde 2006 leciona projeto na UBI e ao longo do seu percurso tem participado em diversos congressos e feito várias publicações, quer nacional, quer internacionalmente. É ainda cofundadora da Rede de Investigação em Arte Pública – R3iAP – e da Revista Branca.



---

Entrevista realizada por *email*, a 18/03/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Rita Ochoa (RO) – R1: Não.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

RO – R2: É uma questão estrutural, que resulta de décadas de uma sociedade machista e patriarcal. Essa é “uma das várias pontas do iceberg”.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

RO – R3: Não.

AD – **Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

RO – R4: Nos últimos anos sim, um pouco, em certos contextos (não na última década).

AD - **Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

RO – R5: Sim.

## II.20 - Sofia Machado

Arquiteta, nascida em Lisboa, no ano de 1978. Licenciou-se na Universidade Técnica de Lisboa, em 2002, ano em que teve a sua primeira experiência laboral, no atual *Office Architecture Barcelona* – OAB. Iniciou um doutoramento em Urbanismo na Universidade Politécnica da Cataluña em 2004, e atualmente está a completar o seu doutoramento em Arquitetura, desde 2017. De 2015 a 2019 deu aulas como professora assistente convidada na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Em 2019 também, fez parte do júri do *PremisFAD*, na Cataluña.<sup>26</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 14/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Sofia Machado (SM) – R1: Não considero a visibilidade idêntica. A quantidade de mulheres com autoria individual em Portugal é inexpressiva. Dada a minha experiência internacional considero que em Portugal existe mais desigualdade do que na Cataluña, onde fui imigrante durante 5 anos. A igualdade de acesso à formação só encontra equilíbrio de género a meados da década de 90 do século passado. Mesmo hoje a arquitetura é vista como uma profissão masculina e a sociedade em geral enquadra as mulheres arquitetas numa determinada escala de intervenção ou diretamente a “interiores”.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

SM – R2: A capacidade de acesso à educação superior, universitária, pela sociedade em geral é uma realidade recente. A superioridade numérica de mulheres a frequentar o curso superior de arquitetura é uma realidade com cerca de duas décadas (digo eu, ver estatísticas). 20 anos de inversão numérica corresponderá a 15 anos de prática profissional mais numerosa no feminino. Em 15 anos de prática, com a realidade das condicionantes económicas mundiais conjugadas pelo aumento substancial de profissionais da arquitetura é natural que não haja destaque pelo feminino. A quantidade de mulheres com autoria individual em Portugal é inexpressiva.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

SM – R3: Fiz o curso na FAUTL entre 1996-2001 + 1 semestre de estágio académico ao que se seguiu 1 ano de estágio profissional estabelecido pela Ordem dos Arquitectos – É preciso compreender que não havia na altura acesso à informação e que os livros eram caros e a internet dava os primeiros passos. Não existiam bancos de imagens e muito menos fotografia de arquitetura. Tive através dos professores e da biblioteca acesso às referências que agora são clássicas. Lina Bo Bardi, Zaha Hadid, Kazuyo Sejima, aos colectivos

<sup>26</sup> Fonte: (Machado, 2020). Informação cedida pela arquiteta, por *email*, a 30 de abril de 2020. Fonte da Fotografia (Machado, 2020).

MVRDV, RCR. Pouco mais. Tive uma assistente de projeto à disciplina de projeto no 5º ano, sendo que a assistente apenas acompanhava os projetos, era assistente do professor.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

SM – R4: Creio que se tem alterado. No ano passado fui Júri dos prémios FAD, que são os mais antigos da Europa, desde 2008 que existe uma tentativa de equilíbrio de género neste prémio. Tem-se notado em vários prémios, não tanto em avaliação de concursos ou exposições.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

SM – R5: Muitas vezes. Mais em Portugal do que na Cataluña. Assumo a discriminação como parte integrante da profissão e encontro mecanismos para contornar o problema, arranjando alternativas.

## II.21 – Susana Rosmaninho

Arquiteta, museóloga e produtora cultural, nascida em Porto, no ano de 1984. Licenciada em arquitetura, em 2007 na Universidade Lusíada do Porto, terminou o seu mestrado na mesma Universidade, em 2009. Tirou, em 2013, um mestrado em Museologia, também no Porto. Entre 2011 e 2012 colaborou como assistente de curadoria e na produção de exposições para o programa de Arte e Arquitetura, em Guimarães. Entre 2013 e 2014 desenvolveu atividade curatorial no Museu de Arquitetura Alemão (DAM) em Frankfurt. Desde 2014 faz trabalho de investigação no Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” e desenvolve consultoria museológica para várias entidades. É cofundadora do *atelier* Rosmaninho+Azevedo – Arquitetos, desde 2015 e cofundadora da associação cultural Contendor e Conteúdo, desde 2015 até ao momento.<sup>27</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 19/04/2020.

Ana Duarte (AD) - **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Susana Rosmaninho (SR) – R1: Actualmente o panorama está bastante melhor em termos de visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitectas, tanto a nível nacional como internacionalmente. Para isso muito tem contribuído em Portugal a associação “Mulheres na Arquitectura” e outras iniciativas como “Rebel Architette” em Itália ou prémios como os “W Awards” no Reino Unido, mas ainda há um longo caminho a percorrer para a visibilidade ser idêntica.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

SR – R2: Na minha opinião há pelo menos duas abordagens possíveis para que tal aconteça: quando os organizadores dos eventos são homens, em geral, seja para não saírem da “zona de conforto”, círculo de amigos/conhecidos ou até mesmo algum “machismo”, a tendência recai sobre convidados homens; para além disso, e apesar da quantidade de alunas nas faculdades de arquitectura ser superior ao número de alunos desde há vários anos, a nível profissional o panorama é bastante diferente. O mundo da arquitectura é de tal modo absorvente em termos de tempo, com tantas variáveis e incertezas, que nem todas as mulheres estão dispostas a arriscar ter o seu próprio escritório e preferem trabalhar para outros arquitectos (ou noutros ramos), por vezes com alguma dose de ingenuidade achando que é a melhor solução no que diz respeito a um horário certo e salário fixo (a questão da maternidade continua a ter um peso muito grande para esta decisão) e com isso tendem a manter-se “invisíveis”.

<sup>27</sup> Fonte: (Rosmaninho, s/d). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por email, a 30 de abril de 2020. Fonte da Fotografia (Rosmaninho, s/d).

**AD – Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

SR – R3: Na faculdade, efectivamente a informação sobre o trabalho de mulheres arquitectas era escassa, no entanto sempre tive curiosidade de investigar sobre o “estado da arte” nesse campo. A nível internacional os nomes que se falavam mais eram a Zaha Hadid, por naquela altura ser a única mulher a ter ganho o prémio Pritzker, a Anne Lacaton (Lacaton & Vassal), a Kazuyo Sejima (SANAA) e a Carme Pigem (RCR Arquitectes), estas duas últimas ganharam posteriormente o prémio Pritzker também. A nível nacional os nomes que se destacavam (e ainda se destacam) eram as arquitectas Inês Lobo, Paula Santos, Cristina Guedes e Teresa Novais. Relativamente a mulheres professoras de projecto tive três, nomeadamente a arquitecta Isabel Furtado (Serôdio, Furtado & Associados – Arquitectos) contra dois professores o que é um saldo positivo.

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

SR – R4: Sim, há cada vez uma maior consciência para a questão da paridade, da importância em dar palco às mulheres e tirá-las da “sombra”. Felizmente tenho sido convidada para júris e várias palestras e o meu escritório, Rosmaninho+Azevedo – Arquitectos, já conquistou vários prémios e o nosso trabalho tem sido exposto tanto nacional como internacionalmente.

**AD – Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

SR – R5: Infelizmente sim, por um engenheiro na faixa dos 60 anos, claramente machista, que não suportava a ideia duma arquitecta estar acima dele na hierarquia do projecto/obra.

## II.22 - Vera Gonçalves

Entrevista realizada por *email*, a 13/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitectas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Vera Gonçalves (VG) – R1: Não é idêntica, existe maior visibilidade dos homens.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

VG – R2: Falando da minha experiência pessoal, durante os meus anos de faculdade entre 2000 e 2006 o número de alunos homens e mulheres era praticamente idêntico e as oportunidades ou avaliações eram as mesmas. Durante os primeiros anos a trabalhar e sem crise económica, também senti igualdade.

Comecei a sentir verdadeira desigualdade, quando a crise económica se instalou nos anos de 2009 a 2012 o que coincidiu com a época em que fui mãe. As primeiras a saírem dos *ateliers* de arquitectura e a verem o seu percurso profissional estagnado foram as mulheres que resolveram ser mães. No meu círculo de colegas de profissão, as mulheres que conseguiram “vingar” foram as que se dedicaram exclusivamente à profissão, colocando em segundo ou terceiro plano a sua vida familiar e emocional.

A meu ver, mesmo havendo mais mulheres arquitectas a saírem todos os anos das faculdades de arquitectura (ou de outras faculdades), quando atingem uma certa idade o seu percurso estagna quando decidem ter uma vida familiar que não lhes permita trabalharem 20 horas diárias e não consigam produzir da mesma maneira que um colega homem. Colega esse que mesmo que tenha família, normalmente e mais facilmente consegue produzir e trabalhar mais horas que a colega mulher. O colega homem, se trabalhou mais, se produziu mais, normalmente também conseguirá ter mais êxito que a sua colega mulher. Mesmo que essa mulher tenha sido melhor aluna na faculdade.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

VG – R3: Tive apenas uma professora de projecto mulher. Não se falava quase nada sobre o tema das mulheres na arquitectura. Na altura também nunca pensei no assunto e não sentia necessidade de pensar no assunto. Achava que havia menos professoras de projecto, pelo facto de até abril de 74 haver menos mulheres nas universidades. Mas que com os anos, a percentagem iria mudar por haver mais alunas mulheres. Era o que pensava na época.

AD – **Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

VG – R4: Sim, acho que se tem alterado, até para haver alguma paridade. Mas obviamente não é por haver maior visibilidade do seu trabalho.

AD - **Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

VG – R5: Por ser mulher não, por ter família sim. Uma mulher normalmente falta mais para levar os filhos à consulta no médico. Falta porque telefonam da escola porque a criança tem febre.

Não pode fazer horas extras no escritório, porque tem de ir buscar a criança à escola, ou à nataçãõ e depois tem o jantar para fazer. Não pode fazer diretas porque tem imensas coisas para fazer além do trabalho. E se por acaso consegue fazer horas extras, ou levar trabalho para casa, não vai ter o mesmo rendimento, porque enquanto está em casa a tentar trabalhar, vai haver imensa coisa à sua volta e que também tem de dar resposta.

Actualmente na minha profissão e local de trabalho não sinto discriminação, nem por ser mulher, nem por ter família, isto porque trabalho, neste momento, na administração pública. O horário de trabalho são 35 horas semanais, sem horas extras, colegas homens ou mulheres conseguem trabalhar o mesmo. Acho que as colegas mulheres conseguem ser mais proactivas e colaborativas que os homens (mas é só a minha opinião). Não se nota nenhuma discrepância no rendimento de trabalho. Isto porque não nos pedem para trabalharmos mais do que o nosso horário. Se fosse numa empresa privada, isto não acontecia.

O que posso concluir, é que homens e mulheres a trabalharem as mesmas horas conseguem produzir praticamente o mesmo e há igualdade, mas numa entidade privada com “isenção de horário”, os homens trabalham mais porque descuram a sua vida familiar.

## II.23 – Verónica Baraldi

Arquiteta italiana, nascida em Veneza, licenciou-se em Arquitetura no ano de 1999, na Universidade Iuav de Veneza. Estagiou em 2000, na *KCAP – Architects&Planners*, em Roterdão. Trabalhou na área da Arquitetura em Itália, França e Holanda, onde trabalhou durante 8 anos como *senior architect no UNDtudio*, antes de vir para Portugal. Tem vindo desde então a desenvolver atividades e consultoria em *ateliers* de arquitetura, a nível nacional. Desenvolveu ainda um *site VB – veronicabaraldi*, para dar apoio ao trabalho de arquitetura ao qual faz consultoria.<sup>28</sup>



---

Entrevista realizada por *email*, a 24/04/2020.

Ana Duarte (AD) – **Q1: Considera que a visibilidade dos trabalhos das mulheres arquitetas e dos seus colegas homens, atualmente, é idêntica? Nacional e internacionalmente?**

Verónica Baraldi (VB) – R1: Acho que não. Como em vários setores, e na sociedade em geral, a visibilidade das mulheres na arquitetura não é proporcional ao seu verdadeiro peso e contributo, seja a nível nacional como internacional. Há vários fatores que determinam esta situação: há poucos *ateliers* lidados para mulheres, há poucos *role-models* para mulheres que querem avançar como líderes e habitualmente a mulher líder não recebe muita simpatia; o equilíbrio entre vida profissional e vida privada na arquitetura é um problema e limita de facto mais a representação feminina que a masculina; quem toma as decisões e está em posição de poder – clientes, fornecedores, construtores – ainda não se sente à vontade com arquitetas; e mais.

AD – **Q2: Após alguma pesquisa em alguns dos principais locais destinados à divulgação da arquitetura, constatei que é bastante visível a diferença entre o número de convidadas/os mulheres e homens num evento (palestra, debate, exposição), sendo que o número de mulheres é, em geral, significativamente menor. Uma vez que a quantidade de alunas nas faculdades de arquitetura é superior ao número de alunos, na sua opinião, o que leva a que nos eventos esse número seja tão díspar?**

VB – R2: As razões que já listei acima, mais uma ignorância de base sobre os *bias* na arquitetura. Os profissionais de arquitetura não fazem escolhas voluntárias de excluir as mulheres, mas repetem uma série de hábitos culturais e de maneiras de “fazer as coisas” sem ter consciência real do problema e, portanto, repetindo escolhas que não ajudam a mudar a situação. As mesmas arquitetas não têm às vezes esta consciência, ou têm medo de ser apontadas como perturbadoras e talvez exageradas, mais uma vez um *bias*.

AD – **Q3: Quando estudou teve informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitetas? E mulheres enquanto professoras de projeto?**

VB – R3: Muito, muito, muito poucas! De facto, lembro só uma aula sobre a Lina Bo Bardi numa cadeira optativa. E uma professora de História do Urbanismo, já está! Encontrei as minhas referências no mundo do trabalho.

<sup>28</sup> Fonte: (Baraldi, s/d). Informação confirmada e complementada pela arquiteta, por *email*, a 01 de maio de 2020. Fonte da Fotografia (Baraldi, s/d).

**AD – Q4: Considera que na última década a presença de mulheres em júris, em palestras, em exposições ou em prémios tem-se alterado?**

VB – R4: Acho que sim, mas não suficientemente, e ainda não há o cuidado de verificar a representação 50-50 em muitas situações. Mas sou otimista, porque as novas gerações de arquitetas são muito mais *unapologetic*, e em vez de ficar à espera do convite estão a construir as próprias plataformas.

**AD - Q5: Alguma vez se sentiu discriminada na sua profissão por ser mulher?**

VB – R5: Sim, no meu país várias vezes, mais ou menos discretamente. Nunca houve um ataque específico, mas a iteração de dinâmicas antigas, onde as arquitetas não são levadas tão a sério, onde o poder de decisão fica menor, e onde o ser de natureza mais diplomática e leve serve de razão para ficar de lado. Mas acredito que vai ser a nossa vantagem e força, porque o mundo do trabalho está a mudar e a maneira feminina de lidar e gerir os recursos vai de facto tornar-se a mais eficaz. Neste sentido, queria destacar a experiência que tive na Holanda, onde nunca senti esta discriminação, por ser uma cultura mais paritária em sentido transversal, e onde de facto encontrei os meus *role-models*.

## Apêndice II – Quadro resumo das entrevistas

Questões Entrevistadas	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Alexandra Melão	“[...] acredito que nos encontramos no momento de mudança desse paradigma.”	“[...] o tempo [...] que a mulher dedica à sua profissão [...] continua a não ser o mesmo que o homem, e isso tem consequências [...].”	“A resposta é afirmativa a ambas as questões, mas [...] o masculino seria a referência.”	“Sim e acredito que se torne regra [...].”	“Perante algumas situações [...] questionei-me se o tratamento seria diferente se eu fosse um homem e infelizmente acho que sim.”
Ana Jara	“Considero que não [...]. Em termos internacionais tenho a mesma sensação [...].”	“Uma cultura patriarcal que invisibiliza [...] o que as mulheres arquitectas produzem enquanto obra e enquanto discurso.”	“A falta de referências femininas foi uma constante ao longo da minha formação.”	“Considero que sim, [...] tudo muito recente, mas promissor.”	“É bastante claro para mim que sim, acho que até dado momento, [...] a escolha da arquitectura foi uma espécie de lugar-espartilho por romper [...].”
Andreia Garcia	“Em pleno século XXI ainda não posso dizer que seja idêntica a visibilidade do trabalho de Arquitectura realizado por homens ou por mulheres.”	“Essa questão [...] está [...] relacionada com a eventual redução de produtividade do trabalho realizado por uma mulher em período de maternidade [...].”	“Não defendo uma bibliografia específica no feminino e outra no masculino. Defendo uma cultura de Arquitectura [...] sem género [...]”	“Ainda não alterou o suficiente. Não defendo cotas [...]. Defendo igualdade de oportunidades.”	“Tanto na Arquitectura, como na Curadoria, como no Ensino [...]. E já recusei continuar em algumas prestações laborais precisamente por essa questão.”
Andreia Salavessa	“Penso que este fenómeno era mais acentuado há uns anos atrás [...] hoje em dia surgem mais colectivos compostos em grande parte por mulheres [...].”	“A não valorização do seu papel como elemento determinante na sociedade.”	“A informação [...] era adquirida muitas vezes através da pesquisa pessoal, mas sim foram me transmitidos trabalhos e ideias sobre muitas arquitectas ao longo da História. [...] um dos professores que mais me	“Penso que sim, mesmo ainda não sendo suficiente [...].”	“Já sim. Em contextos de obra normalmente.”

			marcou foi uma mulher, Arquitecta Inês Lobo.”		
Catarina Madruga	“Não. Continua a ser diferente, embora menos desequilibrada do que há vinte anos atrás [...]”	“[...] arriscaria dizer que a maioria dos eventos [...] tendem a escolher Arquitectos/as que tenham um trabalho publicamente reconhecido [...]”	“Tive uma professora de projecto e praticamente nenhuma informação, [...] sobre o trabalho de mulheres arquitectas.”	“Em relação há dez anos atrás não sei dizer. Em relação há vinte anos atrás, parece-me que sim.”	“Quando comecei a trabalhar, há cerca de vinte anos atrás, havia escritórios de arquitectura que preferiam não ter colaboradoras mulheres. [...] Mas à medida que fui envelhecendo [...] deixei de o sentir tanto.”
Cristina Veríssimo	“Não disponho de estudos ou conhecimento que me apoiem neste ponto.”	“[...] no passado quando tínhamos que fazer palestras convidavam-nos aos dois, eu e o Diogo. Ultimamente convidam-me apenas a mim.”	“Sim. [...] trabalhei com a Zaha Hadid [...] pois conhecia o seu trabalho. [...] a Alexandra Gesta vi-a falar várias vezes [...] Quanto a professoras, Maria Manuel Godinho de Almeida, Dulce Loução. [...]”	“Não disponho de estudos ou conhecimento que me apoiem neste ponto.”	“Nunca.”
Gabriela Salazar	“Não, há uma grande diferença.”	“São múltiplas razões. [...] grupos maioritariamente masculinos que presidem as instituições. [...] profissionais que detêm poder.”	“Estudei em Berlim. Tive algumas professoras [...] As referências raramente eram mulheres.”	“Há sim alguma evolução [...] Mas não vejo uma mudança significativa na liderança. O poder, parece-me, permanece bastante inalterado.”	“Muitas vezes.”
Inês Campos	“A visibilidade ainda não é idêntica de todo, está longe disso.”	“Pode ser por terem sido muitos anos em que os homens estiveram na frente e por terem muitas obras de referência, mas penso que vamos conseguir chegar ao mesmo nível [...]”	“Não tive muito acesso a informação sobre o trabalho de mulheres na arquitectura. E na verdade continua a haver pouco atualmente.”	“Não o que se pretende, mas considero que está a mudar.”	“É possível. Sendo que não tenho nenhum momento presente”
Inês Moreira	“[...] há muito menos mulheres publicadas, premiadas, convidadas do que homens, dando a	“A política de convites para esses eventos reproduz a estrutura social (e profissional) de quem convida [...]”	“Não tive qualquer informação, bibliografia e aulas sobre o trabalho de mulheres arquitectas [...]”	“Sim, penso que há mais mulheres.”	“Pessoalmente, creio que ser mulher não é o maior dos traços identitários que transporto [...]. Claro, se fosse homem, talvez fosse tudo mais fácil...”

	percepção que existem menos mulheres.”				
Isabella Rusconi	“Definitivamente não. As mulheres seguem muito invisibilizadas [...]”	“Opino que a razão para que essa diferença se mantenha é expressão do machismo e do patriarcado.”	“[...] tínhamos acesso ao trabalho de outras arquitectas [...] Rosa Klías (aaahhh, paisagista, diziam eles). Raquel Rolnik, Erminia Maricato (ahhhhh, urbanistas), Ruth Verde Zein (ahhhh, teórica) e várias outras [...] qualquer coisa “não arquitecta”.”	“Sim, considero que há esforços neste sentido [...]. Acho imprescindível que se instituem políticas afirmativas para colmatar rapidamente estes esforços de resistência machista.”	“Mesmo quando fui sócia de meu marido, eu era a responsável pelos projetos [...] tanto os clientes, quanto os fornecedores e trabalhadores das obras sempre se dirigiam a ele nas reuniões [...]”
Joana Pestana Lages	“A visibilidade dos homens arquitectos continua a ser superior à das mulheres arquitectas, praticamente em todas as dimensões da profissão.”	“[...] a falta de representatividade das mulheres em eventos onde, por norma, são escolhidas pessoas com percursos mais maduros em termos de prática e conhecimento.”	“A bibliografia oferecida que incidia sobre o trabalho de mulheres arquitectas foi sempre reduzida, diria mesmo, quase inexistente.”	“[...] arrisco a dizer que sim, vemos na última década uma pressão crescente para alterar o <i>status quo</i> .”	“[...] discriminação positiva. Em 2004 [...] o <i>atelier</i> procurava especificamente uma arquitecta, para equilibrar a sua equipa em termos da participação de homens e mulheres.”
Lia Antunes	“Não [...] a visibilidade ainda é desproporcional.”	“A razão de fundo é que vivemos numa sociedade patriarcal que estabelece normas e valores tendo como referência o homem [...]”	“Não e não.”	“[...] tem vindo paulatinamente a crescer, mas ainda em número insuficiente [...]”	“Já me senti várias vezes discriminada nos vários contextos onde a profissão acontece [...]”
Luísa Paiva	“Continua a assistir-se a uma muito maior predominância de trabalhos de arquitectos homens [...]”	“[...] ao nível da divulgação da arquitectura, são os homens os principais veículos. [...] por um lado as mulheres são menos disponíveis e por outro, menos ambiciosas.”	“Esta resposta é muito fácil e rápida. Não e Não.”	“Considero que sim [...] a participação das mulheres arquitectas é cada vez maior, mais informada e mais estruturada.”	“Não de uma forma directa [...] mas a verdade é que, sendo eu casada com um arquitecto, é ele que está inscrito na OA [...] e, consequentemente, é ele quem assina os projectos [...]”
María José Cuesta	“[...] penso que ainda existem inercias que dificultam [...] que o trabalho das mulheres alcance a visibilidade [...]”	“Os decisores [...] continuam a ser maioritariamente masculinos, o que pode levar a uma atuação parcial em termos de género na hora de	“Na minha altura de estudante eram poucas as arquitectas que se estudavam e poucas as professoras de projeto.”	“Intuo que pouco a pouco a tendência vai-se equilibrando, mas estou a responder pela impressão que tenho.”	“[...] já me deparei com empreiteiros ou funcionários com comportamentos machistas em obras com trabalhadores menos qualificados.”

	que merece, tanto a nível nacional como internacional.”	propor os convidados para os diferentes eventos.”			
Patrícia Robalo	“[...] Tanto no plano nacional como no plano internacional o trabalho das mulheres arquitectas é substancialmente menos visível que o dos homens.”	“[...] nas vidas das arquitectas que conheço e na minha, concepções enraizadas sobre o que é ser mulher são muito claras, diárias e têm efeitos múltiplos de discriminação do trabalho das arquitectas mulheres [...]”	“Não me lembro de ter aulas dedicadas a qualquer mulher arquitecta. [...] Tive ao longo do meu percurso duas professoras de projecto [...]”	“Sim, mas as alterações são ténues e desencorajadoras.”	“[...] em todas as relações laborais ou de amizade com arquitectos homens minimamente duráveis, senti em algum momento ou persistentemente, discriminação por ser mulher [...]”
Paula Melâneo	“Ainda sem ser idêntica, tem tido tendência a melhorar nos últimos anos [...]”	“Instituições mais conservadoras terão tendência em apostar em nomes mais conhecidos, seguros – que maioritariamente serão homens.”	“[...] durante a minha formação houve grandes falhas a esse nível.”	“Isto acontece mais internacionalmente [...] do que em eventos nacionais [...]”	“Não.”
Paula Miranda	“Ainda que cada vez seja dada mais visibilidade às mulheres arquitectas é ainda notória a predominância de nomes masculinos [...]”	“[...] o acréscimo de tarefas extralaborais que continuam a recair mais sobre as mulheres que sobre os homens. Tal situação dificulta significativamente a participação das mulheres em actividades fora do horário laboral [...]”	“[...] não me recordo de qualquer referência ao trabalho de mulheres arquitectas, à excepção do das professoras que tive, [...] uma professora de projecto e uma de construções.”	“[...] noto alguma diferença nos últimos anos e, em particular, um esforço por parte de um número crescente de pessoas para que se alterem os paradigmas.”	“[...] nunca me senti discriminada por ser mulher, até ser mãe.”
Paula Santos	“Acho que não há paridade no número de publicações de trabalhos realizados por mulheres ou homens, mas muito provavelmente porque o número de trabalhos realizados [...] não é igualitário [...]”	“[...] menos exposição, menos trabalhos realizados, menos divulgação, naturalmente menos participação em debates e exposições públicas.”	“[...] nunca se falou sobre este tema.”		

Rita Ochoa	“Não.”	“É uma questão estrutural, que resulta de décadas de uma sociedade machista e patriarcal.”	“Não.”	“Nos últimos anos sim, [...] não na última década.”	“Sim.”
Sofia Machado	“A quantidade de mulheres com autoria individual em Portugal é inexpressiva.”	“[...] com a realidade das condicionantes económicas mundiais conjugadas pelo aumento substancial de profissionais da arquitetura é natural que não haja destaque pelo feminino.”	“Tive através dos professores e da biblioteca acesso às referências que agora são clássicas. [...] Pouco mais. Tive uma assistente de projeto [...]”	“[...] Tem-se notado em vários prémios, não tanto em avaliação de concursos ou exposições.”	“Assumo a discriminação como parte integrante da profissão e encontro mecanismos para contornar o problema, arranjando alternativas.”
Susana Rosmaninho	“[...] panorama está bastante melhor [...] mas ainda há um longo caminho a percorrer para a visibilidade ser idêntica.”	“[...] quando os organizadores dos eventos são homens [...] a tendência recai sobre convidados homens [...]”	“[...] a informação sobre o trabalho de mulheres architectas era escassa [...]”	“Sim [...] Felizmente tenho sido convidada para júris e várias palestras [...]”	“[...] por um engenheiro [...] claramente machista, que não suportava a ideia duma architecta estar acima dele na hierarquia do projecto/obra.”
Vera Gonçalves	“Não é idêntica, existe maior visibilidade dos homens.”	“Comecei a sentir verdadeira desigualdade, quando a crise económica se instalou [...] que coincidiu com a época em que fui mãe. [...]”	“Tive apenas uma professora de projecto mulher. Não se falava quase nada sobre o tema das mulheres na arquitetura.”	“Sim [...] Mas obviamente não é por haver maior visibilidade do seu trabalho.”	“Por ser mulher não, por ter família sim.”
Verónica Baraldi	“[...] a visibilidade das mulheres na arquitetura não é proporcional ao seu verdadeiro peso e contributo [...]”	“Os profissionais de arquitetura não fazem escolhas voluntárias de excluir as mulheres, mas repetem uma série de hábitos culturais [...]”	“Muito, muito, muito poucas!”	“[...] ainda não há o cuidado de verificar a representação 50-50 em muitas situações.”	“Sim, no meu país várias vezes, mais ou menos discretamente.”

# Apêndice III – Quadro analítico dos eventos de arquitectura: Garagem Sul e Casa da Arquitectura (2010-2019)

Atividades arquitetónicas em Portugal - levantamento																						
Data(s)	Entidade/Local	Evento	Tipo	Organização		Geral - Participantes / Convidad@s / Homeneagead@s				Mulheres - Participantes / Convidadas / Homeneageadas		Arquitetas - Participantes / Homeneageadas		Homens - Participantes / Convidados / Homeneageados		Arquitetos - Participantes / Convidados / Homeneageados		% Participantes / Convidad@s / Homeneagead@s		% Participantes / Convidad@s / Homeneagead@s (Arquitet@s)		
				Institucional	Nominal	Nomes		Total	Total Nominal	Nomes		Total	Nomes		Total	Nomes		Total	Nomes		Total	M
1	2/06/2010	-	Casa da Música	Open Source	Seminário	Círculo de Ideias IASRN FCM CA UC CMP SNC	S.I.	Cecil Balmond Hans-Ulrich Obrist Tomás Saraceno Stanford Kwinter Ron Eglash António Adão da Fonseca Rafaelo Overworld	8	6	-	0	-	0	Cecil Balmond Hans-Ulrich Obrist Tomás Saraceno Stanford Kwinter Ron Eglash António Adão da Fonseca	6	-	0	0%	100%	0%	0%
2	7/7/2010	01/10/2010	Casa da Arquitectura	Reabilitação de uma estrutura unitária no centro histórico da cidade do Porto.	Exposição	CA	S.I.	Maria João Marques Paulo Freitas	2	2	Maria João Marques	1	Maria João Marques	1	Paulo Freitas	1	Paulo Freitas	1	50%	50%	50%	50%
3	10/08/2010	14/09/2010	Centro de Congressos da Universidade do Porto	ARCO – Architecture International Congress at Oporto	Congresso	CA Barco Magazine Jofehar	Estúdios Seabra	Juliana Dias Aires Mateus Alvaro Siza Vieira André Correia Fernandes ARX Eduardo Souto Moura Gonçalo Byrne João Álvaro Rocha Jorge Gigante José Gigante Manuel Correia Fernandes Pulido Valente Roni Koolhaas	13	11	-	0	-	0	Adalberto Dias Alvaro Siza Vieira André Correia Fernandes Eduardo Souto Moura Gonçalo Byrne João Álvaro Rocha Jorge Gigante José Gigante Manuel Correia Fernandes Pulido Valente Roni Koolhaas	11	Adalberto Dias Alvaro Siza Vieira André Correia Fernandes Eduardo Souto Moura Gonçalo Byrne João Álvaro Rocha Jorge Gigante José Gigante Manuel Correia Fernandes Pulido Valente Roni Koolhaas	11	0%	100%	0%	100%
4	19/2010	-	Casa da Arquitectura	Alvaro Siza - Uma questão de medida.	Lançamento de livro	CA	S.I.	Alvaro Siza Vieira Dominique Machabert Laurent Beaudouin	3	3	-	0	-	0	Alvaro Siza Vieira Dominique Machabert Laurent Beaudouin	3	-	0	0%	100%	0%	100%
5	04/10/2010	-	Salão Nobre da Câmara Municipal de Matosinhos	Lançamento Público da 9ª Edição do Prémio Fernando Távora.	Lançamento	CA OASRN CMM	S.I.	Carlos Castanheira Fernando Rocha João Belo Rodéria Manoel de Oliveira Luís Manilla António Magalhães Basto João Mendes Ribeiro Margarida Vagos Gomes Armando Rabaga Teresa Novais	10	10	Margarida Vagos Gomes Teresa Novais	2	Margarida Vagos Gomes Teresa Novais	2	Carlos Castanheira Fernando Rocha João Belo Rodéria Manoel de Oliveira Luís Manilla António Magalhães Basto João Mendes Ribeiro Armando Rabaga	8	Carlos Castanheira João Belo Rodéria Luís Manilla António Magalhães Basto João Mendes Ribeiro Armando Rabaga	6	20%	80%	25%	75%
6	05/11/2010	07/12/2010	Casa da Arquitectura	Jovens Arquitectos Premiados	Exposição	CA	S.I.	Carlos Castanheira Fernando Mendes Pinheiro João Paulo Rapagão	3	3	-	0	-	0	Carlos Castanheira Fernando Mendes Pinheiro João Paulo Rapagão	3	-	0	0%	100%	0%	100%
7	02/03/2011	30/04/2011	Colégio das Artes – Coimbra	No place like – 4 filmes, 4 films.	Exposição	CA UC OASRN	Delim Sardo José Mateus Julia Albani Rita Palma	Alves Mateus Alvaro Siza Vieira Raik Gerdorf Carrilho da Graça	4	2	-	0	-	0	Alvaro Siza Vieira Carrilho da Graça	2	Alvaro Siza Vieira Carrilho da Graça	2	0%	100%	0%	100%
8	26/05/2011	02/06/2011	FAUP – Auditório Fernando Távora	Ciclo de Conferências "O Mal-Estar da Forma"	Conferência	CA FAUP FAMO	S.I.	Alvaro Siza Vieira Eugénia Vilela Júlio Machado Vaz Laura Castro	4	4	Eugénia Vilela Laura Castro	2	-	0	Alvaro Siza Vieira Júlio Machado Vaz	2	Alvaro Siza Vieira	1	0%	100%	0%	100%
9	03/10/2011	01/10/2012	Salão Nobre da Câmara Municipal de Matosinhos	7ª edição do prémio Fernando Távora.	Prémio	CA OASRN CMM	S.I.	António Perácio José Mattoso Nuno Grande Ricardo Vieira de Melo Walter Rosas	5	5	-	0	-	0	António Perácio José Mattoso Nuno Grande Ricardo Vieira de Melo Walter Rosas	5	Nuno Grande Ricardo Vieira de Melo Walter Rosas	3	0%	100%	0%	100%
10	04/05/2012	02/06/2012	Casa da Arquitectura	A profundidade da superfície.	Exposição	CA	S.I.	Carlos Castanheira Jotta Van Groenewoud Paulo Taborda Barreto	3	3	Jotta Van Groenewoud	1	Jotta Van Groenewoud	1	Carlos Castanheira Paulo Taborda Barreto	2	Carlos Castanheira	1	33%	67%	50%	50%
11	22/06/2012	26/06/2012	Casa da Arquitectura	Skin and Skeleton	Exposição	CA	S.I.	Nuno Riza Nuno Higinio Jorge Barros	3	3	Nuno Riza	1	Nuno Riza	1	Nuno Higinio Jorge Barros	2	Jorge Barros	1	33%	67%	50%	50%
12	28/06/2012	25/08/2012	Casa da Arquitectura	Cidade das Murtas – o território que se transforma em cidade.	Exposição	CA	S.I.	Alberto Collot	1	1	-	0	-	0	Alberto Collot	1	Alberto Collot	1	0%	100%	0%	100%
13	13/09/2012	-	Biblioteca FAUP	(De)Instalações Gratuitas da Desconstrução, A Fotografia, Mies van der Rohe e o Pavilhão de Barcelona.	Lançamento de livro	CA FAUP	S.I.	João Vela Castilho Mies van der Rohe	2	2	-	0	-	0	João Vela Castilho Mies van der Rohe	2	João Vela Castilho Mies van der Rohe	2	0%	100%	0%	100%
14	29/09/2012	-	Casa da Arquitectura	Ensina-me a desenhar uma casa.	Workshop	CA	S.I.	Alberto Pêssimo	1	1	-	0	-	0	Alberto Pêssimo	1	-	0	0%	100%	0%	0%
15	01/10/2012	-	Salão Nobre da Câmara Municipal de Matosinhos	Luanda por Terra, Água e Ar: Uma viagem de investigação a partir do Exploratório Urbano de Chicala.	Conferência	CA OASRN CMM	S.I.	Paulo Moreira	1	1	-	0	-	0	Paulo Moreira	1	Paulo Moreira	1	0%	100%	0%	100%
16	10/11/2012	-	Casa da Arquitectura	Um cubo em duas partes.	Lançamento de Livro	CA	S.I.	Amílcar Correia Rui Grazina	2	2	-	0	-	0	Amílcar Correia Rui Grazina	2	Rui Grazina	1	0%	100%	0%	100%
17	07/12/2012	24/02/2013	CCB - Garagem Sul	O Ser Urbano - Nos caminhos de Nuno Portas	Exposição	CCB	Nuno Grande	Nuno Grande Nuno Portas	2	2	-	0	-	0	Nuno Grande Nuno Portas	2	Nuno Portas	1	0%	100%	0%	100%
18	24/01/2013	24/02/2013	Campo das Ceboas / Doç da Marinha Sala Luís Freixas Branco	Liabon Ground	Conferência	CCB	Inês Lobo	Gonçalo Byrne João Gomes da Silva João Luís Carrilho da Graça João Nunes Manuel Salgado	6	6	Inês Lobo	1	Inês Lobo	1	Gonçalo Byrne João Gomes da Silva João Luís Carrilho da Graça João Nunes Manuel Salgado	5	Gonçalo Byrne João Gomes da Silva João Luís Carrilho da Graça João Nunes Manuel Salgado	5	17%	83%	17%	83%

As (in)Visibilidades das Mulheres Arquitetas.

19	21/03/2013	15/07/2013	CCB - Garagem Sul	ARX Arquivo	Exposição	CCB	Luís Santiago Baptista	Diogo Seixas Lopes José Matheus Luís Santiago Baptista Nuno Matheus Pedro Falcão	5	5	-	0	-	0	Diogo Seixas Lopes José Matheus Luís Santiago Baptista Nuno Matheus Pedro Falcão	5	Diogo Seixas Lopes José Matheus Luís Santiago Baptista Nuno Matheus Pedro Falcão	5	0%	100%	0%	100%
20	10/05/2013	07/06/2013	Anfiteatro Nobre da FLUP	Inteções entre Museologia e Arquitetura.	Conferência	FLUP CA	Miguel Toste Susana Rosmaninho	ACA André Tavares Beatrice Galilee Delfina Sardo Diogo Seixas Lopes Gabriela Vaz Pinheiro Gonçalo Conceiro Izta Moura Guedes Luís Moreira Luís Moreira José A. Bandeirinha Jorge Figueira José Fernando Gonçalves Luís S. Baptista Luís T. Pereira Manuel Graça Dias Manuel Henriques Manuel Mendes Nuno Grande Pedro Jordão Rui Ramos	21	20	Beatrice Galilee Gabriela Vaz Pinheiro Izta Moura Guedes Luís Moreira Luís Moreira	5	Luís Moreira Marta Luís Neiva	2	André Tavares Beatrice Galilee Diogo Seixas Lopes Gonçalo Conceiro José A. Bandeirinha Jorge Figueira José Fernando Gonçalves Luís S. Baptista Luís T. Pereira Manuel Graça Dias Manuel Henriques Manuel Mendes Nuno Grande Pedro Jordão Rui Ramos	15	André Tavares Beatrice Galilee Diogo Seixas Lopes José A. Bandeirinha Jorge Figueira José Fernando Gonçalves Luís T. Pereira Manuel Graça Dias Manuel Henriques Manuel Mendes Nuno Grande Pedro Jordão	9	25%	75%	18%	82%
21	11/05/2013	-	Casa da Arquitectura	Diqui e do mar eu vou-te contar.	Lançamento de livro	CA	S.I.	Maria Eduarda Leilão Nuno Higinio	2	2	Maria Eduarda Leilão	1	-	0	Nuno Higinio	1	-	0	50%	50%	0%	0%
22	21/06/2013	31/08/2013	Casa da Arquitectura e Piscina das Mare	Conhecer e fotografar a obra de Álvaro Siza	Workshop/Exposição	CA CMM	S.I.	Álvaro Siza Vieira Carla Barros Sérgio Jacques	3	3	Carla Barros	1	Carla Barros	1	Álvaro Siza Vieira Sérgio Jacques	2	Álvaro Siza Vieira	1	33%	67%	50%	50%
23	10/09/2013	17/11/2013	CCB - Garagem Sul	Futurepective Architecture	Exposição/Conferência	CCB Kunsthalle Bielefeld Sun Fujimoto	Friedrich Mendelsohn Julia Albani	Sun Fujimoto	1	1	-	0	-	0	Sun Fujimoto	1	Sun Fujimoto	1	0%	100%	0%	100%
24	28/09/2013	30/11/2013	Casa da Arquitectura	Desenhos de Álvaro Siza	Exposição	CA OASRN	S.I.	Álvaro Siza Vieira	1	1	-	0	-	0	Álvaro Siza Vieira	1	Álvaro Siza Vieira	1	0%	100%	0%	100%
25	05/10/2013	26/10/2013	Casa da Arquitectura	Representações em Arquitectura: Fotografia, Cinema, Música e Teatro	Oficinas	CA OASRN	S.I.	Bruno Estima Isabel Barros Luís Urbano Sérgio Jacques	4	4	Isabel Barros	1	-	0	Bruno Estima Luís Urbano Sérgio Jacques	3	Luís Urbano	1	25%	75%	0%	100%
26	26/02/2014	28/03/2014	Aeroporto do Porto	Porto, dois Prémios Pulitzer: Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura	Mostra	CA	S.I.	Álvaro Siza Vieira Eduardo Souto Moura	2	2	-	0	-	0	Álvaro Siza Vieira Eduardo Souto Moura	2	Álvaro Siza Vieira Eduardo Souto Moura	2	0%	100%	0%	100%
27	21/03/2014	20/07/2014	CCB - Garagem Sul	Tanto Mar - Portugueses fora de Portugal	Exposição / Conversas	Ateliernob	S.I.	Andreia Salavessa Anna Buono Carine Pimenta Cesar Reyes Nájera Eibel Barona Fredy Masad Guida Marques Inês Afonso Inês Moreira João Almeida Joaquim Moreno José Matheus Luís Santiago Baptista Mariana Simões Marta Silva Pedro Campos Costa Shumi Bose Tiago Mota Saraiva Yera Sacchetti	19	19	Andreia Salavessa Anna Buono Carine Pimenta Eibel Barona Fredy Masad Guida Marques Inês Afonso Inês Moreira João Almeida Joaquim Moreno José Matheus Luís Santiago Baptista Mariana Simões Marta Silva Pedro Campos Costa Shumi Bose Yera Sacchetti	11	Andreia Salavessa Carine Pimenta Eibel Barona Guida Marques Inês Moreira Mariana Simões Marta Silva	6	Cesar Reyes Nájera Fredy Masad João Almeida Joaquim Moreno José Matheus Luís Santiago Baptista Pedro Campos Costa Tiago Mota Saraiva	8	Cesar Reyes Nájera Fredy Masad João Almeida Joaquim Moreno José Matheus Luís Santiago Baptista Pedro Campos Costa Tiago Mota Saraiva	8	28%	42%	43%	57%
28	07/04/2014	-	Salão Nobre da Câmara Municipal de Matinhinhos	A Viagem (algumas notas) + Vencedor da 9ª edição do Prémio Fernando Távora	Conferência/ Lançamento	CA CMM	S.I.	José António Bandeirinha José Pedro Cruz Marta José Ferrão Paula Santos Pedro Bandeira	5	5	Maria José Ferrão Paula Santos	2	Paula Santos	1	José António Bandeirinha José Pedro Cruz Pedro Bandeira	3	José António Bandeirinha Pedro Bandeira	2	40%	60%	33%	67%
29	25/07/2014	-	Casa da Arquitectura	Pontos de Referência	Aprentização/ Debate	CA	S.I.	Álvaro Domingues Cristina Guedes Francisco Vieira de Campo Jorge Carvalho Luís Santiago Baptista Pedro Bala Teresa Novais	7	7	Cristina Guedes Teresa Novais	2	Cristina Guedes Teresa Novais	2	Álvaro Domingues Francisco Vieira de Campo Jorge Carvalho Luís Santiago Baptista Pedro Bala	5	Francisco Vieira de Campo Jorge Carvalho Luís Santiago Baptista Pedro Bala	4	29%	71%	33%	67%
30	25/09/2014	-	Casa da Arquitectura	Álvaro Siza Design Process   Quinta do Bom Sucesso Housing Project	Lançamento de Livro	CA	S.I.	Álvaro Siza Vieira Ren Ito Teresa Valassina Heitor	3	3	Teresa Valassina Heitor	1	Teresa Valassina Heitor	1	Álvaro Siza Vieira Ren Ito	2	Álvaro Siza Vieira	1	33%	67%	50%	50%
31	16/09/2014	23/11/2014	CCB - Garagem Sul	Uma reflexão teórica a partir da profissão. Materiais de arquivo (1961-2013)	Exposição	CCB Fundació Barrié Atelier Rafael Moneo	Príncipe Gonzalez de Canales	Rafael Moneo	1	1	-	0	-	0	Rafael Moneo	1	Rafael Moneo	1	0%	100%	0%	100%
32	06/10/2014	-	Salão Nobre da Câmara Municipal de Matinhinhos	Exposição a uma Arquitectura intensiva.	Conferência	CA CMM	S.I.	Susana Ventura	1	1	Susana Ventura	1	Susana Ventura	1	-	0	-	0	100%	0%	100%	0%
33	06/10/2014	28/11/2014	Casa da Arquitectura	12 Serigrafias de Arquitectos	Exposição	CA	Manuel Graça Dias	Alexandra Margapa Alexandre Alves Costa Álvaro Siza Vieira Eduardo Souto de Moura Egas José Vieira Hélina Fernandes João Luís Carrilho da Graça Luís Peña Manuel Graça Dias Pedro Bandeira Pedro Machado Costa Pedro Ravara	12	12	Nexandra Margapa Hélina Fernandes Luís Peña	3	Alexandra Margapa Hélina Fernandes Luís Peña	3	Alexandre Alves Costa Álvaro Siza Vieira Eduardo Souto de Moura Egas José Vieira João Luís Carrilho da Graça Manuel Graça Dias Pedro Bandeira Pedro Machado Costa Pedro Ravara	9	Alexandre Alves Costa Álvaro Siza Vieira Eduardo Souto de Moura Egas José Vieira João Luís Carrilho da Graça Manuel Graça Dias Pedro Bandeira Pedro Ravara	9	25%	75%	25%	75%
34	09/12/2014	28/02/2015	CCB - Garagem Sul	Tímulo Brito	Exposição	CCB	Joaquim Moreno Paula Pinto	Carlo Scarpa Guido Guidi Joaquim Moreno Pedro Bandeira	4	4	-	0	-	0	Carlo Scarpa Guido Guidi Joaquim Moreno Pedro Bandeira	4	Carlo Scarpa Joaquim Moreno	2	0%	100%	0%	100%
35	26/03/2015	26/06/2015	Casa da Arquitectura	Ilustração de Arquitectura André Chiote	Exposição	CA	S.I.	André Chiote	1	1	-	0	-	0	André Chiote	1	André Chiote	1	0%	100%	0%	100%
36	09/04/2015	-	Salão Nobre da Câmara Municipal de Matinhinhos	A Viagem + Vencedor da 10ª edição do Prémio Fernando Távora	Conferência/ Lançamento	CA CMM	S.I.	André Tavares João Luís Carrilho da Graça José Manuel Botelho Luís Távora Pedro da Rocha Vinagreiro Valter Hugo Mäe	6	6	Luís Távora	1	-	0	André Tavares João Luís Carrilho da Graça José Manuel Botelho Pedro da Rocha Vinagreiro Valter Hugo Mäe	5	André Tavares João Luís Carrilho da Graça José Manuel Botelho Pedro da Rocha Vinagreiro	4	17%	83%	0%	100%

As (in)Visibilidades das Mulheres Arquitetas.

37	05/05/2015	19/07/2015	CCB - Garagem Sul	Paisagem como Arquitetura.	Exposição	CCB	Nuno Crespo	João Gomes da Silva Paulo David	2	2	-	0	-	0	João Gomes da Silva Paulo David	2	João Gomes da Silva Paulo David	2	0%	100%	0%	100%
38	27/05/2015	-	Casa da Arquitectura	Roteiros de Arquitectura.	Lançamento de livro	CA	S.I.	Conceição Melo Fernando Rocha Luís Pedro Silva Sérgio Jacques	4	4	Conceição Melo	1	Conceição Melo	1	Luís Pedro Silva Sérgio Jacques	2	Luís Pedro Silva Sérgio Jacques	2	33%	67%	33%	67%
39	17/07/2015	-	Casa das Artes	Homenagem a Eduardo Souto de Moura	Homenagem	CA OA	S.I.	Eduardo Souto de Moura	1	1	-	0	-	0	Eduardo Souto de Moura	1	Eduardo Souto de Moura	1	0%	100%	0%	100%
40	22/09/2015	14/02/2016	CCB - Garagem Sul	Carrilho da Graça: Lisboa	Exposição	CCB	Marta Sequeira Summa Rato	João Luís Carrilho da Graça	1	1	-	0	-	0	João Luís Carrilho da Graça	1	João Luís Carrilho da Graça	1	0%	100%	0%	100%
41	07/10/2015	15/01/2016	CCB - Garagem Sul	O Mundo nos Nossos Olhos	Exposição / Conferência	CCB	FIG Projects	Alexander Eisenhardt Alex Lehmann Anthony Acciavatti Jeffrey Bow Wow Jeffrey Kempe Thill Baukuh GRAU Lola AWP Office for Territorial Configuration Christ & Gantenbein Cities without Ground Clare Lyster Cohabitation Strategies Dany Wills Design Earth Diplom a Unit 4 Els Verhabel Architectural Association Felipe Correa Haskim Sarkis Hector Design Service Ido Avissar Instant Hugging Interboro Partners Kate Orff Keith Krumwiede LCLA Office Manuel Herz Architects MAP Office Noraaj Bhalla Nicholas de Monchaux Pedro Piñarch Pivonenfah gNAE Rafi Segal Raa Arquitectos Schwellenhaus Studio Works Superpool Work AC Naveer De Geyter Architects	37	15	Clare Lyster Kate Orff Els Verhabel	3	Clare Lyster Kate Orff Els Verhabel	3	Alexander Eisenhardt Alex Lehmann Anthony Acciavatti Dany Wills Felipe Correa Haskim Sarkis Ido Avissar Noraaj Bhalla Nicholas de Monchaux Pedro Piñarch Rafi Segal	12	Alexander Eisenhardt Alex Lehmann Anthony Acciavatti Dany Wills Felipe Correa Haskim Sarkis Ido Avissar Noraaj Bhalla Nicholas de Monchaux Pedro Piñarch Rafi Segal	11	20%	80%	21%	79%
42	14/11/2015	-	Casa da Arquitectura	Obras em Festa	Apresentação de Projeto	CA	S.I.	Guilherme Pinto Guilherme Vaz Joel Clota	3	3	-	0	-	0	Guilherme Pinto Guilherme Vaz Joel Clota	3	Guilherme Vaz	1	0%	100%	0%	100%
43	21/01/2016	-	Salão Nobre da Câmara Municipal de Matosinhos	João Álvaro Rocha, ideia, mão e construção.	Homenagem	CA CMM	S.I.	Eduardo Souto de Moura João Álvaro Rocha Manuel Grupo Dias Renato Cunha Pinto	4	4	-	0	-	0	Eduardo Souto de Moura João Álvaro Rocha Manuel Grupo Dias Renato Cunha Pinto	4	Eduardo Souto de Moura João Álvaro Rocha Manuel Grupo Dias	3	0%	100%	0%	100%
44	12/03/2016	07/05/2016	Centro Cultural de Rio Tinto, Gondomar	Souto Moura em Exposição	Exposição	CA AMAD	S.I.	Eduardo Souto de Moura Luís Fernando Alves	2	2	-	0	-	0	Eduardo Souto de Moura Luís Fernando Alves	2	Eduardo Souto de Moura	1	0%	100%	0%	100%
45	29/03/2016	29/05/2016	CCB - Garagem Sul	Arquitetura em Concurso - Percursos Críticos pela Modernidade Portuguesa	Exposição / Concurso	CCB	Luís Santiago Baptista	Ana Tostões Ana Vaz Milheiro André Tavares Armando Rabaça Bruno Gil Gonçalo Canto Moniz Ivo Poças Martins Jorge Figueira José António Bandeirinha Luís Tavares Pereira Michel Toussaint Nuno Grande Pedro Baía Pedro Bandeira Roberto Cremascoli Teresa Novaes	16	16	Ana Tostões Ana Vaz Milheiro Teresa Novaes	3	Ana Tostões Teresa Novaes	2	André Tavares Armando Rabaça Bruno Gil Gonçalo Canto Moniz Ivo Poças Martins Jorge Figueira José António Bandeirinha Luís Tavares Pereira Michel Toussaint Nuno Grande Pedro Baía Pedro Bandeira Roberto Cremascoli	13	André Tavares Armando Rabaça Bruno Gil Gonçalo Canto Moniz Ivo Poças Martins Jorge Figueira José António Bandeirinha Luís Tavares Pereira Michel Toussaint Nuno Grande Pedro Baía Pedro Bandeira Roberto Cremascoli	13	19%	81%	13%	87%
46	21/04/2016	-	Casa da Arquitectura	Álvaro Siza: Anotações à margem de Nuno Hérigo	Lançamento de livro	CA	S.I.	Álvaro Siza Vieira	1	1	-	0	-	0	Álvaro Siza Vieira	1	Álvaro Siza Vieira	1	0%	100%	0%	100%
47	21/06/2016	18/09/2016	CCB - Garagem Sul	Continuidade	Exposição	CCB	António Sérgio Koch André de França Comas	Eduardo Souto de Moura	1	1	-	0	-	0	Eduardo Souto de Moura	1	Eduardo Souto de Moura	1	0%	100%	0%	100%
48	01/07/2016	02/07/2016	Casa da Arquitectura	Casa da Arquitetura: Be a Part of	Conferências/ Conversas/ Visita	S.I.	S.I.	Albert Dubler Alexandre Alves Costa Álvaro Siza Vieira Ana Sousa Dias Ana Tostões Arnould Havard Artur Santos Silva Carme Pigem Carrilho da Graça Eduardo Souto de Moura Fernando Rocha Gonçalo Byrne Graça Correia Guilherme Pinto Guilherme Wisnik João Belo Rodêda João Mendes Ribeiro João Pedro Seridido João Santa-Rita Jonathan Sergison Jorge Carvalho Luciano Lazzari Nuno Grande Nuno Sampaio Pedro Bandeira Ramon Vilaha Ricardo Carvalho Roberto Cremascoli Suzanne Cotter	29	29	Ana Sousa Dias Ana Tostões Ana Vaz Milheiro Graça Correia Suzanne Cotter	5	Ana Tostões Carme Pigem Graça Correia	3	Albert Dubler Alexandre Alves Costa Álvaro Siza Vieira Arnould Havard Artur Santos Silva Carrilho da Graça Eduardo Souto de Moura Fernando Rocha Gonçalo Byrne Guilherme Pinto Guilherme Wisnik João Belo Rodêda João Mendes Ribeiro João Pedro Seridido João Santa-Rita Jonathan Sergison Jorge Carvalho Luciano Lazzari Nuno Grande Nuno Sampaio Pedro Bandeira Ramon Vilaha Ricardo Carvalho Roberto Cremascoli	24	Albert Dubler Alexandre Alves Costa Álvaro Siza Vieira Carrilho da Graça Eduardo Souto de Moura Gonçalo Byrne Guilherme Wisnik João Belo Rodêda João Mendes Ribeiro Luciano Lazzari Nuno Grande Nuno Sampaio Pedro Bandeira Ramon Vilaha Ricardo Carvalho Roberto Cremascoli	20	17%	83%	13%	87%
49	29/10/2016	-	Casa da Arquitectura	Outside Job	Conferência	CA	Diogo Brito	António Ponte Diogo Bleck Diogo Brito Diogo Barnav	13	13	Joana Rocha Sá Lima Rita Tapa	2	Joana Rocha Sá Lima Rita Tapa	2	António Ponte Diogo Bleck Diogo Brito Diogo Barnav	11	Diogo Bleck Diogo Brito Diogo Barnav Ulise Taboada	10	15%	85%	17%	83%









As (in)Visibilidades das Mulheres Arquitetas.

							Marta Moreira Martina Cordeiro Nuno Brandão Costa														
99	15/03/2019	06/05/2019	CCB - Garagem Sul	Distância Crítica	Conferência	CCB Trem de Lisboa	S.I. Arno Brandhuber Ed Keller Lucinda Correia Michael Morris	4	4	Lucinda Correia	1	Lucinda Correia	1	Arno Brandhuber Ed Keller Michael Morris	3	Arno Brandhuber Michael Morris	2	25%	75%	33%	67%
100	19/03/2019	25/06/2019	CCB - Garagem Sul	Conferências da Garagem	Conferência	CCB	S.I. Catherine Mosbach Oliver Wainwright Pier Paolo Tamburelli Samia Henri	4	4	Catherine Mosbach Samia Henri	2	Catherine Mosbach Samia Henri	2	Oliver Wainwright Pier Paolo Tamburelli	2	Oliver Wainwright Pier Paolo Tamburelli	2	50%	50%	50%	50%
101	13/04/2019	-	Casa Da Arquitectura	Brasil Arquitetos	Conferência	CA	S.I. Marcelo Ferraz	1	1	-	0	-	0	Marcelo Ferraz	1	Marcelo Ferraz	1	0%	100%	0%	100%
102	08/06/2019	08/09/2019	Casa Da Arquitectura	Orgânico Racional	Exposição	CA	S.I. Pedro Ramalho Nuno Brandão Costa	2	2	-	0	-	0	Pedro Ramalho Nuno Brandão Costa	2	Pedro Ramalho Nuno Brandão Costa	2	0%	100%	0%	100%
103	19/06/2019	-	CCB - Garagem Sul	The Bones of Architecture	Colóquio	CCB	S.I. Alejandro Bernabeu André Tavares Andrea Pedrazzini Atelier da Boneca Bruther Fala Joseph Schwartz Mario Rinke Rui Furtado Sebastian Skovsted Soren Johansen	11	8	-	0	-	0	Alejandro Bernabeu André Tavares Andrea Pedrazzini Joseph Schwartz Mario Rinke Rui Furtado Sebastian Skovsted Soren Johansen	8	André Tavares Joseph Schwartz Mario Rinke Sebastian Skovsted Soren Johansen	5	0%	100%	0%	100%
104	27/11/2019	-	Casa Da Arquitectura	Artes	Debate	CA FAUP	S.I. Adão da Fonseca André Santos Fernanda Fragateiro Francisco Laranjo Francisco Providência Luís Soares Carneiro Nuno Sampaio Paula Silva Sérgio Almeida	9	9	Fernanda Fragateiro Paula Silva	2	-	0	Adão da Fonseca André Santos Francisco Laranjo Francisco Providência Luís Soares Carneiro Nuno Sampaio Sérgio Almeida	7	Luís Soares Carneiro Nuno Sampaio	2	22%	78%	0%	100%
	TOTAL							766	675		138		88		537		429	20%	80%	17%	83%

Total participantes individuais - 138+537 = 675  
20%+80%=100%

Total participantes arquitetas - 88+429 = 517  
17%+83%=100%

